



**NILBER MARTINS ROSA**

**TEMPOS DISTÓPICOS? DIMENSÃO POLÍTICA DA  
EDUCAÇÃO NOS PROJETOS SOCIAIS DE FAHRENHEIT  
451 E ADMIRÁVEL MUNDO NOVO**

**LAVRAS-MG**

**2017**

**NILBER MARTINS ROSA**

**TEMPOS DISTÓPICOS? DIMENSÃO POLÍTICA DA EDUCAÇÃO NOS PROJETOS  
SOCIAIS DE *FAHRENHEIT 451* E *ADMIRÁVEL MUNDO NOVO***

**DYSTOPIAN TIME? THE POLITICAL DIMENSION OF EDUCATION IN  
*FAHRENHEIT 451* SOCIAL PROJECTS AND THE *BRAVE NEW WORLD***

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Educação, área de concentração em Formação de Professores, para a obtenção do título de Mestre.

Orientador

Prof. Dr. Carlos Betlinski

**LAVRAS - MG**

**2017**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da Biblioteca  
Universitária da UFLA, com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

Rosa, Nilber Martins.

**Tempos distópicos?** dimensão política da educação nos  
projetos sociais de *Fahrenheit 451* e *Admirável mundo novo* /  
Nilber Martins Rosa. - 2017.

122 p.

Orientador(a): Carlos Betlinski.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de  
Lavras, 2017.

Bibliografia.

1. Educação. 2. Censura. 3. Emancipação. 4. Huxley.  
5. Bradbury. I. Betlinski, Carlos. II. Título.

**NILBER MARTINS ROSA**

**TEMPOS DISTÓPICOS? DIMENSÃO POLÍTICA DA EDUCAÇÃO NOS PROJETOS  
SOCIAIS DE *FAHRENHEIT 451* E *ADMIRÁVEL MUNDO NOVO***

**DYSTOPIAN TIME? THE POLITICAL DIMENSION OF EDUCATION IN  
*FAHRENHEIT 451* SOCIAL PROJECTS AND THE *BRAVE NEW WORLD***

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Educação, área de concentração em Formação de Professores, para a obtenção do título de Mestre.

Aprovada em 07 de dezembro de 2017.

Prof. Dr. Vanderlei Barbosa UFLA

Prof. Dr. Paulo Henrique Resende Monteiro FACICA

Orientador

Prof. Dr. Carlos Betlinski

**LAVRAS - MG**

**2017**

## AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Carlos Betlinski por acreditar neste trabalho e por todas as sugestões, conversas, correções e críticas que possibilitaram a conclusão desta dissertação. Obrigado por ter feito parte da minha vida e, principalmente, por ser parte essencial para a finalização deste trabalho. Sentirei saudades das nossas conversas. Obrigado!

Aos membros da banca de qualificação e de defesa, pelas palavras e contribuições sugeridas a esta dissertação. Como foi importante cada parecer.

Ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Lavras pela oportunidade que me foi oferecida.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação por todo carinho durante as aulas, em especial, aos professores Prof. Dr. Vanderlei Barbosa, Prof. Dr. Fábio Pinto Gonçalves dos Reis, Profa. Dra. Luciana Azevedo Rodrigues e Prof. Dr. Márcio Noberto Farias, que estiveram mais próximos em minha caminhada. Muito Obrigado!

Aos colegas de curso, obrigado pelos sorrisos, pelas conversas, pelos debates e pelos sonhos compartilhados.

Aos colegas e amigos da Prefeitura Municipal da Campanha e do Seminário Diocesano Nossa Senhora das Dores que sempre entenderam e apoiaram as dificuldades inerentes a este processo.

Ao meu amigo, Roberto Silva, que entendeu e apoiou incondicionalmente o meu projeto pessoal. Muito obrigado por ter acreditado em minha potencialidade!

Ao meu pai, Miguel, que, em um grande processo de emanção, irradiou minha alma com seu amor à leitura.

À minha mãe, muito embora qualquer palavra que eu escrevesse aqui, seria absolutamente muito pouco por tudo que ela fez por mim.

Aos meus irmãos, Nauber e Nílbia, à minha sogra, Dona Nina, ao meu sogro, Sr. Anselmo, aos meus cunhados e parentes mais próximos, por sempre me incentivarem e pelas palavras sempre carinhosas que me deram força para a conclusão desta Pós-Graduação.

À minha esposa, Simone, por ter sido minha grande companheira nesta caminhada. Por toda sua sabedoria, amor, compreensão e cumplicidade. Por ter suportado minha ausência, por ter me escutado em longas conversas, por seu sorriso que me motiva, por suas palavras de conforto, por sua força e luz que me ilumina. Este trabalho é tanto meu quanto seu. Trata-se de uma conquista conjunta, por ter me dado o maior presente que um homem

pode ter, ainda durante o meu percurso de Mestrado, meu filho, Rafael. Para você só posso sintetizar meu agradecimento em três palavras: Eu te amo!

Ao meu filho, Rafael, que embora tão pequeno, foi a minha grande fonte de alegria. Espero que, um dia, ao ler este texto, saiba que o seu sorriso fez com que eu concluísse meu mestrado. Você é o meu grande amor! Eu te amo muito, meu filho! E a sua existência modificou toda a minha vida para muito melhor!

Todo trabalho acadêmico trata-se de uma grande construção coletiva. Fazemos inúmeras leituras, escutamos amigos, conversamos com vários professores, compartilhamos nossas ideias com familiares, entre outras pessoas que nem sempre vão estar nomeadas nas páginas iniciais de agradecimentos. Portanto fiz a opção de escrever o texto em primeira pessoa do plural – mesmo perdendo em alguns momentos a beleza estilística - como forma de reconhecer todas as pessoas que estiveram presentes, de alguma maneira, em minha caminhada. Com este gesto, espero estender meu carinho para todos aqueles que contribuíram para a minha formação.

## RESUMO

Em nossa dissertação, pretendemos, com base nas obras Admirável Mundo Novo (1932), de Aldous Huxley e Fahrenheit 451 (1953), de Ray Bradbury, apontar críticas, referentes aos aspectos educacionais, apresentados nessas obras e que possuem intensidade para questionar políticas educacionais presentes em nosso tempo, ou seja, a modernidade. A literatura distópica, apresentada nas obras, possui grande força crítica, e nos apropriaremos desse pressuposto para analisar questões essenciais ao processo educativo. Para tanto, buscamos estabelecer um diálogo com o filósofo Theodor Adorno e seus escritos Educação e Emancipação e Aldous Huxley e a utopia, com o objetivo de vislumbrar os reais objetivos que deveriam ser almejados em um processo educacional. Na busca por identificar esses fundamentos, realizamos uma pesquisa bibliográfica teórica, na qual nos dedicamos à apresentação do enredo das duas obras. Posteriormente, a nossa intencionalidade convergirá para o estudo detalhado dos aspectos educacionais apresentados, buscando perceber os arcabouços teóricos criticados pelos autores literários. No terceiro e último capítulo, estabeleceremos pela visão de Adorno, alguns pressupostos, para o desenvolvimento de uma educação voltada ao esclarecimento/autonomia. Acreditamos que as provocações críticas, contidas nas obras Admirável Mundo Novo e Fahrenheit 451 podem contribuir para o desenvolvimento e, principalmente, podem incitar uma reflexão sobre os rumos educacionais que estamos trilhando em nosso país.

**Palavras-chave:** Educação. Censura. Emancipação. Huxley. Bradbury. Literatura.

## ABSTRACT

In our work, we intend to point out critics, referring to the educational aspects, based on *Brave New World* (1932), by Aldous Huxley and *Fahrenheit 451* (1953), by Ray Bradbury, that have the intensity to question educational policies present in our time, that is, modernity. Dystopian literature, presented in the works, has a great critical force, and we will appropriate this presupposition to analyze questions essential to the educational process. Therefore, we seek to establish a dialogue with the philosopher Theodor Adorno and his writings *Education and Emancipation* and Aldous Huxley and utopia, in order to glimpse the real objectives that should be sought in an educational process. In the search to identify these fundamentals, we carried out a theoretical bibliographical research, in which we dedicate ourselves to the presentation of the plot from two works. Subsequently, our intentionality will converge to the detailed study of the educational aspects presented, seeking to perceive the theoretical frameworks criticized by the literary authors. In the third and final chapter, we will establish, by Adorno's vision, some assumptions, for the development of education facing enlightenment/autonomy. We believe that the critical provocations contained in the works *Brave New World* and *Fahrenheit 451* can contribute to the development and, above all, can stimulate a reflection on the educational routes that we are treading in our country.

**Keywords:** Education. Censorship. Emancipation. Huxley. Bradbury. Literature.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2</b>	<b>APRESENTAÇÃO DAS OBRAS: ADMIRÁVEL MUNDO NOVO E FAHRENHEIT 451</b> .....	17
<b>2.1</b>	<b>Admirável mundo novo – Breve enredo</b> .....	17
<b>2.2</b>	<b>Fahrenheit 451 de Ray Bradbury – Breve enredo</b> .....	34
<b>3</b>	<b>ADMIRÁVEL ESCOLA NOVA</b> .....	47
<b>3.1</b>	<b>Admirável condicionamento novo</b> .....	48
<b>3.2</b>	<b>Admiráveis censura e semiformação</b> .....	60
<b>3.3</b>	<b>Admirável nova barbárie?</b> .....	83
<b>4</b>	<b>EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO - UTOPIA A SER BUSCADA</b> .....	94
<b>4.1</b>	<b>Admirável objetivo educacional</b> .....	94
<b>4.2</b>	<b>Admirável emancipação humana</b> .....	100
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	108
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	116
	<b>ANEXOS</b> .....	119

## 1 INTRODUÇÃO

- O que há de tão encantador no fogo? Seja qual for a nossa idade, o que nos atrai nele? – Beatty soprou a chama e a acendeu novamente. – É o moto-perpétuo; a coisa que o homem queria inventar mas nunca conseguiu. Ou o movimento quase perpétuo. Se a gente o deixasse queimando, ele superaria a duração de nossa vida. O que é o fogo? É um mistério. Os cientistas nos oferecem jargões pomposos sobre fricção e moléculas. Mas realmente não sabem. Sua verdadeira beleza é que ele destrói a responsabilidade e as consequências. Se um problema se torna um estorvo pesado demais, para a fornalha com ele (BRADBURY, 2016).

A literatura sempre foi vista como uma das mais belas formas da expressão humana. Grandes questões sobre a existência do homem são temas literários, e os mais variados autores sempre buscam apresentar a sua cosmovisão. Não buscamos dotar a arte de um aspecto pragmático, no que se refere a uma finalidade, pois a literatura não está submissa a tais regramentos, e a simples atribuição de tal natureza já seria um desserviço à arte. Porém existem obras ou estilos literários que surgem com a finalidade de realizar uma profunda crítica em nossa sociedade, como as duas obras que foram o objeto de análise desta dissertação, e nosso olhar se voltará a perceber tais críticas, aplicando-as em situações observáveis em nosso contexto educacional. Atingir e valorizar a literatura como um poderoso instrumento crítico pode ser considerada a força motriz que move a nossa causa.

Em nossa dissertação, pretendemos, com base nas obras: Admirável Mundo Novo, de Aldous Huxley (1932) e Fahrenheit 451, de Ray Bradbury (1953), refletir sobre as possibilidades críticas, referentes aos aspectos educacionais, apresentadas nessas obras, para o nosso tempo. Para tanto, buscamos estabelecer um diálogo com o filósofo Theodor Adorno e seus escritos: Educação e Emancipação e Aldous Huxley e a utopia, vislumbrando os reais objetivos que deveriam ser almejados em um processo educacional emancipatório e democrático.

As duas obras, que foram objeto de análise neste trabalho, são consideradas distopias. Distopia tem sua origem etimológica nas palavras gregas *δύς* - que pode ser traduzida como “adversamente”, “ruim” ou “mau” – *τόπος* – que significa lugar – assim, teríamos como tradução literal “um lugar ruim”. O termo surge como oposição ao termo cunhado por Thomas More - utopia do grego *τόπος*-lugar e *ού* – não - ou *ευ* - eu – assim, conforme apresenta Abbagnano, “a utopia (de *ou-topia*, lugar inexistente ou, segundo outra leitura, de

*eu-topia*, lugar feliz)” (ABBAGNANO, 2007, p. 1173). Podemos entender a distopia como um lugar onde os pesadelos são realizados<sup>1</sup>.

O surgimento da distopia - como gênero literário e fílmico - foi profundamente marcado pelos acontecimentos pós-guerras, ou seja, estão introjetadas nessa visão: a tristeza do período histórico, a realidade visceral dos corpos mutilados e o contato com a maior demonstração já vista da barbárie e, portanto, os retratos traçados, nessa perspectiva literária, teriam o objetivo de evitar futuras ocorrências e manifestações da barbárie. Perceber e destacar a continuidade de algumas características político-educacionais, descritas nas distopias, nos modelos educacionais atuais, devem ser tratados com a seriedade e a preocupação que o tema merece.

As obras literárias, objetos do nosso estudo, utilizam a modernidade como principal período histórico para questionamentos. Entendemos que a análise destas obras podem oferecer um poderoso instrumento de reflexão para nossos dias, principalmente, pelo fato de a distopia ser um gênero literário que, em sua essência, visa problematizar questões pertinentes à nossa contemporaneidade.

Esse esforço em buscar realizar um paralelo com os nossos modelos educacionais, acerca das obras referidas, pode, talvez, ser visto como um desafio, proposto por Adorno, no que tange à sua crítica contida em *A Filosofia e os professores*. No texto em questão, os questionamentos do autor são direcionados à qualidade do ensino de Filosofia na Alemanha. A crítica seria quanto ao pesquisador de uma determinada obra, que, por diversas oportunidades, não conseguia perceber as suas implicações à sociedade e à sua própria vida (ADORNO, 2000, p. 26-27). Esse desafio, na verdade, condição definida por Adorno, inspirou o nosso trabalho de pesquisa. Buscamos, assim, estabelecer possíveis paralelos entre os modelos educacionais contidos nas obras e em nossa sociedade.

A obra *Admirável Mundo Novo* foi tema de outro escrito de Adorno - Aldous Huxley e a utopia - e foi enormemente criticada pelos inúmeros fatores, que apresentamos de maneira mais detalhada, posteriormente, em nossa pesquisa. Porém o artigo de Adorno não poderá ser

---

<sup>1</sup>Esse gênero literário é apresentado e contextualizado, ainda, por Abbagnano: “No século XX o gênero utópico sofreu profundas transformações. A partir da primeira guerra mundial, foram progressivamente desaparecendo as Utopias tradicionais (entre as quais devem ser arroladas *Walden II*, de Skinner, e a *Viagem de meu irmão Aleksei ao país da utopia camponesa*, de Kajanov) e afirmando-se de modo cada vez mais decisivo a chamada *antiutopia* (também chamada distopia, cacotopia ou utopia negativa), ou seja, o filão literário e cinematográfico que consiste em imaginar mundos de pesadelo (*My*, 1992, de E. Zamiatin; *Metropolis*, 1926, de F. Lang; *Brave New World*, 1932, de A. Huxley; *Nineteen-eighty-four*, de G. Orwell). Depois do fim da Segunda Guerra Mundial, a mentalidade utopista foi objeto de fortes contestações filosóficas” (ABBAGNANO, 2007, p. 1174).

o único instrumento para nossa abordagem. O referido texto busca analisar a sociedade proposta em Admirável Mundo Novo, assim como as críticas formuladas por Huxley, e as possíveis soluções propostas pelo autor. Adorno não faz um recorte, quanto aos aspectos educacionais especificados na obra. Seu objetivo está em uma análise completa de Admirável Mundo Novo, principalmente, no que diz respeito aos aspectos éticos e políticos descritos na sociedade distópica. Assim sendo, buscamos demonstrar a crítica adorniana, porém realizamos um recorte, na descrição dos processos educacionais das obras – Admirável Mundo Novo e Fahrenheit 451.

Apesar de os autores – Bradbury e Huxley - deixarem de maneira transparente suas críticas aos modelos político-educacionais, tais como: controle das ideias; possibilidade de moldar o cidadão; massificação da população; importância exagerada às *mass media*; semiformação e a barbárie, consideramos relevante nos apoiar no referencial da Teoria Crítica da sociedade, em que apresentam-se ideais a serem perseguidos nos modelos educacionais. Conseqüentemente, baseados na utilização do referencial Teórico Crítico, identificamos os pontos que são nebulosos nos modelos de educação distópicos.

Com a leitura das obras, uma questão se apresentou ao nosso olhar: Quais são os fundamentos político-pedagógicos presentes em Fahrenheit 451 e Admirável Mundo Novo?

Nosso objetivo geral foi analisar os modelos político-educacionais apresentados nas obras distópicas, estabelecendo possíveis paralelos com os modelos vigentes. Podemos apontar como objetivos específicos norteadores: 1) Caracterizar os modelos sociais e educacionais nas obras ficcionais e os arcabouços teóricos que inspiram tais modelos. 2) Comparar os aspectos político-pedagógicos das obras com o projeto educativo hegemônico de nossa sociedade. 3) Estabelecer à luz do pensamento teórico-crítico as contradições tanto nos modelos ficcionais como nos modelos educacionais propostos à educação brasileira.

A metodologia adotada, para a realização do nosso trabalho, trata-se de uma perspectiva qualitativa hermenêutica. A hermenêutica surgiu como “reflexão teórico-metodológica acerca da prática de interpretação dos textos sagrados, clássicos (literários) e jurídicos (leis)” (DOMINGUES, 2004, p. 345). Assim, em nossa dissertação, buscamos realizar a leitura das obras, observando algumas diretrizes fornecidas por essa abordagem de investigação, conforme exemplificamos: realizamos as suas leituras detalhadas; segmentamos os conteúdos e destacamos as principais ideias contidas nos textos; buscamos a fundamentação teórica de alguns princípios que estavam sendo criticados; pesquisamos depoimentos de seus autores, com objetivo de identificar suas reais intenções; e, ainda, fizemos o confronto com outros materiais que buscavam estabelecer diálogos com as duas obras. Entre as estratégias de investigação, podemos, também,

considerar que se trata de uma interpretação das obras literárias para jogar luz na realidade contemporânea. Para tanto, utilizamos a pesquisa bibliográfica com revisão literária, conforme define Köche (2011, p. 132):

A revisão da literatura é feita buscando-se nas fontes primárias e na bibliografia secundária, que registram os relatos e resultados das pesquisas efetuadas, as informações relevantes que foram produzidas e que têm relação com o problema investigado. Essas fontes de consulta podem ser obras publicadas, livros, monografias, periódicos especializados e documentos e registros existentes em institutos de pesquisa.

Ainda, conforme Köche (2011, p. 132) “O objetivo dessa documentação bibliográfica é o de acumular e organizar as idéias relevantes já produzidas na ciência, registrando-as de forma sistemática para que seja mais fácil o seu uso posterior”.

Portanto realizamos a pesquisa bibliográfica com a finalidade de emitir juízos e críticas e, principalmente, buscando perceber as contribuições críticas das obras em nossa sociedade. Conforme novamente Köche (2011, p. 132) aponta:

Concluída a documentação, inicia-se a fase da avaliação e crítica. Nesse momento deve-se estabelecer o confronto entre as idéias consideradas relevantes examinando a sua consistência, o seu nível de coerência interna e externa e comparando-as entre si.

Diante da nossa proposta, acreditamos ser necessário oferecer o itinerário que será percorrido em nossa Dissertação, conforme a distribuição dos capítulos.

O primeiro capítulo será dedicado a apresentação do enredo das duas obras, considerando os seguintes elementos norteadores: a história, possíveis paralelismos e algumas críticas. Cada uma das citadas obras será trabalhada individualmente, com uma breve descrição dos personagens principais e algumas críticas, paralelismos e distanciamentos de nosso mundo atual.

No segundo capítulo, a nossa intencionalidade convergirá ao estudo detalhado dos aspectos educacionais apresentados nas obras, buscando perceber os arcabouços teóricos que são utilizados, para a criação dos modelos político-educacionais distópicos, bem como estabelecendo diálogos com nosso referencial teórico.

No terceiro e último capítulo, buscaremos estabelecer, por meio da visão de Adorno, alguns pressupostos ao desenvolvimento de uma educação, para o esclarecimento/autonomia, o que compartilhamos que seria o ideal a ser buscado pelos modelos educacionais.

A existência humana sucessivamente esteve marcada na simbologia dos livros e do fogo apresentada de maneira *a priori* na obra de Bradbury. Pensar que a modernidade ainda utiliza o fogo, para silenciar ideias, causa-nos um enorme desconforto, e essa questão serviu como elemento catalizador para o desenvolvimento da nossa pesquisa. A censura sempre esteve presente na história humana, porém, atualmente, está revestida de outros mecanismos. Para além de todas as novas formas de censura, talvez a mais emblemática ainda seja a materialização da censura no fogo que Bradbury utiliza com primazia em sua obra. E sobre o fogo gostaríamos de tecer alguns comentários.

Como são belas as suas formas sempre fugidias, as cores que são formadas em seu interior e os sons com seus estalos característicos. Como é fascinante observar o fogo! Apesar de se fazer presente em muitas invenções humanas - como no fogão de nossas casas ou no isqueiro que acende o nosso cancerígeno cigarro e, por diversas oportunidades, passar quase que despercebido na sua pragmática utilização - dificilmente não é admirado e temido em situações que fogem aos automatismos das nossas atividades corriqueiras.

No Sul de Minas Gerais, mais precisamente na cidade de Campanha, no mês de janeiro, temos um grande ritual com o fogo, a chegada das Folias de Reis. Neste evento, as comunidades normalmente criam arcos com bambu embebidos de alguma substância inflamável, para, enfim, em um momento de grande cartarse do público, receber o “beijo da flor vermelha”, ou seja, o fogo. Com os arcos em chamas, testemunhamos diversos marumbos<sup>2</sup> com pulos esparafatosos, enfrentando os perigos ao cruzar o anel de fogo. Dificilmente quem assiste à cerimônia popular não fica encantado com a beleza dos arcos em chamas. Como é belo e paradoxal o fogo!

Na verdade, não estamos certos se o paradoxo é o próprio fogo ou a utilização que fazemos dele, ou mesmo, se não existe paradoxo algum para além de uma inquietação que queremos incitar. Inquestionavelmente os historiadores são unânimes ao afirmar que uma das maiores conquistas da humanidade foi o domínio do fogo.

A utilização da bela descoberta possibilitou ao homem cozinhar os alimentos, facilitando o processo de absorção pelo organismo humano das proteínas; possibilitou o afastamento das trevas noturnas, ampliando ou melhorando nossa capacidade visual; possibilitou a defesa das primeiras comunidades humanas contra animais predadores; com sua

---

<sup>2</sup>Palhaços que pela tradição popular seriam os responsáveis na distração dos soldados que receberam a ordem do Rei Herodes, para assassinar as crianças recém-nascidas, permitindo, desta forma, a fuga da sagrada família.

utilização o homem pôde modificar elementos – como o cobre, o bronze e o ferro – e, assim, desenvolver armas para a sua defesa e por que não dizer, para o ataque.

Provavelmente não existe paradoxo algum no fogo. O fogo é fogo, ou seja, serve para modificar, transformar, destruir ou, ainda, iluminar teorias sobre o surgimento do universo como na perspectiva heraclitiana<sup>3</sup>. Não obstante todas as formas de utilização do elemento para o homem, sempre foi uma tecnologia<sup>4</sup>, talvez, uma das primeiras tecnologias humanas.

Outra importante tecnologia desenvolvida pelo homem foi a invenção da escrita, atualmente, atribuída aos Sumérios em torno de 3.000 a.C<sup>5</sup>. Diversos povos buscaram formas de preservar essa invenção, seja em pequenas tábuas de argila, nas paredes de templos e palácios, em papiros, livros e, mais atualmente, em arquivos eletrônicos.

A invenção da imprensa pode ser considerada uma das maiores conquistas da humanidade. O historiador Jacques Le Goff, em seu livro: *Em busca da Idade Média*, dedica um subtítulo inteiro de sua obra<sup>6</sup> à grande revolução que foi a invenção da imprensa. A tese anunciada pelo autor busca demonstrar as dificuldades para a difusão do conhecimento, anteriormente, à invenção do livro. Temos que ter em mente que, na antiguidade, as ideias eram difundidas por rolos de papiros. Quantos rolos seriam necessários para condensar os livros da República de Platão? Com toda certeza, muitos! E como transportar essa quantidade de rolos? Um carrinho de mão, talvez!?

A revolução começa, no início do século IV, com a invenção do *livro-códex*. Essa invenção modifica, inclusive, a forma como os indivíduos interagem com a leitura. Segundo Le Goff, anteriormente a leitura, dificilmente, era interiorizada, pela enorme dificuldade na manipulação do papiro, porém, com a invenção do *livro-códex*, temos o desenvolvimento e popularização da leitura interiorizada. O advento da imprensa amplia, significativamente, a possibilidade de difusão do conhecimento, pois a máquina era capaz de produzir,

---

<sup>3</sup> O fogo é *αρχή* de Heráclito, tudo surge do fogo:

“Ele fala de um fogo primordial do qual, segundo uma lei eterna – “em medidas” – o arder e voltar a extinguir-se, surge o mundo com seus contrastes, e no qual ele volta novamente a cair. É provável que com isto ele não esteja pensando tanto em fogo no sentido literal, mas antes num significado mais geral e transposto, poder-se-ia talvez dizer, no sentido de uma energia primordial” (STÖRIG, 2008, p. 110).

<sup>4</sup> Conforme Abbagnano: “A totalidade das técnicas dominadas por determinado grupo ou cultura (acepção etnológica ou antropológica)”

<sup>5</sup> Porém temos que ressaltar que o desejo de deixar marcas é anterior à invenção da escrita, como exemplo, nas pinturas rupestres.

<sup>6</sup>Uma revolução: o livro. Um problema: as fontes.

imensuravelmente, mais livros que milhares de monges copistas, portanto ampliando o acesso ao conhecimento por meio desta tecnologia<sup>7</sup>.

Na tese apresentada por Le Goff, a chamada Idade Moderna, só foi possível graças ao desenvolvimento das técnicas de difusão da leitura, ocorrido no período medieval, ou seja, com o desenvolvimento do livro impresso. Queremos demonstrar, concordando com Le Goff, a importância do livro, no desenvolvimento das ideias da humanidade.

Se a importância do fogo no desenvolvimento da nossa sociedade é inquestionável, não podemos imputar a mesma inquestionabilidade aos livros – e aqui estamos querendo nos referir muito mais às ideias que propriamente aos livros físicos. Não foram poucas as oportunidades em que a sociedade perseguiu os livros/ideias – para exemplificarmos temos: a Alemanha Nazista e seus rituais para a queima de livros, os incêndios criminosos da biblioteca de Alexandria cometidos por cristãos e, posteriormente, por islâmicos, a destruição dos evangelhos apócrifos pelos cristãos coptas, a inquisição, o *index*, a perseguição aos intelectuais, no Brasil, principalmente, durante o regime militar, a censura do DOPS<sup>8</sup> e, mais atualmente, ainda no contexto brasileiro, provavelmente, um projeto de lei intitulado “Escola sem Partido”, os movimentos de censura à arte e liminares que impedem a realização de espetáculos teatrais. Em diversos momentos da nossa história, a materialização do ódio pelas ideias sempre se manifestou na destruição física dos livros.

O paradoxo que estou querendo estabelecer, no início desta dissertação, está justamente no fato da primeira tecnologia da humanidade ser utilizada, constantemente, nas suas mais variadas formas – como fogo queimando os livros ou mesmo intelectuais, como bala que mata o inimigo divergente ou como bombas que destroem cidades – para eliminar outras tecnologias. Existe algo trágico em pensar que a primeira tecnologia humana pode ser responsável pelo fim da humanidade, que foi por meio do fogo que chegamos aos livros e, que por meio dos livros desenvolvemos o maior potencial do “fogo” como a bomba nuclear Tsar<sup>9</sup>.

O paradoxo da utilização da primeira tecnologia humana, com o intuito de acabar com o desenvolvimento das ideias, apresentado em Fahrenheit 451, foi o primeiro, porém não o único motivo que nos levou a pensar sobre a importância desta dissertação. Acreditamos que as provocações críticas, contidas nas obras: Admirável Mundo Novo e Fahrenheit 451, devem ser resgatadas diante das obscuridades – da censura - que se apresentam em nossa contemporaneidade.

---

<sup>7</sup> (LE GOFF, 2005, pp. 34-35)

<sup>8</sup> Departamento de Ordem Política e Social.

<sup>9</sup> Bomba Tsar: a mais potente bomba nuclear do mundo foi detonada para testes, no dia 30 de outubro de 1961, de 50 megatons e equivale a 3.300 bombas de Hiroshima. Atingiu um raio de 100 km.

## 2 APRESENTAÇÃO DAS OBRAS: ADMIRÁVEL MUNDO NOVO E FAHRENHEIT 451

Como já relatamos anteriormente, nas duas obras, trata-se da questão da modernidade e as suas implicações. A utilização dessas duas obras distópicas demonstra a força crítica presente na literatura – por que não dizer – da arte. A literatura não possui temporalidade, apesar de estarmos frisando que as duas obras tratam da modernidade, e o melhor exemplo disso pode ser observado na importância que até hoje atribuímos às obras de Homero.

Nossa escolha, ao utilizar obras literárias, deve ser entendida como um manifesto e incentivo à valorização da leitura, e nosso enfoque está em demonstrar o poder crítico da literatura. Acreditamos que a interdisciplinaridade entre literatura, pedagogia e filosofia pode se constituir em uma importante ferramenta para a construção do conhecimento.

Reapropriar as problematizações apresentadas pelos autores, no momento atual, serve como um processo de reavaliação do nosso progresso. Estamos nos distanciando ou nos aproximando dos temores apresentados pelos autores? Essa deve a questão norteadora ao analisarmos o enredo das obras.

### 2.1 Admirável mundo novo – Breve enredo

Aldous Huxley nasceu em 26 de julho de 1894 em Godalming na Inglaterra. O autor pertenceu a uma importante família da elite intelectual inglesa; seu avô, Thomas Henry Huxley, foi um dos mais importantes biólogos darwinistas de seu tempo. Huxley chegou a estudar medicina, porém teve que abandonar o curso, pouco tempo depois, por um problema de vista. Após aprender braile e ter o seu problema de vista amenizado, formou-se em Inglês no Balliol College na cidade de Oxford. Foi roteirista de cinema, crítico literário e escreveu 21 livros entre os quais podemos citar Férias em Crome (1921), O tempo deve parar (1945) e a Ilha (1962). Morreu em 22 de novembro de 1963, data que ficou marcada, porque neste dia, também, foi assassinado o ex-presidente dos Estados Unidos, John F. Kennedy.

Sua principal obra, sem dúvida, pode ser considerada Admirável Mundo Novo que busca retratar as implicações da tecnologia em nossa sociedade. A obra apresenta inúmeras questões de biologia e consolida a influência familiar e o início da sua vida acadêmica.

O universo ficcional elaborado por Huxley tem como período histórico o ano de 632 d.F. - ou seja, 632 depois de Ford<sup>10</sup>. Portanto o futuro distópico apresentado ocorreria em

---

<sup>10</sup> Corresponde ao ano de 2495 do calendário cristão.

torno de 600 anos após a publicação da obra. A construção da sociedade “perfeita” huxleyana só foi possível, após a Guerra dos Nove Anos, que teria acontecido no ano de 141 d. F.<sup>11</sup> A tecnologia apresentada no conflito da Guerra dos Nove Anos é um misto de experiências da Primeira Guerra com a utilização de armas biológicas, principalmente, o antraz e um vislumbre de uma arma de grandes proporções como a tecnologia nuclear que foi utilizada na Segunda Guerra.

O conflito que destruiu grande parte da população mundial foi seguido do Grande Colapso Econômico e foi preciso que a sociedade se decidisse, à época, entre criar a Administração Mundial com suas dez subdivisões regionais ou a sua extinção.

A Administração Mundial, na busca por devolver o progresso econômico e a estabilidade social, implanta o regime do consumo obrigatório com resultados desastrosos. A imposição do consumo desencadeou uma enorme objeção de consciência nos habitantes com o intuito de promover o “não consumo”.

Essas informações estão nas entrelinhas da escrita do terceiro capítulo da obra, não deixa de ser interessante a forma como o autor apresenta a falha do processo de imposição e suas observações de como deve ser o governar:

- Governar é deliberar, e não atacar. Governa-se com o cérebro e com as nádegas, nunca com os punhos. Por exemplo, houve o regime do consumo obrigatório... (...)  
 (...)- A objeção de consciência em enorme escala. Tudo para não consumir. A volta à natureza... (...)  
 (...) “A volta à cultura. Isso mesmo, à cultura. Não se pode consumir muita coisa se se fica sentado lendo livros” (HUXLEY, 2016, p. 58).

Após algumas revoltas, populares e alguns massacres por parte da Administração Mundial, como: as oitocentas pessoas que eram adeptas da Vida Simples e que foram metralhadas em Golders Green, e o Massacre do Museu Britânico no qual duas mil pessoas entusiastas da cultura foram envenenadas com uma arma química, os Administradores percebem a ineficácia da violência como método de persuasão. No livro: Sobre a violência, algumas das inquietações de Hannah Arendt, aproximam-se da descoberta realizada pelos Administradores, que seriam: o poder trata-se de uma grandeza inversamente proporcional à utilização da violência. Na obra, Hannah Arendt define o poder como sendo:

O poder corresponde à habilidade humana não apenas para o agir, mas também para agir em concerto. O poder nunca é propriedade de um indivíduo; pertence a um grupo e permanece em existência apenas enquanto

---

<sup>11</sup> Ano de 2004 da era cristã.

o grupo o conserva unido. Quando dizemos que alguém está “no poder”, na realidade nos referimos ao fato de que ele foi empossado por um certo número de pessoas para agir em seu nome. A partir do momento em que o grupo do qual se originara o poder desde o começo (*protesta in populo*: sem um povo ou grupo não há poder) desaparece, “seu poder” também se esvanece (ARENDDT, 2014, p. 60-61).

O poder, como definido por Hannah Arendt, pode ser percebido na formação dos Administradores mundiais. O conselho foi formado de maneira conscienciosa por grande parte da população mundial – principalmente, por medo do retorno da barbárie – residindo neste ponto o poder popular. Porém a utilização da violência poderia diminuir o poder destes elementos, inclusive, diminuindo o seu apoio popular, como observa Arendt (2014, p. 70): “A violência sempre pode destruir o poder; do cano de uma arma emerge o comando mais efetivo, resultando na mais perfeita e instantânea obediência. O que nunca emergirá daí é o poder”.

Em uma busca, para nos aproximar mais do aprendizado assimilado pelos Administradores mundiais, podemos citar: -“Substituir o poder pela violência pode trazer a vitória, mas o preço é muito alto, pois ele não é apenas pago pelo vencido, mas também pelo vencedor, em termos de seu próprio poder” (ARENDDT, 2014, p. 71).

Diante da descoberta de que a violência não poderia ser uma ferramenta eficaz à manutenção do poder, os Administradores adotam métodos mais lentos, porém, como define o autor, infinitamente mais seguros. Os métodos adotados eram a ectogênese, o condicionamento neopavloviano e a hipnopia.

A ectogênese é narrada como sendo um processo de produção em série de humanos e que utilizava princípios do fordismo<sup>12</sup>. Os embriões recebiam diversas substâncias químicas no processo com a finalidade de sobreviver apenas os “fortes”<sup>13</sup> – uma espécie de eugenia genética. O processo. Ainda, possibilitava a administração, ou não, de oxigênio em quantidades adequadas para o embrião dependendo da casta que iria ocupar o indivíduo. O

---

<sup>12</sup> Os seres humanos eram feitos como em uma grande linha de produção: geralmente em esteiras giratórias que a cada movimento agregavam novas substâncias aos embriões.

<sup>13</sup> O avô de Huxley era um grande darwinista. Thomas Henry Huxley pode ser considerado um dos grandes precursores da ética evolucionista. Segundo Hans Joachim Störig: “Thomas Henry Huxley (1825-1895, avô do biólogo Julian Huxley, assim como do poeta Aldous Huxley), com certeza o mais influente defensor da doutrina darwinista no século XIX (já antes de A origem do homem, de Darwin, ele defendia a aplicação da doutrina da evolução ao homem), apontou com ênfase para o fato de a moral ter de pôr termo aos ímpetus naturais do homem. O acontecimento natural da evolução seria moralmente indiferente, o homem enquanto ser natural tende a conduzir a luta pela existência de maneira implacável e se multiplicar sem limites. Não se pode deduzir nenhuma orientação ética da natureza. O caminho, que o homem tende a tomar como descendente do animal, corre necessariamente de encontro ao caminho do homem moral” (STÖRIG, 2008, p. 640). Podemos por esta citação antever alguns dos conceitos que certamente influenciarão Huxley em sua obra.

processo efetivamente produzia seres com capacidades intelectuais distintas. Os Alfas<sup>14</sup> recebiam a quantidade de oxigênio normal para o seu desenvolvimento. “Quanto mais baixa é a casta – disse o sr. Foster - menos oxigênio se dá.” (HUXLEY, 2016). A inteligência não era algo digno das camadas mais inferiores, as quais deveriam ter apenas o necessário para a assimilação dos seus afazeres: “Mas nos Ípsilons – disse com muita propriedade o sr. Foster – nós não precisamos de inteligência humana” (HUXLEY, 2016). Adorno, em sua crítica: Aldous Huxley e a utopia, apresenta esse exemplo – o de empregadores contratarem pessoas com “dificuldades intelectuais” para o desempenho de alguns serviços na sociedade capitalista -, como um acerto de previsão por parte de Huxley. Segundo Adorno (1998, p. 93):

- Os vinte e cinco anos transcorridos desde a publicação do livro providenciaram confirmações suficientes: pequenos horrores como o exame de aptidão para ascensoristas, que seleciona os menos inteligentes, e outras visões apavorantes como o aproveitamento racional de cadáveres humanos.

Retornando para a descrição da sociedade huxleyriana, o processo genético ainda possibilitava incluir “habilidades”, ou melhor, condicionava os embriões para a sua função em sociedade. Para castas que deveriam trabalhar nos trópicos, por exemplo, os embriões passavam na esteira por túneis frios com cargas de raios X para que os embriões sentissem desconforto ao frio e, conseqüentemente, buscassem lugares quentes para a realização de seus trabalhos.

O condicionamento genético, ainda, preparava os embriões para serem imunes a doenças e eram preparados para o contato com substâncias químicas que, normalmente, eram utilizadas nas indústrias – o que consistia em uma espécie de vacinação para substâncias químicas.

O condicionamento neopavloviano pode ser definido em práticas que utilizavam o choque elétrico como forma de criar desconforto, nas crianças já decantadas<sup>15</sup>, em relação aos anseios da sociedade para aquela determinada casta<sup>16</sup>.

O último processo era novamente um processo educacional que utilizava o sono para emitir sentenças que ficariam incorporadas no subconsciente de todas as castas<sup>17</sup>.

Todo o processo de condicionamento é descrito por Adorno (1998, p. 94-95)

da seguinte forma:

---

<sup>14</sup> A sociedade era subdividida nas seguintes castas: Alfas –a classe intelectualmente dominante, Betas, Gamas, Deltas e Ípsilons – que seria a classe com menor aptidão genética intelectual.

<sup>15</sup> Os embriões eram introduzidos com líquidos, nos peritônios de porcos, portanto, após o seu desenvolvimento, eram decantados.

<sup>16</sup> Como já se trata de um modelo educacional, posteriormente, será mais bem detalhada no nosso trabalho.

<sup>17</sup> A hipnopedia por se tratar novamente de um processo educacional, posteriormente, terá um melhor tratamento de nossa parte.

A panaceia que garante a imobilidade social é o *conditioning*, um termo de difícil tradução que entrou na linguagem coloquial norte-americana, a partir da biologia e da psicologia behaviorista, nas quais designava o ato de provocar determinados reflexos ou modos de comportamento por modificações arbitrárias do meio ambiente e pelo controle de “condições”. Tornou-se assim sinônimo de toda e qualquer espécie de controle científico das condições de vida: a expressão *airconditioning*, por exemplo, designa a regulação mecânica da temperatura em recipientes fechados. No livro de Huxley, o termo *conditioning* significa a perfeita pré-formação do ser humano, por meio da intervenção social, desde a procriação artificial e o controle técnico do consciente e do inconsciente nos primeiros estágios de vida até o *death conditioning*, um training que retira das crianças o horror diante da morte, colocando-as diante de moribundos ao mesmo tempo que são distribuídas guloseimas, para que a partir desse momento as crianças associem a morte a algo doce.

Como resultante direta do modelo de produção humana em série, o núcleo familiar foi abolido não existindo mais pai e mãe; existindo apenas o senso de comunidade conforme estava descrito no lema da sociedade “perfeita”: “COMUNIDADE, IDENTIDADE E ESTABILIDADE”<sup>18</sup>. Foram abolidas a religião, a história, a monogamia e as emoções no modelo apresentado por Huxley. As emoções eram consideradas grande fator de instabilidade institucional, e o domínio dessas “perversões” tornava-se essencial para o objetivo da Administração Mundial: “Estabilidade – disse o Administrador – Estabilidade. Não há civilização sem estabilidade social. Não há estabilidade social sem estabilidade individual” (HUXLEY, 2016). A dissolução familiar impedia o desenvolvimento do Complexo de Édipo e, com isso, os primeiros traumas eram evitados.

O fim da monogamia e a extrema liberdade sexual, também, deveriam ser observados por uma ótica freudiana. Os instintos sexuais não seriam mais aprisionados, no caso não existindo a sublimação e os traumas provenientes desse controle por parte do superego. A descoberta sexual era estimulada desde a infância e o conceito de promiscuidade era visto de maneira positiva por toda a sociedade, pois “cada um pertence a todos” (HUXLEY, 2016) – conforme as sessenta e duas mil repetições realizadas nas sessões de hipnopédia<sup>19</sup>.

Temos a impressão, ao ler o texto de Huxley, que parte das críticas aqui desenvolvidas teriam alguma relação com a obra: *O mal-estar na civilização* de Freud, porém são apenas

---

<sup>18</sup>Adorno apresenta a seguinte interpretação sobre o lema: “*Community, Identity, e Stability* substituem os três lemas da Revolução Francesa. *Community* define uma situação de comunidade em que cada indivíduo está incondicionalmente subordinado ao funcionamento do todo, e o questionamento do sentido desse todo, no Novo Mundo, não é mais permitido, nem sequer possível; *Identity* significa a extinção das diferenças individuais, a standardização que engloba até mesmo o fundamento biológico; e *Stability*, o fim de toda e qualquer dinâmica social (ADORNO, 1998, p. 94).

<sup>19</sup> Parte do programa de condicionamento da sociedade huxleyriana que consistia em emitir sentenças por meio de equipamentos sonoros durante o sono.

impressões de nossa parte. A obra de Freud foi lançada, em 1930 e, infelizmente, não conseguimos qualquer informação sobre a leitura desta obra específica de Freud, por parte de Huxley. Em nossas pesquisas surgiram inúmeros trabalhos que justamente buscavam aproximar a obra Admirável Mundo Novo com o trabalho de Freud, porém não conseguimos encontrar elementos satisfatórios para inferirmos categoricamente que as críticas contidas, na sociedade imaginária de Huxley, seriam uma reação crítica à obra de Freud. Temos que ter em mente que a obra de Huxley foi lançada, em 1932, ou seja, com tempo suficiente para uma internalização dos conceitos de Freud, cuja obra foi lançada em 1930. Porém, caso não tenha ocorrido de fato a leitura da obra de Freud, Huxley poderia estar criticando elementos que já estavam em debates acadêmicos de sua época. Se em nossa pesquisa pairam dúvidas quanto à leitura de Freud, por parte de Huxley, para Adorno, não pairam dúvidas de que a obra faz uma crítica ao trabalho de Freud e, neste ponto, residem grandes críticas de Adorno para com a obra de Huxley.

Entendemos que as inquietações, aqui expostas, não podem passar despercebidas, pois acreditamos que algumas breves ponderações podem enriquecer e fornecer alguns elementos que incitaram nossas suposições e a afirmação categórica de Adorno sobre a questão. Em *O mal-estar da civilização*, Freud apresenta algumas investigações sobre os motivos que impedem a felicidade ao homem. Na visão de Freud, teríamos três origens para o nosso sofrimento, a saber:

Até agora, nossa investigação sobre a felicidade não nos ensinou quase nada que já não pertença ao conhecimento comum. E, mesmo que passemos dela para o problema de saber por que é tão difícil para o homem ser feliz, parece que não há maior perspectiva de aprender algo novo. Já demos a resposta, ver pela indicação das três fontes de que nosso sofrimento provém: **o poder superior da natureza, a fragilidade de nossos próprios corpos e a inadequação das regras que procuram ajustar os relacionamentos mútuos dos seres humanos na família, no Estado e na sociedade** (FREUD, 1974, p. 56, grifo nosso).

Na obra, o núcleo familiar é apresentado como uma importante fonte para a insatisfação humana. O autor irá apresentar uma hipótese para o surgimento do núcleo familiar, “Em uma época ainda anterior, em sua pré-história simiesca, o homem adotara o hábito de formar famílias” (FREUD, 1974, p. 64), esses núcleos existiam com a finalidade de cooperação entre seus membros. Com a formação familiar, ocorre um processo de sublimação dos instintos sexuais para o trabalho:

A vida comunitária dos seres humanos teve, portanto, um fundamento duplo: a compulsão para o trabalho, criada pela necessidade externa, e o poder do amor, que fez o homem relutar em privar-se de seu objeto sexual – a mulher – e a mulher, em privar-se daquela parte de si própria que dela fora separada – seu filho (FREUD, 1974, p. 64).

Portanto a existência do núcleo familiar acaba por inibir nossos instintos e, conseqüentemente, nossa felicidade. Retornando para a obra de Huxley, a dissolução do núcleo familiar poderia ter uma origem no apontamento realizado por Freud de que a família poderia impedir a felicidade humana. Diante de tal apontamento, a sociedade distópica, que anseia e persegue a felicidade, poderia, então, abdicar do núcleo familiar para a suposta felicidade. Assim sendo, a dissolução do núcleo familiar pode ser considerada uma crítica às ideias de Freud. Adorno apresenta a dissolução da família em Huxley de duas formas; a primeira como um sintoma do que ocorria na sociedade e, também, como uma crítica a Freud. Na primeira forma, a visão crítica de Adorno aponta para a dissolução da família como uma relação sintomática do que já era observado na sociedade:

Nessa ordem, todas as concepções de uma influência meramente externa da sociedade sobre os indivíduos, por meio de agentes como a família e a psicologia, são consideradas superadas. O que já hoje, é feito com a família é repetido, a partir de cima, no Brave New World. “Crianças da sociedade” no sentido mais literal possível, os homens não se encontram mais em relação dialética com a sociedade, mas coincidem com sua própria substância (ADORNO, 1998, p. 95).

Porém, em um segundo momento da obra, Adorno defende a ideia de que Huxley estava, de fato, criticando Freud. Adorno, neste ponto, aplicará duras críticas ao entendimento equivocado que Huxley tem da obra de Freud, como podemos observar:

Um sarcasmo demasiado cômodo acusa Freud de ter sido o primeiro a ter descoberto the appalling dangers of Family life. Mas foi isso mesmo que Freud fez, e a justiça histórica está do seu lado: a crítica da família como agente de opressão, muito conhecida na oposição inglesa desde os tempos de Samuel Butler, ganhou terreno no exato momento em que a família perdeu, junto com sua base econômica, sua última procuração para determinar o desenvolvimento humano, transformando-se assim na mesma monstruosidade neutralizada que Huxley denunciava com tanta insistência no âmbito da religião oficial. Em face do encorajamento à sexualidade infantil que ele atribui ao mundo do futuro, em um completo mal-entendido sobre a postura demasiado ortodoxa com que Freud aderiu ao objetivo pedagógico da renúncia aos instintos, Huxley se posiciona do lado daqueles que criticam a era industrial menos por sua desumanização do que pela decadência dos costumes (ADORNO, 1998, p. 99-100).

Outro questionamento que poderia ser fruto de um embate dos dois autores – Huxley e Freud – está na questão da sexualidade livre. Freud entende que o “amor sexual (genital)” seria uma importante fonte de satisfação do homem e, conseqüentemente, uma grande fonte de felicidade:

Mencionáramos então que a descoberta feita pelo homem de que o amor sexual (genital) lhe proporcionava as mais intensas experiências de satisfação, fornecendo-lhe, na realidade, o protótipo de toda felicidade, deve ter-lhe sugerido que continuasse a buscar a satisfação da felicidade em sua vida seguindo o caminho das relações sexuais e que tornasse o erotismo genital o ponto central dessa mesma vida (FREUD, 1974, p. 65).

Porém, as práticas sexuais livres com objetivos de atender à necessidade e aos desejos humanos sempre foram vistas de maneira repressiva pela sociedade. No modelo proposto por Huxley, a sociedade, em vez de impor limites para o controle da sexualidade, na verdade, incentivava as práticas sexuais a que fossem realizadas com o maior número de parceiros possíveis. Estamos lidando com uma sociedade que não restringiria os desejos humanos da libido. As pessoas descritas em Admirável Mundo Novo não desenvolveriam o que Freud (1974, p. 66) chamou de amor inibido:

O amor com uma finalidade inibida foi de fato, originalmente, amor sensual, e ainda o é no inconsciente do homem. Ambos – o amor plenamente sensual e o amor inibido em sua finalidade – estendem-se exteriormente à família e criam novos vínculos com pessoas anteriormente estranhas. O amor genital conduz à formação de novas famílias, e o amor inibido em sua finalidade, a ‘amizades’ que se tornam valiosas, de um ponto de vista cultural, por fugirem a algumas das limitações do amor genital, como, por exemplo, à sua exclusividade.

O modelo de sociedade em que não existiria a exclusividade nas relações sexuais poderia desencadear uma diminuição do amor inibido, e o amor genital se tomaria supremo nas relações humanas, algo que pode ser amplamente observado na obra de Huxley. Dificilmente existem relações de amizade na obra. Todo e qualquer contato pessoal que ocorre - não importando se os diálogos estão pautados para questões de trabalho - possuem uma finalidade sexual. Em algum momento, na maioria dos diálogos, observamos que o convite sexual será realizado. O sexo ocupa grande centralidade na vida da sociedade huxleyriana. A grande liberdade sexual existente na sociedade poderia ser a realização de um modelo no qual a sociedade não seria um problema para a felicidade humana, mas seria a solução para a satisfação dos prazeres da libido. Os problemas que serão ocasionados desta perspectiva

libertária pelo olhar de Huxley, poderiam conter críticas aos posicionamentos freudianos. Neste ponto, novamente, Adorno, faz duríssimas críticas ao modelo idealizado em Huxley.

Adorno aponta para o puritanismo do autor como a real fonte da crítica. Ainda apresenta que o autor incorre em um erro conceitual, a saber: confundindo liberdade sexual com degradação sexual. A sociedade de Huxley, portanto não seria uma sociedade com ampla liberdade sexual, mas, sim, uma sociedade de ampla degradação sexual.

“Sua consciência, como a de tantos ingleses emancipados, é pré-formada pelo próprio puritanismo que ele abjura. Huxley não faz nenhuma distinção entre liberação e degradação sexual” (ADORNO, 1998, p. 99).

Talvez aqui tenhamos um real motivo para uma crítica às ideias de Freud: o puritanismo latente de Huxley. Não obstante, na obra de Freud, ainda, podemos constatar a máxima sempre anunciada no livro de Huxley - de maneira quase que debochada - que “Civilização é Esterilização” (HUXLEY, 2016, p. 123).

Freud (1974, p. 60) apresenta a higiene da seguinte forma:

Esperamos, ademais, ver sinais de asseio e de ordem. Não concebemos uma cidade do interior da Inglaterra, na época de Shakespeare, como possuidora de um alto nível cultural, quando lemos que havia um grande monte de esterco em frente à casa de seu pai, em Stratford; também ficamos indignados e chamamos de ‘bárbaro’ (o oposto do civilizado), quando nos deparamos com as veredas de Wiener Wald cobertas de papéis velhos. A sujeira de qualquer espécie nos parece incompatível com a civilização. Da mesma forma, estendemos nossa exigência de limpeza ao corpo humano.

O comportamento que Freud observa pode ser considerado o comportamento predominante na sociedade fordista. Todos os autoproclamados “civilizados”, normalmente, estão muito preocupados com a máxima que apresenta a civilização como esterilização. E podemos ter, neste ponto, um deboche por parte de Huxley em relação à obra de Freud, no que tange à questão da limpeza.

Existem outros pontos de possíveis críticas entre os dois autores, porém, como já informamos, o objetivo do nosso trabalho está voltado aos aspectos educacionais da obra e, portanto, faremos apenas algumas intervenções pontuais sobre esse assunto no decorrer do nosso texto. Ainda temos que salientar que a literatura não pode ser limitada por princípios científicos e o autor possui todo o direito de não aceitar as construções da psicanálise. Portanto todos os pontos de críticas que apresentamos não devem ser entendidos como um desmerecimento ao autor, apenas gostaríamos de demonstrar algumas diferenças conceituais entre grandes intelectuais.

A veneração, em relação ao nome de Ford, merece certo destaque em nossa breve descrição do enredo do livro. Os dez administradores máximos da sociedade eram reverenciados com o título de Sua Fordeza<sup>20</sup>, e o Administrador Residente da Europa Ocidental era Mustafá Mond. O título parecia revestir o Administrador de um caráter paternal, um líder que desempenhava e atendia as necessidades do povo – uma visão de que o Estado era o pai do povo. A veneração a Henry Ford demonstra a principal característica do modelo econômico da sociedade, o capitalismo industrial. Existe uma espécie de substituição quanto à adoração; os crucifixos, antes símbolos da religiosidade cristã, foram adaptados em T, referência direta ao primeiro modelo de automóvel produzido em série, portanto símbolo de uma sociedade cujos pilares fundamentais estavam alicerçados no modelo de produção em série e no consumismo constante – outro fator de estabilidade do Estado.

Sobre o caráter fetichista do culto a Ford, Adorno (1998, p. 98) apresenta a seguinte explicação:

O culto da ferramenta enquanto tal, dissociada de qualquer finalidade objetiva – no *Brave New World* domina literalmente a hoje ainda implícita religião do automóvel, com a substituição de Lord por Ford e da cruz pela marca do modelo T - e o amor fetichista a equipamentos, esses traços evidentes de loucura que marcam justamente as pessoas que se orgulham de seu senso prático e realista, são elevados à norma de vida.

Para manter a estabilidade, a angústia necessitaria de controle. Surgiu, assim, a droga perfeita: o soma, cujos efeitos sedativos forneciam euforia e alucinações e não apresentava efeitos colaterais ao corpo. Tornava-se uma possibilidade de fuga da realidade ou como declara Mond: “Todas as vantagens do Cristianismo e do álcool; nenhum dos seus inconvenientes” (HUXLEY, 2016, p. 62). A droga “curava” qualquer aborrecimento, problema, medo, insegurança, ou como diziam: “curam dez sentimentos lúgubres” (HUXLEY, 2016, p. 62). Era a felicidade em um comprimido. Retornando novamente a Freud em *O mal-estar da civilização* temos uma descrição clínica da utilização das drogas na sociedade que correspondem inteiramente ao que foi apresentado por Huxley. Segundo Freud (1974, p. 51):

O serviço prestado pelos veículos intoxicantes na luta pela felicidade e no afastamento da desgraça é tão altamente apreciado como um benefício, que tanto indivíduos quanto povos lhes concederam um lugar permanente na economia de sua libido. Devemos a tais veículos não só a produção imediata de prazer, mas também um grau altamente desejado de independência do mundo externo, pois sabe-se que, com o auxílio desse “amortecedor de preocupações”, é possível, em qualquer ocasião, afastar-se da pressão da realidade e encontrar refúgio num mundo próprio, com melhores condições de sensibilidade.

---

<sup>20</sup> Neologismo criado com a finalidade de ser um título, ou seja, os Administradores seriam os descendentes diretos de Henry Ford, inventor do modelo de produção em série.

A descrição clínica, apresentada por Freud, da utilização de substâncias intoxicantes pode ser transferida para a obra de Huxley da mesma forma. A população utilizava o soma sempre que surgia qualquer problema. E os efeitos buscam justamente blindar o indivíduo dos problemas externos. Para exemplificar, um dos personagens principais da obra, Bernard, teve um grande problema com seu chefe e, por causa dessa desavença, o chefe deseja enviar Bernard para a Islândia como forma de punição. Logo que Bernard recebe a notícia de que irá ser transferido, logicamente fica indignado e nervoso, surgindo por intermédio de Lenina a solução de todos os problemas:

Irritou-se consigo mesmo – que imbecil tinha sido! -, com o Diretor – como era injusto em não lhe proporcionar uma última oportunidade para emendar-se, essa oportunidade que, agora, não tinha a menor dúvida, ele sempre tivera a intenção de aproveitar. E a Islândia, a Islândia...

Lenina balançou a cabeça.

- “Fui” e “serei” me deixaram doente – citou -; um grama, e com o “sou” fico contente.

Consegui, por fim, convencê-lo a engolir quatro comprimidos de soma. Ao cabo de cinco minutos, as raízes e os frutos haviam desaparecido; a flor do presente desabrochava, inteiramente rósea. (...) (HUXLEY, 2016, p. 108).

Ainda, em relação a utilização das drogas, Freud faz um poderoso alerta sobre um dos seus problemas – pois, naquela época, ainda, não haviam descoberto outros efeitos sobre o organismo humano:

Sabe-se igualmente que é exatamente essa propriedade dos intoxicantes que determina o seu perigo e a sua capacidade de causar danos. São responsáveis, em certas circunstâncias, pelo desperdício de uma grande quota de energia que poderia ser empregada para o aperfeiçoamento do destino humano (FREUD, 1974, p. 51).

Porém, para a sociedade de Admirável Mundo Novo, os efeitos de estabilidade eram mais importantes do que o aperfeiçoamento do destino humano, assim sendo, o soma era amplamente difundido pela sociedade huxleyriana. O modelo “perfeito” de Estado havia materializado a felicidade em um comprimido – algo que não foge muito das propostas de alguns medicamentos modernos. O modelo adotava o que podemos chamar de ataraxia<sup>21</sup> medicamentosa, ou seja, uma forma de se evitar os sentimentos humanos. Bastava ficar triste,

---

<sup>21</sup>O termo ataraxia foi amplamente difundido durante o helenismo para “Designar o ideal da imperturbabilidade ou da serenidade da alma, em decorrência do domínio sobre as paixões ou da extirpação destas” (ABBAGNANO, 2007, p. 98). Adorno também faz a utilização do termo ataraxia para descrever a sociedade huxleyriana, conforme observamos: “O desafogo fisiológico é desejável como parte da higiene, mas o aspecto afetivo é cancelado como desperdício de energia sem utilidade social. Deve-se evitar, a qualquer preço, toda emoção. A ataraxia proto-burguesa englobou finalmente toda e qualquer reação (ADORNO, 1998, p. 98).

chateado, cansado, nervoso - ou qualquer outro sentimento humano que produz desconforto, que o *soma* apaziguava, na verdade, extinguiu, e tudo era resolvido. Os conflitos intelectuais não existiam nesse mundo, pois eram prejudiciais, portanto, em vez de conversar sobre um assunto existencial, bastava tomar um *soma*. Na verdade existe, durante todo o decorrer do livro, uma enorme importância aos comprimidos em uma demonstração do poder exercido pelo controle farmacológico.

A sociedade “ideal”, nos moldes huxleyanos, seria uma sociedade capitalista-industrial, em que o consumismo era imposto e condensado no subconsciente coletivo. Cada indivíduo seria preparado para desempenhar apenas o seu papel na sociedade. O conhecimento científico, pragmático era o centro de todo o saber humano não existindo espaço para a metafísica – algo que deixaria Augusto Comte feliz. As religiões, a família, os sentimentos e o ócio eram rejeitados da sociedade. Os questionamentos, as dúvidas, os livros, os sentimentos humanos e os pensamentos conturbados deveriam ser substituídos pelos fármacos, ou melhor, pelo *soma*. Uma sociedade cujos indivíduos aceitavam a sua predestinação genética realizada pelo condicionamento estatal: “- E esse – interveio o Diretor – é o segredo da felicidade e da virtude: amarmos o que somos *obrigados* a fazer. Tal é a finalidade de todo o condicionamento: fazer as pessoas amarem o destino social de que não podem escapar” (HUXLEY, 2016, p. 29).

Em contraponto à “civilização”, existia, no Novo México, a Reserva dos Selvagens, uma área de cinco mil quilômetros separada por uma cerca eletrificada de sessenta mil volts. No local viviam “cerca de sessenta mil índios e mestiços... absolutamente selvagens...” que conservavam hábitos considerados hediondos pela civilização. Local, onde humanos ainda nasciam em virtude do ato sexual e eram acolhidos em famílias. Antigos costumes, como o casamento, a espiritualidade, a superstição, o Cristianismo, o totemismo, o culto aos antepassados, línguas extintas e as moléstias, ainda, resistiam ao contato com a “civilização”, ou melhor, seriam isolados da “civilização” e “protegidos” – o melhor termo seria: confinados como em um gueto. No isolamento, somente pessoas autorizadas pela Administração Mundial poderiam conhecer a reserva e quem nascia no local nunca poderia abandoná-lo - as cercas eletrificadas cuidavam de eliminar possíveis fugitivos da área. A reserva significava o anticivilizatório descrito, principalmente, pela imundície.

Após conseguir autorização, o Alfa-Mais, Bernard Marx, que trabalha com psicologia, e sua acompanhante, Lenina, uma Beta que atuava no departamento de imunização a doenças em embriões, entram em contato com o mundo dos selvagens. Bernard era um Alfa-Mais atípico, pois possuía estatura inferior em oito centímetros de um Alfa típico, fato que sempre o

perturbou e gerava constrangimento social. Outro ponto que merece uma observação especial é a busca incessante de Bernard em evitar a utilização do Soma e que parece interferir na forma como ele enxerga o mundo ao seu redor, nas palavras de Adorno: “Bernard Marx, que pensa ser mais inteligente que os outros, apenas por ter-se elevado acima da estupidez geral” (ADORNO, 1998, p. 103). O Alfa- atípico, em inúmeras ocasiões, parece questionar situações consideradas normais na sociedade pós-fordiana. Já Lenina era caracterizada como uma mulher bela, extremamente incorporada aos padrões da sociedade, apenas em uma questão a distância do padrão exigido: algumas vezes, aparece uma insinuação de que Lenina buscava um relacionamento estável. Porém, mesmo existindo um desejo de permanecer com seu parceiro preferido, para se adequar aos valores sociais, acabava por aceitar o convite de Bernard para conhecer a Reserva Selvagem.

No contato com o mundo ainda primitivo, os dois conhecem o selvagem John. A origem de John é bastante peculiar e merece ser destacada. Filho de Linda, uma Beta, com um Diretor Alfa – às vezes, os medicamentos falhavam para manter uma mulher estéril, e era normal na sociedade fordiana a realização de abortos. Beta sofre um acidente em uma visita à Reserva e é abandonada no local. Após ser acolhida e passar por procedimentos rudimentares médicos, ela descobre que estava grávida e, por vergonha, decide viver na reserva. John, portanto herda a genética dos pais e, desta forma, não consegue ser totalmente integrado ao ambiente selvagem, tanto por sua aparência exterior, assim como também por culpa dos comportamentos promíscuos adotados por sua mãe e que, de certa maneira, eram rechaçados na sociedade Selvagem.

Bernard, com objetivos de confrontar o Diretor, decide realizar o encontro cultural de Linda e John com a “civilização”.

Boa parte do livro envolverá o embate cultural da “civilização” e o “selvagem”. O selvagem sendo considerado o pitoresco, o diferente, o exótico e atraindo inúmeros olhares das pessoas, principalmente, por causa das especificidades culturais dos dois mundos. Podemos destacar dois pontos relevantes no desenrolar da obra; o primeiro será a relação do triângulo amoroso, Bernard, Lenina e John, e o segundo ponto, o deslumbramento de Bernard por ter se tornado o centro das atenções, deixando de ser o “esquisito”, para ser o desejado, por acolher em sua casa, John.

Ponto de grande destaque e que merece um olhar mais atento do leitor será o diálogo do Selvagem e Sua Fordeza, Mustafá Mond, nos capítulos dezesseis e dezessete. A conversa que ainda conta com a presença de Bernard e Helmholtz – amigo também questionador de Bernard – trata-se de um ponto de ápice da obra. No diálogo, o Administrador irá elucidar algumas

obscuridades da criação da sociedade “perfeita”, além de apontar os motivos da inexistência de livros e da religiosidade no modelo de sociedade fordista.

A cúpula revolucionária formada por Bernard, Helmholtz e John será desfeita após a conversa com Mond. Bernard e Helmholtz foram enviados, para uma das inúmeras ilhas científicas, onde pessoas que não conseguem ser felizes, na sociedade do Admirável Mundo Novo, podem realizar pesquisas e, conseqüentemente, buscar realizar questionamentos de maneira livre. Já, John irá buscar o isolamento que acaba de maneira trágica – suicídio - após a descoberta de seu paradeiro por equipes de rádio.

Huxley, no prefácio da obra que data o ano de 1946, declara que “O tema de *Admirável Mundo Novo* não é o avanço da ciência em si; é esse avanço na medida em que afeta os seres humanos” (HUXLEY, 2016, p. 10). Ele, também, demonstra a clara preocupação com os totalitarismos políticos e que perpassam toda a obra de Admirável Mundo Novo. Para Huxley (2016, p. 13):

Um Estado totalitário verdadeiramente eficiente seria aquele em que os chefes políticos de um Poder Executivo todo-poderoso e seu exército de administradores controlassem uma população de escravos que não tivessem de ser coagidos porque amariam sua servidão. Fazer com que eles amem é a tarefa confiada, nos Estados totalitários de hoje aos ministérios de propaganda, diretores de jornais e professores.

Portanto podemos perceber aqui a preocupação do autor com o domínio exercido e formatado pelos aspectos educacionais. Fato que será analisado com maiores detalhes no segundo capítulo do nosso trabalho.

As principais críticas de Adorno na obra: Primas crítica cultural e sociedade, estão relacionadas ao fato de que Huxley apresenta inúmeros questionamentos à sociedade, porém incorre em diversos paradoxos – até mesmo contradições.

Uma das primeiras críticas realizadas no texto, já foi mencionada, porém acreditamos ser importante o seu resgate, o puritanismo latente em Huxley. Para Adorno, Huxley criticava os “sóbrios, mas, no íntimo, é inimigo de qualquer embriaguez” (ADORNO, 1998, p. 99). Huxley seria fruto de uma civilização extremamente voltada aos aspectos puritanos – ou seja, todo e qualquer prazer é visto como um pecado – e, assim, acaba por confundir conceitos importantes com os já mencionados: liberação e degradação sexual. No olhar de Adorno, a total exposição da sexualidade, por si só, é capaz de destruir a sexualidade. Como exemplo, apresenta que “A fuga do mundo leva à colônia de nudismo, onde até mesmo a sexualidade é

destruída por sua total exposição” (ADORNO, 1998, p. 99); talvez, esse fosse o fim da sexualidade pensada na sociedade huxleyriana.

Esse argumento pode ser percebido em Adorno, ao comentar que existe uma presença estatal na sexualidade das pessoas, mesmo com todos os indícios de que o Estado permite de maneira livre o comportamento sexual, na verdade, ele o controla. Na narração de uma cena de orgia, fica evidente que a orgia não fluía com a naturalidade esperada em um momento de grande liberdade. Podemos observar que mesmo a orgia foi institucionalizada pelo estado fordista e está repleta de medidas protocolares que se assemelham a uma cerimônia religiosa, retirando, portanto toda e espontaneidade do momento.

Adorno infere que: “(...) se o prazer realmente tivesse se liberado dos freios institucionais que o atrelam até mesmo na “orgy-porgy”, então, o *Brave New World* se dissolveria.” Assim, desfaz-se a ideia de que existia uma enorme liberdade sexual, pois, na verdade, podemos perceber que a imposição do Estado em existir “liberdade sexual” já pode ser considerada, em si mesma, um controle sexual.

Outro ponto interessante da crítica de Adorno refere-se ao fato da máxima ética da sociedade de Admirável Mundo Novo de que “cada um pertence a todos” (HUXLEY, 2016, p. 50) .

Para Adorno (1998, p. 100):

Seu princípio moral supremo reza que todos pertencem a todos, a absoluta fungibilidade extingue o homem enquanto indivíduo e liquida seu último “em si” como mitologia, determinando o homem como mero “para outro” e com isso, segundo Huxley, aniquilando-o.

Para Adorno, esse conceito trata-se de uma grande falácia. Um regime totalitário só existe na “dominação como a disposição de uns sobre outros, mas não como a total disposição de todos sobre todos” (ADORNO, 1998, p. 101). Onde todos mandam, não pode existir totalitarismo.

O homem em Admirável Mundo Novo transcorre um grande itinerário para a sua reificação, na verdade, todos os processos descritos desde a concepção até aos aspectos educacionais, que serão posteriormente aprofundados, surgem como forma de “coisificar” o ser humano. Huxley apresenta como uma solução, para o fim da “coisificação” humana, aspectos que já possuem em sua composição a própria reificação, a saber: “romance, a paternidade, a família, o indivíduo e sua propriedade, já são produtos da reificação” (ADORNO, 1998, p. 102).

Adorno não poupa nem mesmo o “herói selvagem” da história. Em um dos momentos mais importantes da obra, o “selvagem”, enfim, consegue ficar a sós com Lenina. Beta faz o que todas as mulheres de sua sociedade fariam, busca um desfecho sexual com seu

“desejado”. Porém a reação de John foi extremamente violenta com a mulher que se ofertou. Huxley, provavelmente, buscava apresentar o ocorrido, como bem descreve Adorno, em uma espécie de “protesto da natureza contra a fria arrogância da moda” (ADORNO, 1998, p. 102). Porém, na avaliação de Adorno (1998, p. 102), os resultados foram desastrosos:

(...) a justiça poética apresenta essa revolta muito mais como a agressão de um neurótico, a quem Freud, tão maltratado por Huxley, poderia facilmente apontar a homossexualidade reprimida como motivo de sua pureza forçada. Ele xinga a moça de puta da mesma forma como o hipócrita treme de raiva diante do que deve proibir a si mesmo.

Outro momento importante na crítica adorniana está nas questões que originam as reflexões sobre o modelo da cultura de massa – ponto importante para o nosso trabalho. Adorno acusa Huxley de criticar a cultura de massa apenas como forma de valorizar o passado, ou seja, em um claro espírito de nostalgia pelas coisas que o autor considerava extremamente importantes, existentes no passado e que estão sendo substituídas na sociedade de seu tempo. Adorno, portanto, adota uma postura de realocar os reais motivos que deveriam ser adotados para o correto questionamento da influência da cultura de massa. “A luta contra a cultura de massa pode subsistir unicamente na demonstração dos vínculos entre essa cultura e a continuidade da injustiça social” (ADORNO, 1998, p. 105).

Continuando de maneira belíssima:

Nós criticamos a cultura de massa não porque ela oferece demais às pessoas ou porque torna suas vidas demasiado seguras – deixemos isso para a teologia luterana -, mas porque ela contribui para que os homens recebam muito pouco e muita porcaria; para que camadas sociais inteiras vivam, interna e externamente, em uma miséria terrível; para que os homens se resignem a aceitar a injustiça; para que o mundo seja mantido em uma situação tal, que apenas reste a alternativa entre uma catástrofe gigantesca e a conspiração de elites insensíveis para a garantia de uma paz duvidosa (ADORNO, 1998, p. 105-106).

Huxley parece discutir “as coisas” certas pelos motivos “errados”. De maneira esdrúxula, parece-se com o típico homem que incentiva sua esposa a ir a uma festa, não para que ela se divirta com suas amigas, mas, sim, porque ele precisa de tempo para ficar com sua amante. Adorno irá dirigir a sua crítica a outros pontos, mas parece-nos que sempre são direcionadas aos reais motivos a que o autor buscar realizar seus questionamentos. O autor se apresenta para Adorno como um reacionário saudosista. As soluções são muito simplistas para os problemas e, muitas vezes, com os motivos equivocados.

Por enquanto, limitaremos a demonstrar apenas mais uma crítica em detrimento das outras. A maior crítica que Adorno transfere à obra de Huxley e para praticamente todas as obras distópicas, seria: o erro da previsibilidade!

A distopia surge com a finalidade de prever que o futuro da sociedade cairá em grande fracasso, a qual está enraizada na sociedade de sua época. Utilizar a distopia como um instrumento de adivinhação do futuro se traduz em um grave equívoco. Segundo Adorno, a “transformação dos homens não pode ser calculada e escapa à imaginação antecipadora, ela é substituída pela caricatura dos homens de hoje, segundo o procedimento, muito antigo e conhecido da “sátira” (ADORNO, 1998, p. 114-115)”.

Em outro momento do texto, o teórico crítico apresenta a seguinte afirmação:

O que fracassa não é a fantasia exata, mas o próprio olhar para o futuro distante, a tentativa de adivinhar a facticidade do que não existe, uma postura marcada pela impotência da presunção (ADORNO, 1998, p. 113).

Nos apontamentos adornianos, percebemos que um dos pontos mais críticos das distopias está em ser uma possível leitura de um futuro, quando ela está pautada em um presente. Porém, como leitura de um presente, a obra possui força crítica – apesar de as soluções apresentadas pelo autor não serem tão nobres assim.

O grande questionamento de Adorno está no fato de que não é possível prever o movimento da sociedade humana. Porém, em diversos pontos da obra, podemos observar aspectos de concordância no que se refere a perceber movimentos que já estão ocorrendo na sociedade. Esses elementos possuem grande valor crítico, todavia as grandes discordâncias entre os dois autores estão no fato de o autor de Admirável Mundo Novo estar realizando a obra com intuítos claramente puritanos, saudosistas e reacionários.

Diante de todas as críticas apontadas por Adorno, devemos nos perguntar: Uma obra tão criticada por Adorno pode conter elementos que favoreceriam uma crítica em nossa sociedade atual? A obra foi duramente criticada por Adorno, quanto aos aspectos: retrógrados, puritanos adivinatórios e reacionários, no entanto ela não falha em retratar aspectos importantes que estavam ocorrendo, naquele momento, na sociedade real de Huxley.

Os elementos que buscavam ser criticados mereciam de fato serem criticados e, como bem alertou Adorno, “A ficção do futuro curva-se diante da onipresença do presente: o que ainda não foi torna-se cômico pelo efeito medíocre de sua semelhança com o que já é, como os

deuses das operetas de Offenbach<sup>22</sup> (ADORNO, 1998, p. 115), ou seja, a obra trata-se de uma perspectiva de seu tempo, com críticas para o seu tempo e com interesses ao seu tempo histórico. Ora, não existe valor na obra, portanto de previsão ao futuro da sociedade, logo não devemos ignorar o seu poder crítico para com a sociedade de sua época.

Não estamos buscando confirmar previsões realizadas, no ano de 1932 e que, atualmente, poderiam ser percebidas com clareza em nossa sociedade. Na verdade, o que buscamos por meio desta pesquisa, transcorridos 85 anos da publicação de Admirável Mundo Novo, é identificar quais aspectos já eram percebidos e criticados na sociedade em 1932 e, de alguma maneira, ainda, permanecem em nossa sociedade – logicamente que ressalvamos as hipertrofias cômicas existentes. Nosso olhar se voltará para as críticas educacionais contidas na obra e que, de maneira estranha, ainda, podem estar sobrevivendo em nossa sociedade. E, desse modo, perceber se nossa sociedade permanece caricaturizada na obra de Huxley. Porém, se o autor critica as coisas certas pelos motivos errados, em relação à nossa pesquisa, buscamos nos apropriar das reflexões da teoria crítica como forma de nos aproximar dos motivos certos, ou seja, buscamos criticar as coisas certas pelos motivos certos. Este será o nosso desafio.

## **2.2 Fahrenheit 451 de Ray Bradbury – Breve enredo**

Ray Bradbury nasceu em 22 de agosto de 1920 em Waukegan nos Estados Unidos. Diferentemente de Huxley, que pertencia a uma família da elite econômica, Bradbury nasceu em uma família de classe média. Sua mãe, Esther Moberg-Bradbury, nasceu na Suécia e imigrou para os Estados Unidos, após a Primeira Guerra Mundial, seu pai, Leonard Spaulding Bradbury, trabalhava como técnico de telefonia.

O autor trabalhou como roteirista, escreveu algumas peças de teatro, inclusive, a versão de Fahrenheit 451. Escreveu 11 romances e diversos contos. Fahrenheit 451 tornou-se a obra mais famosa, principalmente, pela adaptação realizada pelo cineasta francês François Truffaut, em 1966, porém não foi a única adaptação, cerca de 27 obras de Bradbury foram adaptadas para cinema, televisão, rádio e teatro. Incomodado com inúmeras manifestações que exigiam mudanças em seus textos, Bradbury escreveu Fahrenheit 451, que pode ser considerada uma obra essencialmente contra a censura.

---

<sup>22</sup>As obras de Offenbach são conhecidas por suas caricaturas. Os deuses gregos são transportados ao universo de Paris e, com isso, ocorrem as críticas à sociedade parisiense.

Na obra Admirável Mundo Novo, temos uma apresentação introdutória nos três primeiros capítulos de como funcionaria a sociedade distópica, já na obra de Bradbury, não se busca descrever, de maneira tão incisiva, como na obra de Huxley, as particularidades da sua sociedade distópica. O leitor, ao longo da história, irá observando alguns detalhes e intuirá sobre algumas questões do funcionamento do Estado. A dificuldade relatada deve-se à centralidade no personagem Guy Montag. O estilo narrativo não permite ao leitor saber algo além do que Montag sabe. Podemos considerar que o autor busca criar uma atmosfera de um narrador-observador, porém, em alguns momentos, esse narrador passa a ser onisciente em Montag. Portanto o autor nos convida, na leitura da obra, a acompanhar Montag e a sua vida. Contudo, ao acompanhar a trajetória do personagem principal, aos poucos, somos inseridos no universo político, econômico, psicológico e educacional da sociedade de Fahrenheit 451.

Diante dos vestígios apresentados na obra sobre o funcionamento da sociedade, faremos um movimento inverso à proposta do autor. Buscaremos demonstrar e apresentar a sociedade de Fahrenheit, de maneira inicial, apenas para facilitar a nossa explanação e o estilo da nossa escrita. Caso contrário, estaríamos sujeitos a descrever de maneira muito pormenorizada a obra, parecendo muito mais um resumo que a apresentação do seu enredo.

Feitas essas ressalvas, podemos classificar a sociedade de Fahrenheit 451 como um regime presidencialista com características totalitárias. Existem eleições, na sociedade distópica da obra, porém existem sérias restrições e arbitrariedades características de uma sociedade totalitária. Entre essas características totalitárias, podemos citar a possibilidade de eliminar indivíduos que não se enquadram nas propostas da sociedade – para exemplificar a nossa afirmação, podemos apontar o momento em que ocorre a perseguição ao personagem principal da trama. Demonstra-se que o sistema de captura de procurados não apresenta falhas – e o personagem principal, conseguindo despistar o robô que realizava a sua caça - acaba por matar um indivíduo qualquer, escolhido apenas por, também, apresentar características perigosas ao olhar do sistema político.

Ainda, no que tange ao modelo presidencialista de eleições, podemos perceber a futilidade dos eleitores na escolha dos candidatos na sociedade de Fahrenheit 451. Em momento interessante da obra, percebemos que as pessoas realizavam a escolha de seus candidatos por motivos esdrúxulos, como exemplo, a transcrição deste diálogo:

- Vamos falar de política, para Guy ficar contente!
- Parece ótimo – disse a sra. Bowles. – Como todo mundo, eu votei na última eleição e assinei embaixo pelo presidente Noble, é claro. Acho que ele é um dos homens mais bonitos que já chegaram à Presidência.

- Ah, mas também com o homem que a oposição lançou para disputar com ele!
- Não era grande coisa, não é mesmo? Meio baixinho e feioso, não fazia direito a barba nem sabia se pentear muito bem.
- O que deu na oposição para lançá-lo como candidato? Não se pode lançar um baixinho desses contra um homem alto. Além disso... ele resmungava. Metade do tempo eu não conseguia ouvir uma palavra do que ele dizia. E quando eu *ouvia*, não entendia!
- E além disso era gordo, e nem disfarçava com as roupas. Não admira que a maioria esmagadora dos votos fosse para Winston Noble. Até os nomes ajudaram. Basta comparar Winston Noble com Hubert Hoag por uns dez segundos para adivinhar o resultado.
- Ora essa! – protestou Montag. – O que vocês sabem sobre Hoag e Nobler?
- Ora, não faz seis meses que eles estavam bem ali naquela parede. Um deles não parava de beliscar o nariz; aquilo me deixava louca.
- Então, senhor Montag – disse a sra. Phelps -, o senhor acha que iríamos votar num homem desses? (BRADBURY, 2016, p. 93).

A citação é bastante reveladora e apresenta inúmeros elementos que merecem um melhor destaque. Podemos inferir que existem eleições, porém não podemos deixar de nos perguntar se não existe algum tipo de manipulação, já na escolha do candidato rival, na sugestão de um candidato “visualmente mais desqualificado” que o vencedor das eleições – e, talvez, o candidato desejado pelo sistema político. Mesmo que possa existir essa manipulação na sociedade - e que essa seja a real intenção do autor - não podemos afirmar que se trata de uma eleição fraudada, por não termos mais nenhuma referência na obra sobre o processo eleitoral.

Não obstante tal conclusão poderia ser um grande desrespeito com a história recente política do nosso país. A descrição das eleições, em Fahrenheit 451, parece ser uma descrição fidedigna das eleições ocorridas, em 1989, no Brasil. Lembramo-nos de testemunhar várias pessoas dizerem ter votado em Fernando Collor por ele ser bonito – e isso causava uma profunda irritação em meu pai. Paralelamente, diziam que Luiz Inácio Lula da Silva não tinha “porte” para ser presidente do Brasil.

A imagem visual dos dois, então candidatos brasileiros, não estaria nenhum pouco divergente da que observamos na citação, principalmente, no último debate realizado pelos presidencialistas<sup>23</sup>. De um lado tínhamos um homem bem vestido, alto, com um cabelo tão bonito quanto o de protagonistas de novelas e, impecavelmente belo em seu terno; do outro lado, um homem com barba extremamente mal aparada, baixinho, com erros de português em sua fala e uma gravata que parecia não pertencer àquele corpo. Nem mesmo Nostradamus teria um poder de previsão tão absurdo quanto ao apresentado por Bradbury.

---

<sup>23</sup> Disponível no youtube.

Porém, passando-se mais de vinte anos deste acontecimento político brasileiro, nas eleições de 2013, testemunhamos a mesma situação em relação à disputa entre Aécio e Dilma. Diversas pessoas diziam que votaram em Aécio por ele ser bonito e ter mais controle de câmara que a Dilma, segundo eles: “uma mulher que nem sabia falar”. Portanto votar por motivos torpes e fúteis não é uma especificidade da obra de Brandbury. A sociedade distópica, de fato, neste ponto, chegou até nós! Com conotação irônica, afirmamos: Adorno teria que realizar uma errata neste ponto da sua crítica – no que tange à incapacidade de prever o futuro das distopias como já mencionamos em Huxley.

Outro ponto que merece ser destacado, ainda nos referindo à citação, trata-se da onipresença dos meios de comunicação em massa. Talvez neste trecho não fique tão em evidência tal questão, porém, durante toda obra, podemos perceber que se trata de uma sociedade extremamente audiovisual. Existe a onipresença das telas, na vida dos habitantes do universo distópico, a ponto de ser um objeto de status social. Quanto mais tevês na casa, mais respeitado alguém será pelas pessoas. A onipresença das tevês era tamanha que eram chamadas de “família”:

- Você poderia desligar o som do salão de tevê – pediu ele.
- É a minha família.
- Não pode desligar nem quando estou doente?
- Vou abaixar o volume (BRADBURY, 2016, p. 50-51).

Ou mesmo nesta citação:

- Cale a boca dos parentes – disse Beatty, olhando tudo em volta exceto Montag e sua esposa.
- Desta vez, Mildred correu. As vozes estridentes pararam de gritar no salão (BRADBURY, 2016, p. 55).

O livro narra ainda dispositivos auriculares – chamados de radioconcha - que podiam captar as rádios e que, normalmente, as pessoas utilizavam constantemente. A onipresença dos eletrônicos pode muito bem ser comparada com o que ocorre no nosso mundo atual. Celulares que são onipresentes, para quase todos os indivíduos e que dificilmente são desligados, mesmo em situações em que o convívio real seria mais importante que o virtual ou, ainda, a enorme quantidade de tevês nas residências atuais, chegando a existir uma para cada cômodo da casa. Referindo-se à importância dos meios de comunicação em massa, na obra, devemos destacar: o controle estatal sobre a programação; a superficialidade dos programas televisivos; e a simbiose existente entre humanos e a necessidade dos mecanismos eletrônicos. Por isso, podemos afirmar que se trata de uma sociedade extremamente avançada do ponto de vista tecnológico, todavia extremamente dependente dessa tecnologia. Também

podemos estabelecer inúmeros paralelos com a nossa realidade, na qual, em muitos casos, as pessoas dão mais importância ao chamado mundo virtual que às suas próprias vidas.

Não obstante a onipresença dos dispositivos eletrônicos, não podemos deixar de mencionar que se trata, assim como a sociedade de Admirável Mundo Novo, de uma sociedade consumista. O consumismo é o assunto preferido da sociedade, conforme observamos:

- As pessoas não conversam sobre nada.
- Ah, elas devem falar de alguma coisa!
- Não, de nada. O que mais falam é marcas de carros ou roupas ou piscinas e dizem: “Que legal!”. Mas todos dizem a mesma coisa e ninguém diz nada diferente de ninguém. E, nos bares, ligam os jukeboxes e são mesmo as mesmas piadas, ou o telão musical aceso e os desenhos coloridos ficam subindo e descendo, mas é só cor e tudo abstrato. (...) (BRADBURY, 2016).

Em Admirável Mundo Novo, encontramos os mesmos elementos e Adorno (1998, p. 97) os comenta da seguinte forma:

A transformação virtual do mundo em mercadorias, a pré-determinação pela maquinaria social do que é pensado e dito torna o falar ilusório: sob a maldição da mesmice, o falar se desintegra em uma série de juízos analíticos. As damas do Brave New World – e nesse caso não foi preciso nenhuma extrapolação – conversam apenas como consumidoras. Por princípio, a conversa trata apenas do que consta no catálogo da indústria onipresente, informações sobre o que está sendo oferecido. Objetivamente supérfluas, essas conversas são invólucros vazios do diálogo, cuja ideia foi um dia a de encontrar aquilo que não se sabia de antemão. Sem essa ideia, o diálogo estaria pronto para desaparecer. Pessoas completamente coletivizadas e que não param de comunicar-se deveriam desfazer-se imediatamente de qualquer comunicação, reconhecendo-se como mônadas mudas, o que já eram secretamente desde os primórdios da era burguesa.

Seria até redundante associar o texto ao que ocorre em nossa sociedade, uma vez que esse fato já era amplamente observável na época de Adorno, porém o que percebemos em nossa sociedade é um exacerbamento das questões já postas. Para que não parem dúvidas, basta observar o que a maioria das pessoas posta atualmente no facebook. A futilidade dos assuntos tornou-se regra no mundo atual, e as opiniões são transformadas em premissas inquestionáveis. Parece que os conteúdos das conversas nas redes sociais giram, em sua maioria, para os fatores denunciados por Huxley, Adorno e Bradbury.

Em Admirável Mundo Novo, temos uma sociedade extremamente genética em que não existem partos naturais, já em Fahrenheit 451, as pessoas não buscam ter filhos, porém, quando os têm, normalmente nascem pelo procedimento de cesariana. Existindo o nascimento de crianças, a responsabilidade da criação passa ao Estado, não existindo vínculo familiar, conforme podemos observar:

- Com ou sem cesariana, filho é uma desgraça; você perdeu o juízo – disse a sra. Phelps.
- Meus filhos ficam na escola nove dias seguidos e depois eles têm um dia de folga. Eu os aguento em casa três dias por mês; não é nada de mais. A gente põe as crianças no “salão” e liga o interruptor. É como lavar roupa: é só enfiar as roupas sujas na máquina e fechar a tampa. – A sra. Bowles riu. – Para elas tanto faz me dar um chute ou um beijo. Graças a Deus, eu também sei chutar! (BRADBURY, 2016, p. 93).

Por essa citação podemos perceber como eram descritas pelo autor as relações entre pais e filhos no sistema, porém temos que fazer uma ressalva, pois, como as indicações ocorrem apenas no contexto desta conversa no livro, existe o risco de estender como existindo esse comportamento em toda a sociedade, pois, na obra, ainda, existem comportamentos familiares que destoam da falta de sensibilidade demonstrada pela família da sra. Bowles, porém essas famílias são perseguidas e, muitas vezes, eliminadas da sociedade, como foi o caso da família de Clarisse, uma importante personagem da história a que logo faremos algumas considerações e apresentações.

Um elemento que está presente na obra de Huxley e que permanece na obra de Bradbury é a utilização de substâncias químicas para o distanciamento da sociedade. Porém, se o soma de Admirável Mundo Novo não apresentava efeitos colaterais, na obra de Bradbury, ocorre frequentemente overdose por causa destes medicamentos. Em um diálogo estabelecido entre Montag e dois técnicos enviados, para realizar o procedimento de emergência, após a esposa de Montag, Mildred, tomar 30 cápsulas do remédio para o sono, percebemos se tratar de um problema social a utilização da droga:

- Resolvemos uns nove ou dez casos desses por noite. De uns anos para cá, passaram a ser tantos que mandamos construir as máquinas especiais. A novidade, é claro, foi a lente; o resto é antigo. Não é preciso médico para um caso como este: bastam dois biscateiros que, em meia hora, resolvem o problema. Olha – disse ele, começando a andar em direção à porta -, precisamos ir. Acabamos de receber outra chamada no velho rádio de orelha. A dez quadras daqui. Mais um que estourou a tampa de um vidro de pílulas (...) (BRADBURY, 2016, p. 20).

O problema aqui apresentado pode ter paralelos com o que encontramos na nossa sociedade, a utilização indiscriminada de medicamentos controlados. Qualquer balconista de farmácia – o que foi o nosso caso, pois já trabalhamos em uma farmácia em nossa cidade - sabe a quantidade de pessoas que todos os dias buscam a compra destes medicamentos que induzem o sono, portanto podemos novamente estabelecer um paralelo com nossa sociedade. Novamente concordamos com Adorno quando se refere a Freud:

O mais grosseiro, embora também o mais eficaz, desses métodos de influência é o químico: a intoxicação. Não creio que alguém compreenda inteiramente o seu mecanismo; é fato, porém que existem substâncias estranhas, as quais, quando presentes no sangue ou nos tecidos, provocam em nós, diretamente, sensações prazerosas, alterando, também, tanto as condições que dirigem nossa sensibilidade, que nos tornamos incapazes de receber impulsos desagradáveis. O mal estar da civilização, que já foi mencionado na nossa explanação sobre a sociedade de Admirável Mundo Novo (ADORNO, 1998, p. 51).

Temos a impressão de que a “fuga” da realidade é um dos pontos mais marcantes nas duas obras. Provavelmente, a percepção - que já existia na época que as obras foram escritas - da desilusão das pessoas com o vazio da vida, na sociedade consumista, sempre acabava por induzir a utilização das drogas.

Para finalizarmos a nossa breve contextualização da obra, Fahrenheit 451, não podemos deixar de mencionar a violência e a guerra sempre iminente. Em diversos trechos da obra, os personagens fazem pausas em suas falas, visto que os barulhos dos bombardeios que sobrevoam o céu acabam por atrapalhar os diálogos:

Enquanto ele se detinha ali, o céu urrava sobre a sua casa. Houve um tremendo som retalhante, como se duas mãos gigantes cas tivessem rasgado dez mil quilômetros de costura de linha preta. Montag se sentiu cortado ao meio. Sentiu o peito ser lanhado em duas partes. Os bombardeiros a jato passando, passando, passando, um-dois, um-dois, um-dois, seis deles, nove deles, doze deles, um e mais um e ainda outro, outro e mais outro se encarregavam de gritar por ele. Montag abriu a boca e deixou que o grito estridente descesse e saísse entre seus dentes arreganhados. A casa estremeceu (...) (BRADBURY, 2016, p. 18).

Podemos resumir a sociedade de Fahrenheit 451 como uma sociedade em guerra, com um regime presidencialista de características totalitárias, em que existe um sistema econômico capitalista baseado no consumo; uma sociedade extremamente avançada em tecnologia, porém dependente dela, cuja formação está intimamente relacionada aos meios de comunicação de massa; e as drogas ocupando um papel central na função de apaziguadoras sociais.

Passando à história central do livro, temos uma descrição do fogo envolvida na destruição de folhas. Os livros que estão sendo destruídos servem para introduzir o personagem Montag, um bombeiro responsável pela destruição - já inicialmente provocando no leitor à sua primeira situação paradoxal, a saber: bombeiros que profissionalmente provocam incêndios. Inicialmente o leitor não encontra qualquer explicação aos motivos que desencadeiam a destruição dos livros, mas pouco adiante, no texto, já poderemos inferir

diversas questões relativas ao funcionamento da sociedade distópica de Brandbury, que já foram mencionadas.

Outra personagem importante na obra é Clarisse MacClellan, descrita pela própria personagem, como uma adolescente de 17 anos e doida - na verdade, uma observação que o tio de Clarisse sugere que ela inclua a cada vez que for questionada sobre a sua idade, pois, segundo o tio, tanto sua idade quanto ser doida andam juntas. Clarisse possui um papel pequeno, porém importante em toda a trama, visto que será uma das poucas pessoas que, efetivamente, buscará realizar um contato pelo diálogo com o personagem de Montag.

O livro sugere que Clarisse observara constantemente Montag, em seu trajeto para casa. Há algumas noites, Montag tivera a impressão de estar sendo seguido e, naquele dia, ele prepara uma pequena cilada que desencadeará no encontro dos dois personagens. Podemos inferir pelos primeiros diálogos estabelecidos entre os personagens que os bombeiros são temidos na sociedade da obra. Para facilitar, podemos concluir que os bombeiros podem ser mais comparados com agentes da censura estatal – já que não existe mais a necessidade de bombeiros para apagar o fogo, pois as casas são protegidas com uma película antichamas. Esse ponto chama a nossa atenção, porque podemos perceber que o protagonista desconhece a história da sua profissão, desconhecendo, inclusive, que os bombeiros, em outro período histórico, na verdade, eram responsáveis por acabar com os incêndios.

Outro ponto importante pode ser percebido, quando o personagem central é questionado por Clarisse sobre os livros:

- Você nunca lê nenhum dos livros que queima?

Ele ri.

- Isso é contra a lei!

-Ah, é claro.

- É um trabalho ótimo. Segunda-feira, Millay; quarta-feira, Whitman; sexta-feira, Faulkner. Reduza os livros às cinzas e depois queime as cinzas. Este é o nosso slogan oficial (BRADBURY, 2016, p. 13).

O pequeno diálogo é revelador ao apontar a proibição da leitura dos livros na sociedade, diferentemente da obra, Admirável Mundo Novo, na qual os livros sofrem uma censura – pelo condicionamento já descrito – e, praticamente, são abandonados na sociedade. No mundo de Fahrenheit, os livros são destruídos e os seus proprietários sofrem as penas da lei. Portanto, já começamos a ter sérios indícios de que a sociedade apresenta um regime totalitário de controle quanto às ideias – apesar de não termos consciência ainda dos motivos que levaram a tal proibição.

Outra parte do texto, que evidencia o autoritarismo de sistema proposto por Bradbury, está nas prisões arbitrárias, como a que transcrevemos aqui:

- Às vezes acho que os motoristas não sabem o que é grama, ou flores, porque nunca param para observá-las – disse ela. – Se a gente mostrar uma mancha verde a um motorista, ele dirá: Ah sim! Isso é grama! Uma mancha cor-de-rosa? É um roseiral! Manchas brancas são casas. Manchas marrons são vacas. Certa vez, titio ia devagar por uma rodovia. Ele estava a sessenta por hora e o prenderam por dois dias. Isso não é engraçado? E triste, também?
- Você pensa demais – disse Montag, incomodado (BRADBURY, 2016, p. 14).

O totalitarismo e a frieza do sistema contrastam com a espontaneidade da personagem Clarisse que, neste contato, instiga Montag constantemente. Os questionamentos simples, embora reveladores, desencadearão momentos de reflexão do personagem Montag sobre a sua própria vida, e o personagem buscará perceber o mundo ao seu redor. Coisas que antes passavam despercebidas – como observar o céu ou a grama, tornar-se-ão objetos de reflexão e passarão a ser percebidos pelo protagonista.

Após ser questionado sobre a leitura de livros por Clarisse e, posteriormente, ser testemunha de uma morte, em uma denúncia sobre material proibido, Montag tomará coragem para, enfim, realizar algo que já estava em sua mente há muito tempo - juntara escondido, em sua casa, alguns exemplares que deveriam ser queimados. Enfim, irá ter um contato com a leitura.

O grave acontecimento trata-se de uma denúncia envolvendo uma personagem chamada de senhora Blake. Após as forças de censura – os bombeiros – terem encontrado uma enorme coleção de livros em sua casa, ela decide por se queimar juntamente com os livros. O ato faz uma associação direta ao que já ocorreu, na época da inquisição, onde autores eram mortos por suas ideias. Uma das últimas frases, dita pela personagem, antes de sua morte, revela o objetivo do autor em buscar uma aproximação com a inquisição:

- “Havemos hoje de acender uma vela tão grande na Inglaterra, com a graça de Deus, que tenho fé que jamais se apagará” – disse Beatty. Stonemam olhou de relance o capitão, e Montag fez o mesmo, admirado.
- Beatty esfregou o queixo.
- Um homem chamado Latimer disse isso para um homem chamado Nicholas Ridley, enquanto eram queimados vivos em Oxford, por heresia, no dia 16 de outubro de 1555 (BRADBURY, 2016, p. 42-43).

Porém, o ato de queimar pessoas e ideias não ficou restrito a esse citado acontecimento histórico. E a obra busca estabelecer um paralelo com as mais variadas formas que já foram utilizadas para a destruição de ideias na sociedade.

Beatty, o chefe dos bombeiros, possui um dos papéis mais importantes na história. É descrito como um homem sério, inteligente, astuto e um profundo conhecedor de livros. A figura de Beatty sempre está associada ao fogo, desde a destruição propriamente dos livros até acender seu cachimbo metálico e emitir fumaça ou ainda em destruir ideias como, por exemplo, ao tentar convencer Montag que os livros não ensinam nada. O confronto entre Beatty e Montag será o ponto mais importante da trama e oferecerá grandes reflexões e respostas sobre a proibição da leitura. Beatty, após perceber que Montag, ficou afetado com a morte da velha Blake e, percebendo que Guy não apareceu para trabalhar, resolve fazer uma visita e acaba por indicar que todo o bombeiro, um dia, tem a curiosidade de saber o que está nos livros. No diálogo, Beatty demonstra saber sobre os livros que Montag tinha em sua casa e, em um sinal de permissão, informa que todo bombeiro, uma vez em sua vida, tem o direito de ler um livro e, que após a leitura, deveria devolver, para enfim ser queimado, ou o bombeiro sofreria as consequências da severidade da lei.

Montag, extremamente consternado com a forma que ocorreu a morte da senhora Blake, acaba por envolver sua esposa Mildred em um ambicioso plano de contato com os livros. Mildred é apresentada como estranha na vida de Montag apesar de serem casados. O relacionamento entre os dois personagens pode ser descrito pelo distanciamento, frieza, ausência de sentimentos, superficialidade nas conversas resultando em um “casal estranho<sup>24</sup>”. Todo esse distanciamento conjugal é contrastado com a espontaneidade de Clarisse. Os pequenos, mas intensos diálogos que existiram entre os dois personagens, podem ser considerados o que existe de mais humano na obra. Porém, Clarisse e sua família logo serão alvos da perseguição estatal, e somos induzidos a acreditar que foram mortos pelo órgão censor. Porém, se existe ausência física da personagem na obra, sua presença permanece, constantemente, na mente de Montag, que foi profundamente modificado pelo contato com a garota.

Após contato com a leitura, Montag, completamente perturbado, busca apoio em Faber, um homem que há muito tempo, assim como Clarisse, havia estabelecido um pequeno diálogo com Montag, demonstrando que a comunicação entre pessoas não é um forte na sociedade descrita por Bradbury. Faber, na verdade, é um professor de inglês aposentado, que não exercia sua profissão, há 40 anos, com o fim da última faculdade de ciências humanas de Fahrenheit 451.

O diálogo estabelecido entre os dois personagens busca esclarecer a beleza da leitura e a importância dos livros. Neste encontro, Montag e Faber estabelecem um plano

---

<sup>24</sup> No sentido de não se conhecerem de fato.

revolucionário a fim de acabar com todo o sistema, a saber: colocar um exemplar de livro na casa de cada bombeiro, em uma busca por imputar desconfiança em todo o sistema.

No retorno de Guy ao trabalho, o plano revolucionário terá seu fim. No retorno de Montag, os bombeiros recebem uma nova denúncia e, desta vez, ao chegar ao local, descobrimos que se trata da residência de Montag, que havia devolvido apenas um dos livros que havia em sua casa. A denúncia teria sido realizada por Mildred, que ficara profundamente triste com o comportamento diferente do marido.

O chefe Beatty incita Montag a destruir os seus próprios livros, após um novo embate entre os dois personagens e a descoberta por parte de Beatty de que Guy estava se comunicando por meio de radioconcha com Faber. Em um momento de fúria, Montag atea fogo em toda sua casa, inclusive, no chefe dos bombeiros.

Após o ato de fúria, Montag empreende uma grande fuga do principal caçador do sistema, uma espécie de cão farejador-robô. No processo de fuga, Montag acaba por realizar o último contato com Faber e por ele recebe uma indicação de que poderia existir uma pequena comunidade de indivíduos clandestinos no final da linha do trem. Seguindo a indicação de Faber, Guy, acaba por realizar a fuga em direção ao final do trecho ferroviário.

Alcançando o objetivo, encontra a comunidade nômade de indivíduos que podemos classificar como “homens-livros”. A comunidade é formada por diversas pessoas, que não aceitando o sistema político dominante, fogem da perseguição e passam a ser nômades. Os “homens-livros”, muitas vezes, passam por procedimentos cirúrgicos com a finalidade de alterar o rosto, com vista a não serem reconhecidos por seus crimes associados à leitura. Para que a sociedade alternativa pudesse existir sem sofrer perseguições do sistema e, no anseio de proteger os livros, os membros utilizam um método muito próximo da tradição oral, amplamente utilizada na história humana. Com uma metodologia não explicada, eles conseguiam recuperar da memória dos leitores os livros lidos e, conseqüentemente, preservavam em suas mentes os textos desses autores. O objetivo da implantação do método é disseminar os conteúdos dos livros absorvidos, quando “homens- livros” já não fossem mais perseguidos. Os homens-livros, após absorverem o conteúdo, destruíam, assim como o Estado, os livros, para que não pudessem comprometer a existência da sociedade em fiscalizações dos órgãos governamentais.

No encontro de Guy com o grupo de homens-livros, tomamos a real consciência do que está por vir na sociedade em guerra de Fahrenheit 451. A forma de preservação buscava manter os livros na memória, principalmente, pelas incertezas da guerra que havia. O medo que existe é o de uma aniquilação total da sociedade por armas de destruição em massas.

Medo esse que acaba por acontecer, no final da obra, quando toda a cidade em que Montag morava é destruída com uma potente bomba. A sociedade de Fahrenheit 451 terá que ressurgir das cinzas e, principalmente, do conhecimento guardado na mente das pessoas. Do fogo viemos, ao fogo voltaremos!

A violência, em Fahrenheit, ocupa grande centralidade, seja na violência da destruição dos livros tanto por parte do governo como por parte dos homens-livros. É certo afirmar que o mesmo ato era praticado com finalidades distintas, a saber: o governo destruída com o intuito de não possibilitar o acesso e finalizar com toda e qualquer possibilidade de consulta; já os homens-livros destruíam com o intuito de proteger a obra, guardando em sua memória para transmiti-la, oralmente, aos outros indivíduos. Porém, nas duas formas, a violência permanece. Pois, tanto o governo com seu objetivo de destruir para acabar com os livros, como os homens livros, que destroem para proteger, cometem atos de violência. A barbárie aqui indicada será objeto de um maior detalhamento em nosso trabalho.

Por fim, temos que apontar uma diferenciação importante nas duas obras. Em Admirável Mundo Novo o autor busca detalhar de fato a sociedade distópica em suas particularidades. Já Bradbury não possui esse intuito, na verdade, a sua obra pode muito melhor estar enquadrada na crítica de Adorno, pois ele não busca descrever uma sociedade futurista, mas, sim, utiliza claramente aspectos que já pertenceram à sociedade e aconteceram nela, para, enfim, emitir a sua crítica.

Acreditamos que, apesar de a obra de Brandbury não ter sido analisada por Adorno, ela não escaparia de sua crítica. O principal motivo, para nossa afirmação, estaria no fato de que a obra busca denunciar constantemente a barbárie, porém o personagem principal da trama realiza a barbárie como solução de seus problemas. A queima do chefe Beatty, realizada por Montag, por exemplo, é a concretização de ato bárbaro e que, em momento algum da obra, podemos perceber arrependimento por parte do assassino. É como se o ato praticado fosse totalmente legal e legítimo. Talvez exista algo justificável no ato, pela ameaça realizada pelo comandante de localizar Faber, porém as atitudes de Montag e até mesmo da comunidade dos homens-livros não demonstram qualquer preocupação com o ato praticado por Montag. É como se o ato de barbárie praticado fosse algo banal ou mesmo irrelevante. Hannah Arendt (2014, p. 69) apresenta a seguinte questão sobre as nossas inquietações:

A violência pode ser justificável, mas nunca será legítima. Sua justificação perde em plausibilidade quanto mais o fim almejado se distancia do futuro. Ninguém questiona o uso da violência em defesa própria porque o perigo é não apenas claro, mas também presente, e o fim que justifica os meios é imediato.

Surge, então, a pergunta se, na passagem descrita no livro de Bradbury, a violência seria a única forma de enfrentar o problema. Existe algo nessa passagem que poderia equivaler-se à crítica formulada por Adorno para Huxley:

O que se deve reprovar no romance não é o momento contemplativo enquanto tal, que este compartilha com a filosofia e com qualquer representação, mas o fato de que ele não inclui em sua reflexão o momento de uma práxis que poderia romper com essa infame continuidade (ADORNO, 1998, p. 115).

Acreditamos que essa crítica poderia ser transportada para a obra de Bradbury, porque existe um ciclo que não é rompido. Somos inclinados a decidir pela barbárie do Estado ou pela barbárie dos homens-livros, que, assim como o Estado, queimam seus livros. O personagem principal que poderia ser alguém que romperia com o sistema, na verdade, acaba por utilizar os mesmos métodos do sistema para o seu enfrentamento. Outro ato que parece pertencer à manutenção da barbárie está na forma como Montag decide acabar com o sistema – implantando falsas provas nas residências dos bombeiros, um ato do ponto de vista ético bastante criticável e que busca apenas dar continuidade ao ciclo de violência. O eminente aniquilamento do mundo e a violência parecem ser as únicas soluções para um grupo de dissidentes que aguarda de maneira passiva o momento de ser útil à sociedade.

Outros questionamentos apresentados por Adorno podem contribuir de maneira efetiva para uma crítica ao romance de Bradbury, porém cairíamos em redundância, pois alguns já foram apresentados em nossa crítica a Huxley. Diante de tal quadro, buscaremos, em sequência, detalhar os aspectos que, de fato, levaram-nos a acreditar que existe grande potencial crítico nas duas obras: Admirável Mundo Novo e Fahrenheit 451, em especial, aos procedimentos político-educacionais que são adotados nas sociedades distópicas.

### **3 ADMIRÁVEL ESCOLA NOVA - Apresentação dos fundamentos educacionais nas obras**

Toda distopia parte de preceitos que são existentes em uma determinada sociedade, para, enfim, exacerbar<sup>25</sup> ou não as suas teorias. Portanto não são obras totalmente fantasiosas<sup>26</sup>, elas, de alguma maneira, possuem precedentes em modelos ou ideias existentes na sociedade. Na verdade, como observamos em Adorno, as distopias estão impregnadas de aspectos do presente, portanto não tendo qualquer poder de prever o futuro. Porém, se não servem como horóscopo do futuro, não devemos menosprezar sua força crítica de elementos que existiam, na sociedade das décadas de 30 e 50, períodos que serviram de inspiração para o desenvolvimento dos dois livros. No que tange às nossas inquietações, buscamos perceber se os elementos político-educacionais descritos e criticados nas obras, ainda, podem fornecer algum potencial para questionamento da nossa sociedade. Perceber alguns destes elementos poderá ser uma tarefa um tanto estarrecedora, à medida em que constatarmos que permanecemos com conceitos retrógrados e perigosos no ambiente educacional.

A literatura permite aos autores grande liberdade na forma de pensar as teorias e as suas implicações, liberdade essa, muitas vezes, não existente nos trabalhos acadêmicos, pelo fato de eles estarem limitados por questões metodológicas. Apesar de todas as críticas, que devem ser realizadas para com as obras analisadas, não devemos exigir o “rigor acadêmico” com o risco de estar cometendo um grave equívoco. A exigência de tal rigor, com toda certeza, seria um limitador e até mesmo censor da arte. Autores literários não devem ter suas ideias cerceadas, porém não devemos deixar de emitir juízos sobre as obras, com o intuito de buscar obras de qualidade. Nas obras em questão, não devemos lhes imputar um valor

---

<sup>25</sup> Com a utilização do termo exacerbar - estamos querendo inferir que, em muitos momentos das obras consideradas distópicas, elementos que serão criticados, normalmente, são caracterizados de maneira satírica, ou seja, são levados ao nível do absurdo como forma de provocar no leitor uma reação de espanto com o que poderá ocorrer na sociedade se tal fato não for corrigido.

<sup>26</sup> Buscamos um termo melhor que fantasiosas, porém não encontramos nada que pudesse substituí-lo. O sentido que gostaríamos de impor a essa palavra é de que todo o universo fantástico da obra não foi gerado apenas na imaginação do criador, ele, antes, observou elementos que existiam em sua sociedade, para, enfim, escrever e determinar o seu mundo ficcional. Trata-se de um conceito complicado, pois não conseguimos imaginar quais obras não buscam, de alguma forma, precedentes em algo da nossa realidade. Nem mesmo o universo criado por J.J.R.Tolkein que imaginou toda a Terra Média com seus Elfos, Orcs, hobbits e Nazgûls, está livre de alguma influência com a realidade. No citado autor, a sua inspiração foi a Idade Média e algumas de suas lendas. Portanto, nem mesmo o gênero literário fantasia está livre de certo precedente histórico. Contudo, diferentemente do gênero literário fantasia, o gênero literário distopia apresenta raízes mais fecundas no que tange à caracterização de uma realidade. Porém, no gênero distopia, temos como já informado, muitas vezes, o exagero na caracterização dos conceitos da sociedade.

pejorativo, pois diversos trabalhos acadêmicos foram inspirados nelas. Para além dos inúmeros trabalhos que já foram produzidos com os conceitos das obras, acreditamos que nosso olhar, voltado para os aspectos educacionais das sociedades distópicas, poderá, de alguma forma, provocar questionamentos sobre os caminhos que atualmente estamos delineando no ambiente escolar.

Assim, neste capítulo buscar-se-á perceber essas questões, analisando algumas teorias que embasam os sistemas políticos-educacionais das obras apresentadas.

### 3.1 Admirável condicionamento novo

A sociedade e o modelo político-educacional huxleyano são apresentados, em sua maioria, na primeira parte da obra que constitui os três primeiros capítulos. Na verdade, Huxley já inicia a sua obra com uma aula expositiva para alunos como ele caracteriza: “(...) estudantes recém-chegados, muito jovens, rosados e inexperientes(...)” (HUXLEY, 2016, p. 18), ao Centro de Incubação e Condicionamento de Londres Central.

O Centro, sob certa perspectiva, poderia ser considerado uma unidade: fabril, hospitalar e escolar. As primeiras preocupações do autor estarão voltadas para as experimentações genéticas e a sua utilização pragmática na formação da sociedade. Os questionamentos genéticos parecem antever os experimentos realizados na Alemanha nazista<sup>27</sup> e muitas questões éticas referentes à genética que hoje em dia se apresentam<sup>28</sup>. Entre os questionamentos atuais, podemos pontuar sobre a possibilidade de eliminar embriões que apresentam tendências a algum tipo de doença ou até mesmo na possibilidade dos pais poderem escolher características do genótipo como: cor dos olhos, pele, cabelo, altura, entre outros aspectos.

Ainda, em relação aos questionamentos atuais, no que tange à genética, segundo Libâneo, Oliveira e Toschi (2012, p. 73), podemos citar as seguintes inquietações:

A revolução da microbiologia é responsável, também por grandes avanços e perigos para a vida humana e o do planeta. De um lado, o conhecimento genético dos seres vivos permite a produção de plantas e animais melhorados para o combate à fome e à desnutrição, o desenvolvimento de meios

---

<sup>27</sup> Na Alemanha nazista, foram realizadas inúmeras experiências genéticas com a finalidade de “aprimorar” a raça ariana. Logicamente não existiam os recursos que atualmente existem para a manipulação genética, portanto, eram utilizados métodos como a aplicação de substâncias químicas nos olhos de crianças para perceber se conseguiriam alterar a sua cor. Outros pontos podem ser observados no artigo de Pereira e Souza (2015).

contraceptivos no auxílio ao planejamento familiar e ao combate da explosão demográfica e a luta pela eliminação de doenças congênitas (síndrome de Down, esclerose múltipla, diabetes, doenças mentais etc) De outro lado, há a produção artificial de seres humanos, a clonagem, bem como a criação de vírus artificiais e a possibilidade de guerras bacteriológicas.

Os questionamentos genéticos são merecedores de um destaque, em nosso trabalho, nem tanto pelos recursos de eugenia e de seleção artificial apresentados na obra, mas nos aspectos de intervenção intelectual aplicados aos procedimentos gestacionais. No modelo de produção de seres humanos apresentados na obra de Huxley, o Estado determinava qual era o nível de inteligência que o indivíduo deveria ter.

Esse controle era realizado na gestação mecânica do indivíduo. Os seres que estavam destinados às castas inferiores tinham o oxigênio controlado, no processo de gestação ou, ainda, recebiam uma dosagem de álcool. A diminuição mecânica dos níveis de oxigênio ou álcool, na obra ficcional, eram os principais responsáveis para o controle da qualidade intelectual dos humanos. Sobre a questão, Adorno (1998, p. 95) expõe:

A relação de classes eternizada é transferida para a biologia, na medida em que os diretores responsáveis pela reprodução decidem ainda no estado embrionário sobre o pertencimento a esta ou aquela casta designada com uma letra do alfabeto grego. A plebe é recrutada por uma divisão engenhosa de células de gêmeos homozigóticos, cujo crescimento físico e espiritual é limitado pela adição artificial de álcool ao sangue.

No entender do Estado huxleyano, não faria sentido ter uma população inteiramente apta intelectualmente. Existiam pessoas que deveriam ser apenas consumidores e executores de trabalhos que não necessitavam de grandes habilidades intelectuais. Portanto não existia a necessidade de prover um grande grau de inteligência para esses povos.

- Quanto mais baixa é a casta – disse o sr. Foster – menos oxigênio se dá. O primeiro órgão afetado era o cérebro. Em seguida, o esqueleto. Com setenta por cento de oxigênio normal, obtinham-se anões. Com menos de setenta por cento, monstros sem olhos.  
- Que não têm nenhuma utilidade – concluiu o sr. Foster (HUXLEY, 2016, p. 27).

As experiências genéticas que estavam sendo desenvolvidas naquela sociedade buscavam diminuir o tempo de maturação das castas inferiores. O modelo ideal de maturação para essa sociedade deveria ser correspondente ao período de maturação dos animais, ou seja, o cavalo com seis anos já está completamente formado e maduro, já o ser humano alcança sua completa maturação em torno de 20 anos, o que pode ser considerado, na sociedade idealizada

de Huxley, uma grande perda de tempo e gasto para o governo, principalmente, no que se refere às castas inferiores.

-Mas nos Ípsilons – disse com muita propriedade o Sr. Foster – nós não precisamos de inteligência humana. Não precisavam dela e não a obtinham. Mas, ainda que nos Ípsilons o espírito estivesse maduro aos dez anos, eram necessários dezoito para que o corpo ficasse em condições para o trabalho. Que longos anos de imaturidade, supérfluos e desperdiçados! Se eu pudesse acelerar o desenvolvimento físico até torná-lo tão rápido, digamos, como o de uma vaca, que enorme economia para a Comunidade! (HUXLEY, 2016, p. 28).

No olhar de Adorno (1998, p. 95) todo o processo descrito resulta:

Isso significa que a reprodução da estupidez, que antes acontecia de maneira não-consciente sob o ditame das necessidades materiais, passa a ser uma tarefa da triunfante cultura de massas, agora que a miséria poderia ser eliminada.

Em outro ponto, Adorno (1998, p. 95-96) faz a seguinte comparação:

Ao manterem, nas incubadeiras do *Brave New World*, os embriões e bebês das castas inferiores com pouco oxigênio, os dirigentes criam um ambiente artificial de favela. Em meio a possibilidades ilimitadas, eles organizam a humilhação e a regressão. Mas uma regressão como essa, induzida automaticamente e planejada pelo sistema totalitário, é verdadeiramente total.

Podemos levantar as seguintes questões: como uma sociedade tão avançada do ponto de vista genético enxergaria benefícios em produzir indivíduos com capacidades intelectuais limitadas? Não seria interessante construir uma sociedade de indivíduos altamente inteligentes e capacitados?

Na conversa entre John e Mustafá Mond, Huxley (2016, p. 219-220) busca responder a essas provocações:

- Pode ser- disse o Selvagem, depois de um silêncio. – Mas será preciso chegar ao horror desses gêmeos? – passou a mão pelos olhos, como se procurasse apagar da lembrança a imagem daquelas longas filas de anões idênticos nas mesas de montagem, daquelas manadas de gêmeos enfileirados na entrada da estação do monotrilho de Brentford, daquelas larvas humanas que rodeavam o leito de morte de Linda, da fisionomia incessantemente repetida de seus agressores – Horríveis!

- Mas como são úteis! Estou vendo que o senhor não gosta dos nossos Grupos Bokanovsky; mas, asseguro-lhe, eles são o alicerce sobre o qual está edificado tudo o mais. São o giroscópio que estabiliza o avião-foguete do Estado na sua rota imutável – a voz profunda vibrava, emocionante; a mão, gesticulando, representava todo o espaço e o impulso da máquina irresistível. A oratória de Mustafá Mond achava-se quase à altura dos modelos sintéticos.

- Eu estava pensando – disse o Selvagem – por que é que os senhores os toleram, afinal de contas, uma vez que podem produzir tudo o que quiserem nesses bocais. Por que, já que lhes custa o mesmo, não fazem de cada um deles um Alfa-Mais-Mais?

Mustafá Mond riu novamente.

-Porque não temos nenhuma vontade de que nos cortem a cabeça – respondeu – Nós acreditamos na felicidade e na estabilidade. Uma sociedade composta de Alfas não poderia deixar de ser instável e infeliz. (...).

Para que o sistema funcionasse com “perfeição”, era extremamente importante a diferenciação dos níveis de inteligência nas castas. Resultado semelhante pode ser alcançado nos dias atuais, - e aqui reside a verdadeira crítica que o autor faz à política educacional de seu tempo – com a diferenciação de ensino entre as altas classes sociais e as classes inferiores. Adorno concordando com a crítica de Huxley, aponta:

Na fixação racional da relação irracional de classes, Huxley anuncia o aspecto supérfluo dessa relação: a fronteira entre as classes já teria **hoje em dia perdido** aquele caráter “natural”, cuja ilusão foi produzida na fase não-dirigida da história da humanidade, **de maneira que a perpetuação da existência de classes é garantida apenas pela seleção arbitrária e pela cooptação, pela diferenciação administrativa na distribuição do produto social** (ADORNO, 1998, p. 95, grifo nosso).

Políticas educacionais que buscam diferenciar o conhecimento que deve ser oferecido para as diferentes classes podem ser consideradas análogas ao modelo inspirado na sociedade fordista. O distanciamento entre currículos da escola pública e da escola particular podem ser observados a partir desta perspectiva. Uma escola pública que priorize apenas o ensino técnico voltado ao emprego fabril em contraste com o ensino particular que oferecesse conhecimentos, para que o indivíduo compreendesse melhor o mundo ao seu redor, poderia funcionar como um processo genético de privação intelectual para as baixas castas – talvez não sendo tão eficiente como o método genético, mas mesmo assim podemos considerar altamente eficaz.

O não oferecimento de um ensino de qualidade para todos os indivíduos poderia sugerir um interesse governamental de controlar os saberes de cada classe social. Um modelo político-educacional que privilegiasse a totalidade da população poderia se constituir em um componente de instabilidade social no olhar dos nossos governantes? Partilhariam do mesmo medo de Mustafá Mond – o medo de perder a cabeça – os governantes que instalam um modelo seletivo de educação?

Para direcionarmos nossas inquietações ao contexto brasileiro e, enfim, percebermos se os questionamentos de Admirável Mundo Novo podem oferecer paralelos com nossa

realidade, citamos o movimento surgido em 2006 – Todos pela Educação. O movimento empresarial buscava, segundo Libâneo, Oliveira e Toschi (2012, p. 199-200):

Em setembro de 2006, surgiu o movimento Todos pela Educação, financiado exclusivamente pela iniciativa privada. Ele congregava a sociedade civil organizada, educadores e gestores públicos que têm como objetivo contribuir para que o Brasil garanta a todas as crianças e jovens o direito à educação básica de qualidade.

Em relação a esse movimento, Saviani (2009) adverte que “*é preciso cautela para não cair na ingenuidade de acreditar, sem reservas, nas boas intenções que agora, finalmente, teriam se apoderado de nossas elites econômicas e políticas*” (p.43), uma vez, “*ao criticar os gastos públicos e propor o enxugamento do tamanho do Estado, eles (as elites) estão inviabilizando qualquer possibilidade de ampliação dos investimentos públicos em educação*” (p.44) Veja-se, por exemplo, a resistência delas ao financiamento público na educação superior, justamente no nível em que devem ser formados os professores para haver educação de qualidade. Continuando em sua análise, o mesmo autor chama essa pedagogia proposta pelos empresários de “pedagogia de resultados”, pois o que realmente pretende é ajustar os processos formativos escolares à demanda de suas empresas<sup>29</sup>.

Críticas que têm o objetivo de reduzir recursos da educação pública, bem como o financiamento público na educação superior, constituem-se em processos semelhantes aos descritos por Huxley. A diminuição dos investimentos na educação superior auxiliaria a manutenção das castas dominantes que facilmente poderiam ter acesso a universidades pagas. Porém, às classes “miseráveis alfabetizadas” –que supostamente seriam beneficiadas pela ação -, restariam apenas o consolo de buscar empregos nas empresas financiadoras de projetos como esses. Com tom satírico, acreditamos que estes empresários devam acreditar nas seguintes máximas: “Que não existe problema algum em existir miseráveis, desde que eles saibam ler a cartilha de regras da empresa. Afinal de contas, miseráveis trabalham por qualquer valor. Estão passando fome.” Qualquer semelhança com os grupos Bokanovsky não é mera coincidência.

Outra questão que se apresenta no âmbito genético e que possui implicações parecidas está no condicionamento realizado no Centro de Incubação e Condicionamento de Londres Central, ou seja, a realização de uma espécie de indução à “predestinação genética” pela intervenção direta nos embriões.

---

<sup>29</sup>Faremos uma ressalva quanto ao Movimento Todos pela Educação. Ao analisar o site do movimento, não constatamos os apontamentos realizados pelos respeitáveis pesquisadores. Porém, como o movimento surgiu em 2006 e diversas críticas foram realizadas ao movimento, acreditamos que pode ter existido uma correção nas propostas apresentadas. Uma possível correção nas propostas não retira o valor das críticas realizadas. O que nos assusta é perceber que um dia as propostas apresentavam questionamentos como os citados pelos pesquisadores.

Esse processo de “predestinação genética” pode ser definido por intervenção nos embriões para se tornarem propensos a determinados comportamentos sociais. Os embriões neste processo eram submetidos a procedimentos de intervenção que proporcionavam ao Estado a tão desejada Estabilidade. No intuito de induzir desejos comportamentais, o embrião era submetido a diversas esteiras – referência direta ao modelo de produção em série construído por Ford – nas quais eles sofriam interferências externas como: o calor e o frio, conforme a conveniência e a necessidade de alocar indivíduos, para as diferentes regiões do mundo, o indivíduo sofria em conjunto ao calor ou ao frio, rajadas de raios X diretos. Para exemplificar melhor o processo, temos a seguinte situação hipotética: o Estado necessitava de trabalhadores para realizarem serviços, em minas quentes e em regiões tropicais e, esses indivíduos, quando passavam pelo túnel frio eram submetidos a rajadas de raios-X diretos, assim, os embriões sentiam-se desconfortáveis em relação ao frio. Desse condicionamento normalmente os indivíduos buscavam com naturalidade regiões quentes e serviços também compatíveis ao calor, desse modo, existia a predestinação genética para a realização e, conseqüentemente, satisfação desses indivíduos ao realizar as atividades que o Estado pré-determinava.

Túneis quentes alternavam-se com túneis resfriados. O resfriamento estava ligado ao desconforto sob a forma de raios X diretos. Quando chegavam a ponto de serem decantados, os embriões tinham horror ao frio. Ficavam predestinados a emigrarem para os trópicos, a serem mineiros, tecelões de seda de acetato e operários de fundição. Mais tarde, seu espírito seria formado de maneira a confirmar as predisposições do corpo (HUXLEY, 2016, p. 29).

O processo descrito apresenta algumas similaridades com os modelos político-educacionais contemporâneos, se observarmos que existem, nas escolas de subúrbios, diferenciação de conteúdo e qualidade estrutural em relação às escolas de regiões centrais. Uma diferenciação ou mesmo desfavorecimento de conteúdos educacionais, em regiões menos favorecidas, ou o oferecimento apenas de cursos de capacitação para a realização de trabalhos operacionais em fábricas – com as devidas ressalvas que merecem a associação temática – podem ter conseqüências diretas próximas ao condicionamento genético, pois, no mínimo, dificultariam, para os educandos dessas áreas, exercerem o seu livre-arbítrio na escolha de suas profissões, por existir um direcionamento indireto por uma diferenciação na qualidade de ensino das escolas em regiões mais pobres.

Outro ponto a ser destacado encontra-se no fato de a educação estar voltada aos interesses mercadológicos do sistema econômico, menosprezando, assim, os interesses de esclarecimento – como detalharemos posteriormente em nosso trabalho. Paralelismos podem

ser estendidos aos programas atualmente vigentes, cujo sistema econômico determina qual modelo educacional deve ser implantado. Novamente recorreremos a Libâneo, Oliveira e Toschi (2012, p. 42-43):

A prioridade da educação nos programas econômicos dos países industrializados situa-se no quadro das políticas de ajuste e de estabilização defendida, no âmbito europeu, pela Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e, no âmbito mundial, sobretudo pelo Banco Mundial. As orientações neoliberais postulam ser o desenvolvimento econômico, alimentado pelo desenvolvimento técnico-científico, o fator de garantia do desenvolvimento social. Trata-se de uma visão economicista e tecnocrática que desconsidera as implicações sociais e humanas do desenvolvimento econômico, gerando problemas sociais como desemprego, fome e pobreza, que alargam o contingente de excluídos, e ampliando as desigualdades entre países, classes e grupos sociais.

Enquanto a primeira parte da obra enumera a “importância” dos conhecimentos genéticos para a formação da sociedade, a segunda será desenvolvida nos Berçários, Salas de Condicionamento Neopavloviano. O nome da sala deixa clara a intenção do autor: a identificação com preceitos desenvolvidos por Pavlov, o behaviorismo.

O behaviorismo foi uma corrente da psicologia que se direcionava ao comportamento, ou seja, apenas a princípios observáveis, desconsiderados preceitos como consciência e espírito<sup>30</sup>. Segundo Abbagnano (2007, p. 119):

Pode-se considerar Ivan Pavlov fundador dessa corrente; foi ele autor da teoria dos reflexos condicionados e o primeiro a fazer pesquisas psicológicas que prescindiam de qualquer referência aos “estados subjetivos” ou “estados interiores”. Em 1903, Pavlov perguntava: “para compreender os novos fenômenos, por acaso devemos penetrar no *ser interior* do animal, imaginar ao nosso modo as sensações, os sentimentos e os desejos deles? Para o experimentador científico, parece-me que a resposta a essa última pergunta só pode ser um não categórico” (*Reflexos condicionados*, 1950; trad. It *I riflessicondizionati*, p. 17).

Nos preceitos desenvolvidos na teoria behaviorista de Pavlov entendiam-se apenas aspectos observáveis no processo de condicionamento. As experimentações de Pavlov na identificação do reflexo condicionado encontrarão inúmeros apoiadores, sendo o maior expoente o americano Skinner.

Skinner acreditava, assim como Pavlov, que, para a Psicologia tornar-se uma ciência, deveria seguir preceitos positivistas, ou seja, ser baseada em fenômenos observáveis e deveria

---

<sup>30</sup> (ABBAGNANO, 2007, p. 119).

adotar preceitos das ciências naturais<sup>31</sup>. Skinner pensava que poderia alterar um comportamento “indesejado e a obtenção do desejável através do processo de descondicionamento e condicionamento, respectivamente” (ENDERLE, 1985, p. 22), ou seja, existiam formas de alterar e fazer com que indivíduos pudessem realizar um comportamento desejável. O processo é descrito por Carmen Enderle (1985, p. 23) da seguinte forma:

Assim, por exemplo, o sujeito é colocado numa situação onde certamente começará a emitir uma série de comportamentos; no momento em que emitir o comportamento que o experimentador ou controlador desejar, será imediatamente recompensado (reforço). Com isto, é provável que passe a emitir aquele comportamento com maior frequência.

Contudo, o processo de Skinner difere do condicionamento de Pavlov. O condicionamento de Skinner espera o comportamento desejável para então apresentar o estímulo – reforço – já o processo de Pavlov realizava um estímulo para provocar a resposta<sup>32</sup>. Existem quatro formas de reforço: o positivo – quando o indivíduo realiza um ato considerado adequado, gerando uma recompensa positiva e, conseqüentemente, aumentando o número de respostas -, o negativo – quando o ser realiza um ato considerado inadequado, gerando punições e, em conseqüência, diminuindo o número de respostas -, o contínuo – que se constitui em uma relação de recompensas sempre que o comportamento desejado se manifesta; neste processo, o comportamento tende ocorrer de maneira mais rápida, porém pode ocorrer uma fragilidade na continuidade do processo – e o intermitente – pode gerar recompensas algumas vezes e tende a obter resultados mais duradores<sup>33</sup>. As ideias de moldar o comportamento foram muito utilizadas na pedagogia americana pela simplicidade na aplicação de seus preceitos, conforme pode ser observado por Carmen Enderle (1985, p. 24):

Em síntese, para Psicologia do Desenvolvimento, a teoria behaviorista de Skinner, também chamada de “teoria da aprendizagem social”, considera a criança com um organismo passível de modelagem e totalmente manipulável, podendo seus desajustes serem corrigidos através da extinção (punição) ou da aplicação de reforços positivos.

Conforme foram apresentados, os preceitos do behaviorismo induziram diversas experiências pedagógicas e, na obra de Huxley, constituir-se-á em um importante elemento da educação condicionada. O modelo apresentado na obra aproxima-se muito mais dos conceitos de Pavlov que dos de Skinner, pois existia, primeiramente, o estímulo para, então, ocorrer ao

---

<sup>31</sup> (ENDERLE, 1985, p. 22).

<sup>32</sup> (ENDERLE, 1985, p. 23).

<sup>33</sup> (ENDERLE, 1985, p. 23).

reforço, muitas vezes, negativo. Para exemplificar a questão em uma passagem da obra, como leitores, podemos acompanhar um processo de “ensino-aprendizagem” realizado com o modelo de Pavlov. Na passagem, livros e flores são colocados ao alcance de bebês, mas, quando os pequeninos se aproximam tanto das flores como dos livros, os bebês são recepcionados com um forte estrondo e sirenes ensurdecedoras soam, por fim, para reforçar que os pequeninos não deveriam ter contato com livros e com as flores, recebiam uma pequena descarga elétrica.

Após esse processo eram novamente oferecidas às crianças: livros e flores, mas a simples imagem dos objetos coloridos já despertava recuos das crianças e berros.

Os livros e o barulho intenso, as flores e os choques elétricos – na mente infantil esses pares já estavam ligados de forma comprometedora; e, ao cabo de duzentas repetições da mesma lição, ou de outra parecida, estariam casados indissolivelmente. O que o homem uniu, a natureza é incapaz de separar.  
-Elas crescerão com o que os psicólogos chamavam de um ódio “instintivo” aos livros e às flores. Reflexos inalteravelmente condicionados. Ficarão protegidas contra os livros e a botânica por toda a vida (...) (HUXLEY, 2016, p. 34).

Temos, portanto, nessa narração, três aspectos que deverão ser analisados: a metodologia de condicionamento, a busca por criar a aversão às flores e aos livros.

Em relação ao condicionamento, já buscamos desenvolver alguns conceitos propedêuticos, porém não apresentamos as críticas existentes e a receptividade ao modelo de condicionamento. Existe enorme resistência da comunidade científica na utilização dos procedimentos de condicionamento. O modelo é considerado, em certos aspectos, desumano e superficial. A desumanidade do modelo é clarividente à medida em que consideramos a possibilidade de moldar indivíduos conforme nossas intenções. Outra crítica está na superficialidade na aplicação dos conceitos, conforme pode ser observado em Carmen Enderle: “Por outro lado, foi considerada superficial por não levar em conta os dinamismos inconscientes e o comportamento simbólico do ser humano” (ENDERLE, 1985, p. 24), ou seja, o ser humano não pode, do ponto de vista psicológico, ser tratado com um mero objeto a ser moldado, existe a subjetividade e a sua capacidade de transformação.

Ainda, conforme Carmem Enderle (1985, p. 31-32):

Tomando como exemplo dois enfoques de antagonismo extremado: o Behaviorismo e a Psicanálise, veremos que suas diferenças, a nível de concepção do homem, chocam-se de forma irreconciliável: enquanto para o Behaviorismo o homem é visto como um objeto de estudo passível de manipulações e controles, com um comportamento predizível, transmissor de informações, vivendo num mundo objetivo e sem particularidades que o distingam dos outros homens, para Psicanálise, por outro lado, o homem é a

referência maior, não generalizável, visto pelo prisma de sua individualidade, sua história pessoal, sua existência, e sua conduta, não só observável, mas a inferida a partir da comunicação consigo próprio e com o outro, através do processo inteligível da reflexão e interpretação das manifestações inconscientes.

As teorias “educacionais” behavioristas sofrem por se basearem apenas nos aspectos objetivos e observáveis – positivos – não identificando nos aspectos subjetivos dos sujeitos envolvidos. Portanto, modelos educacionais, baseados na simples e pura ideia de condicionamento, devem ser observados com profunda ressalva.

O segundo ponto que merece destaque está na tentativa do Governo distópico em criar aversão às flores e por que não dizer, à natureza. O que a princípio pode ser considerado um ato pitoresco do autor, revela-se em uma análise pormenorizada, em uma poderosa intencionalidade do regime industrial fordista da sociedade huxleyana.

A intenção demonstrada pelo autor aponta para uma finalidade utilitarista-pragmática a serviço do capitalismo do modelo político-educacional do regime distópico. “Se se procedia de modo que as crianças se pusessem a berrar diante de uma rosa, era por considerações de alta política econômica” (HUXLEY, 2016, p. 34). O diretor ao ser inquerido sobre os motivos que o Estado impedia o amor à natureza busca demonstrar as implicações econômicas da medida. Segundo o Diretor existiu um tempo em que o condicionamento estimulava o amor à natureza, em uma tentativa de fazer com que as classes inferiores utilizassem o transporte público, mas a natureza é gratuita, e, portanto as pessoas teriam oportunidade de se divertirem e se encantarem não gerando nenhuma atividade econômica. Diante da “inutilidade” econômica do contato com a natureza, o Estado entendeu por desestimular esse comportamento inútil.

As flores do campo e as paisagens, advertiu, têm um grave defeito: são gratuitas. O amor à natureza não estimula a atividade de nenhuma fábrica. Decidiu-se que era preciso aboli-lo, pelo menos nas classes baixas; abolir o amor à natureza, mas não a tendência a consumir transporte (...) (HUXLEY, 2016, p. 34).

As críticas apresentadas ao modelo de condicionamento que restringem o amor à natureza podem ser amplificadas às funcionalidades dos modelos educacionais. Existe uma crítica ao fato dos modelos educacionais estarem indissociáveis da matriz econômica existente. A subordinação e a instalação de um modelo educacional, intimamente ligado ao regime econômico, podem apresentar intencionalidades ocultas – ou nem tão ocultas assim – na formação apenas para a qualificação de mão de obra e na criação de novos consumidores compulsivos. Podemos, com isso, inferir que, nos modelos educacionais pautados em uma

matriz econômica, a educação é, muitas vezes, priorizada com o intuito de fornecer mão de obra para as indústrias e consumidores para o mercado de trabalho. Modelos educacionais que buscam apenas fornecer mão de obra barata, para indústrias e consumidores compulsivos, devem ser observados com grandes ressalvas.

Modelos pedagógicos intimamente ligados ao fornecimento e preparo da mão de obra são similares ao modelo apresentado e criticado em Huxley. Nossas inquietações são direcionadas a perceber que existem aspectos ideológicos capitalistas em nosso modelo educacional. Pensar que recentemente o nosso país passou por uma reforma do Ensino Médio – imposta por uma medida provisória – e os interesses mercadológicos do nosso modelo educacional foram expostos. Para não ficarmos apenas em críticas superficiais, utilizaremos o documento que foi feito pelo Ministério da Educação, no intuito de fundamentar as mudanças no ensino médio, para demonstrar que o principal objetivo da reforma foi atender aos aspectos ideológicos capitalistas. No documento, podemos perceber as intenções que impulsionaram a reforma do sistema educacional brasileiro:

A grande revolução no ensino, agora proposta pelo MEC, ocorre num momento em que, no mundo todo, a educação secundária passa por revisões radicais nas suas formas de organização institucional e nos seus conteúdos curriculares. **O ensino médio tem sido o mais afetado pelas mudanças nas formas de conviver, de exercer a cidadania e de organizar o trabalho, impostas pela nova geografia política do planeta, pela globalização econômica e pela revolução tecnológica** (BRASIL, 2017, grifo nosso).

Podemos perceber, na citação, que os principais motivos para a alteração do Ensino Médio tangenciam com as necessidades mercadológicas. Os motivos elencados – “mudanças nas formas de conviver, de exercer a cidadania e de organizar o trabalho, impostas pela nova geografia política do planeta, pela globalização econômica e pela revolução tecnológica” - podem ser muito bem aproximados dos motivos que motivaram a implantação de modelos de condicionamento na sociedade de Admirável Mundo Novo. Não existe, nesta justificativa, qualquer princípio de emancipação do indivíduo, apenas imposições da “nova geografia política do planeta pela globalização econômica e pela revolução tecnológica”.

Paulo Freire (2000, p. 142) já advertia sobre o problema de priorizar ideologicamente o discurso capitalista:

A capacidade de penumbrar a realidade, de nos “miopizar”, de nos ensurdecer que tem a ideologia, faz, por exemplo, a muito de nós, aceitar docilmente o discurso cinicamente fatalista neoliberal que proclama ser o desemprego no mundo uma desgraça do fim do século. Ou que os sonhos morreram e que o válido hoje é o “pragmatismo” pedagógico, é o treino técnico-científico do

educando e não sua formação de que já não se fala. Formação que, incluindo a preparação técnico-científica, vai mais além dela.

Ao perceber a crítica de Huxley – também compartilhada por Freire - sobre um sistema educacional totalmente baseado nos interesses mercadológicos, ficamos profundamente preocupados com a fundamentação apresentada pelo MEC, para a reforma do ensino:

As novas Diretrizes explicitam a clara diferenciação entre a **preparação geral para o trabalho** (parte integrante da formação básica nacional) e a **formação profissional** (preparação do aluno para o desempenho de profissão técnica), que será feita por curso complementar, realizado concomitante ou sequencialmente ao do ensino médio, porém em carga horária adicional (BRASIL, 2017, grifo nosso).

A formação humana no documento do MEC é reduzida em “preparação geral para o trabalho” e “formação profissional”. A inferência do sistema econômico no modelo educacional brasileiro é tamanha que o termo “educandos” foi substituído por “clientela”. Na concepção dos idealizadores do modelo educacional brasileiro, podemos perceber a alteração anunciada:

Caberá às escolas de ensino médio contemplar, em suas propostas pedagógicas, de acordo com as características regionais e de sua **clientela**, os **conhecimentos, competências e habilidades de formação básica, incluindo a preparação geral para o trabalho, que, sendo essenciais para uma habilitação profissional específica**, poderão ser igualmente aproveitados, em parte, no respectivo curso dessa habilitação profissional (BRASIL, 2017, grifo nosso).

Para finalizar essas constatações, devemos realizar uma pequena ressalva. Obviamente que no documento apresentado pelo MEC existem alguns pontos em que podemos observar que os teóricos adicionam a ideia de “autonomia intelectual”, porém, mesmo nesses trechos, os interesses que são categoricamente exaltados voltam-se aos princípios pragmáticos técnico-científicos criticados em Freire:

As Diretrizes estão definidas em admirável sintonia com a última geração de reformas do ensino médio no mundo. Com elas, **busca-se conciliar humanismo e tecnologia, exercício de cidadania plena e conhecimento dos princípios científicos que presidem a produção moderna, formação ética e autonomia intelectual**. Esse equilíbrio entre as finalidades “**personalistas**” e as “**produtivistas**” reflete uma clara visão unificadora e, sobretudo, um esforço sério para diversificar as oportunidades de formação e para superar o **tradicional dualismo que sempre caracterizou a educação média** (BRASIL, 2017, grifo nosso).

Diante de todos os pontos apresentados, acreditamos que podemos inferir que o atual modelo idealizado na reforma do Ensino Médio, de alguma forma, impõe princípios mercadológicos ao ambiente escolar. E não poderá ser considerado um equívoco a nossa aproximação com o modelo criticado em Huxley, de uma educação com certa submissão ao modelo econômico. Assim sendo, as críticas de Huxley poderiam ser extensivas à ideologia que norteia as principais mudanças na educação brasileira na atualidade.

Por fim, falta analisar a proibição da maioria dos livros. Porém esse tema será tratado de maneira mais pormenorizada no próximo momento da nossa dissertação. Vale ainda ressaltar que a obra de Bradbury não apresenta qualquer questão do ponto de vista genético, porém o condicionamento está *presente* na onipresença das *mass media* que, também, abordaremos posteriormente em nossa pesquisa.

### **3.2 Admiráveis censura e semiformação**

A proibição da leitura é sempre algo emblemático em nossa sociedade. Por diversas vezes na nossa história, existiram atos de vandalismo e barbárie para com os livros. Mas não podemos imaginar que os atos são aos livros em si, mas, sim, às ideias. A censura sempre foi um instrumento para calar vozes dissonantes às dos governantes, ou até mesmo ideias que não combinam com os grupos hegemônicos. Buscaremos, assim, perceber as críticas desenvolvidas – tanto em Admirável Mundo Novo como em Fahrenheit - e pelo fato da explicação da proibição da leitura em Fahrenheit 451 estar intimamente ligada às transformações e evolução da indústria cultural, aproveitaremos para abordar esse assunto. Porém temos abordagens diferentes nas duas obras sobre o tema e que merecem ser elucidadas de maneira propedêutica.

O foco da obra Admirável Mundo Novo está no detalhamento da sociedade que prioriza a tecnologia e as suas implicações na sociedade, assim sendo, a questão da proibição dos livros é apresentada de maneira secundária no desenvolvimento do enredo da obra. Entretanto Fahrenheit busca estabelecer questionamentos sobre a questão da censura, barbárie e semiformação. Se no subcapítulo anterior as questões abordadas foram essencialmente ligadas à obra Admirável Mundo Novo, este estará mais próximo das abordagens desenvolvidas em Fahrenheit. As duas obras, de alguma maneira, dialogam entre si, porém Fahrenheit dialogará de maneira mais forte no que diz respeito aos aspectos semiformativos e pode contribuir com críticas formidáveis para a nossa sociedade.

Em Admirável Mundo Novo, a proibição dos livros está intimamente ligada a aspectos utilitaristas e de controle de ideias - censura. A atividade de leitura requer tempo livre e, conseqüentemente, em uma sociedade extremamente pragmática, o desperdício de tempo deve ser abolido. Já em relação ao perigo na leitura, podemos citar que estaria a possibilidade de descondicionamento, ou seja, as ideias contidas nos livros poderiam desencadear questionamentos, que, inevitavelmente, poderiam colidir com a programação que era realizada pelo Estado, conforme pode ser observado:

(...) Embora compreendesse perfeitamente que não se podia permitir que pessoas de casta inferior desperdiçassem o tempo da Comunidade com livros e que havia sempre o perigo de lerem coisas que provocassem o indesejável descondicionamento de alguns de seus reflexos... (...) (HUXLEY, 2016, p. 34).

No capítulo dezesseis, a questão da leitura estará, com maior evidência, sendo abordada. Neste capítulo, John e Mustafá Mond esclarecerão alguns pontos a respeito dos quais ainda pairavam dúvidas sobre a leitura. Apesar de a proibição da leitura para, praticamente, todos os livros, Mond possui em seu cofre particular alguns exemplares, inclusive, da bíblia. Mustafá Mond, na conversa, demonstrará algumas questões que decretariam a proibição da maioria das obras: o caráter controverso e questionador, o fato de serem antigas - e tudo o que é antigo deve dar lugar ao novo - e a não possibilidade de entendimento das obras por parte da população.

Em um dos momentos iniciais, Mustafá Mond deixará claro que as obras foram extintas por serem antigas e, em uma sociedade “moderna”, não existe espaço para coisas antigas e, principalmente, para as coisas belas, “sobretudo, quando são belas. A beleza atrai e nós não queremos que ninguém seja atraído pelas coisas antigas. Queremos que amem as novas” (HUXLEY, 2016, p. 217). Na explicação fornecida por Mond, a sociedade “perfeita” não teria a capacidade de entender o sofrimento contido em uma obra como *Otelo*. Na explicação, o mundo não era o mesmo e, portanto a estabilidade, a satisfação dos desejos, a ausência de parentescos consanguíneos e a utilização do Soma impediriam o entendimento do que era a arte. A “felicidade” existente na sociedade impediria o entendimento e o poder crítico da arte.

Sem dúvida – aquiesceu o Administrador – Mas esse é o preço que temos de pagar pela estabilidade. É preciso escolher entre a felicidade e aquilo que antigamente se chamava a grande arte. Nós sacrificamos a grande arte. Temos, em seu lugar, os filmes sensíveis e o órgão de perfumes (HUXLEY, 2016, p. 218).

Algo parecido pode ser percebido, nos dias atuais, quando imaginamos que recentes reformas educacionais podem propor a retirada dos currículos do ensino médio: da Literatura, da Arte, da Filosofia e da Sociologia.

Se na obra de Huxley, a proibição da leitura passaria como um tema secundário, mas não podemos inferir o mesmo na obra de Bradbury. Em *Fahrenheit 451*, os livros ocupam a centralidade na obra. A violência contra as ideias é a grande temática e, assim, deter-nos-emos de maneira mais pormenorizada na questão.

O ponto mais elucidativo do texto de Bradbury sobre a questão dos livros pode ser encontrado no diálogo estabelecido entre Montag e o Capitão Beatty. No diálogo, Beatty elucidará Montag sobre o início da proibição da leitura. Segundo Beatty, o primeiro ponto que contribuiu para o fim da leitura está relacionado ao surgimento das mídias de massa. O enorme aumento populacional influenciou o crescimento das mídias de massa e, aos poucos, para atender aos anseios da enorme população de expectadores, as mídias começaram a simplificar seus conteúdos, conforme observamos:

- Imagine o quadro. O homem do século XIX com seus cavalos, cachorros, carroças, câmera lenta. Depois, no século XX, acelere sua câmera. Livros abreviados. Condensações. Resumos. Tabloides. Tudo subordinado às gags, ao final emocionante (BRADBURY, 2016, p. 56).

E, neste momento da obra, percebemos claramente que estamos lidando com semiformação. O autor irá, de forma cada vez mais intensa, demonstrando que a sociedade, cada vez mais, buscava conhecimentos sintéticos, rápidos e resumidos. Não existia motivo para ler uma obra completa se existia o seu resumo. Qual motivo levaria alguém a ler 500 páginas se em um verbete enciclopédico poderíamos ter “sintetizado” a obra de um autor.

Essa crítica pode muito bem ser aplicada aos alunos atuais, que buscam seus conhecimentos, normalmente, em resumos amplamente divulgados na internet em detrimento aos conhecimentos das obras verdadeiramente escritas. Há inúmeros sites que se destinam à publicação de resumos de grandes obras. Não somente essa questão se inquieta ao nosso olhar, porém os livros didáticos estão repletos da mesma metodologia. Nas aulas de literatura na escola, somos submetidos a leituras intensas de passagens de obras de língua portuguesa. Porém poucos são os incentivos à leitura propriamente da obra. Lembramo-nos de saber responder, à época, questões de literatura sobre livros que nunca havíamos lido. Com o estudo de algumas escolas literárias, estávamos preparados para escolher qual assertiva poderia ser a correta, apenas associando características das escolas literárias ao autor. Saber que José de Alencar era um grande representante da escola literária romântica renderia

facilidades no momento de responder a questões de múltipla escolha. Normalmente as questões estavam voltadas para as principais características das obras, como exemplo, temos:

2. (USP) O índio, em alguns romances de José de Alencar, como *Iracema* e *Ubirajara*, é:
- a) retratado com objetividade, numa perspectiva rigorosa e científica.
  - b) idealizado sobre o pano de fundo da natureza, da qual é o herói épico.
  - c) pretexto episódico para descrição da natureza.
  - d) visto com o desprezo do branco preconceituoso, que o considera inferior.
  - e) representado como um primitivo feroz e de maus instintos (MEU BLOG ACADÊMICO, 2011).

Qualquer aluno que tenha prestado um pouco de atenção nas aulas de literatura consegue resolver essa questão com tranquilidade, sem ter lido uma única linha de José de Alencar. A metodologia atualmente adotada, nos programas de ensino, fornece inúmeros resumos e explica os pontos principais de uma linha literária para que os alunos possam emitir opiniões sobre autores nunca lidos por eles. Essa questão chega aos níveis de uma grande contradição. A escola que deveria zelar pelo desenvolvimento cultural, na prática, torna-se parte de um processo de semiformação. A descrição de Bradbury deve ser vista como um retrato de diversos pontos problemáticos em nossa formação:

- Clássicos reduzidos, para se adaptarem a programas de rádio de quinze minutos, depois reduzidos novamente para uma coluna de livro de dois minutos de leitura e, por fim, encerrando-se num dicionário, num verbete de dez a doze linhas (BRADBURY, 2016, p. 56).

Não podemos incriminar apenas os sistemas de ensino secundários. Nas universidades, continuamos com o prolongamento do problema. Em muitos cursos, o recurso sintético é adotado de maneira sistemática. Não se trata, portanto de uma exceção à regra, mas à prática, de fato. Adorno (2000, p. 30-31), também, aponta a falha na formação dos professores da sua época, como podemos perceber:

Pois o que me perturba nesses exames é a ruptura entre aquilo que constitui objeto de elaboração e apresentação filosófica e os sujeitos vivos. A ocupação com a filosofia deveria promover a identidade de seu interesse verdadeiro com o estudo profissional que elegeram, mas na verdade, apenas aumenta a autoalienação. Esta possivelmente se avoluma ainda mais na medida que a filosofia é percebida como um peso morto que dificulta a aquisição de conhecimentos úteis seja na preparação das disciplinas principais, prejudicando o progresso nessa área, seja na aquisição de conhecimentos profissionais. A filosofia submetida à exame converteu-se em seu contrário; em vez de conduzir os que ocupam dela ao encontro de si mesmos, presta-se apenas a demonstrar a todos o fracasso da formação cultural, não só no caso dos candidatos, mas de um modo geral.

O apontamento realizado por Bradbury encontra, ainda, nos dias atuais, respaldo para ser objeto de análise acadêmica, principalmente, no que tange ao fato de que as instituições de ensino são propagadoras deste formato criticado. Adorno (apud PUCCI; ZUIN; LASTÓRIA, 2010, p. 8) ainda apresenta:

Os sintomas do colapso da formação cultural que se fazem observar por toda parte, mesmo no estrato das pessoas cultas, não se esgotam com as insuficiências do sistema e dos métodos da educação, sob a crítica de sucessivas gerações. Reformas pedagógicas isoladas, embora indispensáveis, não trazem contribuições substanciais. Podem até, em certas ocasiões, reforçar a crise, porque abrandam as necessárias exigências a serem feitas aos que devem ser educados e porque revelam uma inocente despreocupação diante do poder que a realidade extrapedagógica exerce sobre eles.

O capitão Beatty apresenta uma explicação pelo deterioramento cultural, descrito em Adorno como dos “interessados na indústria cultural”. A explicação, de Bradbury, para a falta de qualidade nos programas televisivos, rádios e até mesmo dos livros, poderia ser analisada como muito simplista por parte de Adorno, que identifica motivos muito mais profundos para a origem do problema. Para entender melhor essa questão, necessitaremos observar um trecho de Fahrenheit:

(...) Resumos de resumos, resumos de resumos de resumos. Política? Uma coluna, duas frases, uma manchete! Depois, no ar, tudo se dissolve! A mente humana entre em turbilhão sob as mãos dos editores, exploradores, locutores de rádio, tão depressa que a centrífuga joga fora todo pensamento desnecessário, desperdiçador de tempo! (BRADBURY, 2016, P. 56-57).

Para compararmos, temos em Adorno (2002, p. 6) a seguinte citação:

Os interessados adoram explicar a indústria cultural em termos tecnológicos. A participação de milhões em tal indústria imporia métodos de reprodução que, por seu turno, fazem com que inevitavelmente, em numerosos locais, necessidades iguais sejam satisfeitas com produtos estandardizados. O contraste técnico entre poucos centros de produção e uma recepção difusa exigiria, por força das coisas, organização e planificação da parte dos detentores. Os clichês seriam causados pelas necessidades dos consumidores: por isso seriam aceitos sem oposição.

Podemos intuir novamente que a explicação de Bradbury seria considerada por Adorno como sendo simplista e não alcançando os verdadeiros causadores do problema da qualidade dos conteúdos formativos. Neste ponto, podemos perceber que Bradbury descreve com clareza os sintomas – da indústria cultural-, porém falha em reconhecer a doença – ou seja, os reais motivos para o esfacelamento cultural resultante da indústria do entretenimento. Todavia temos que ressaltar que Adorno apresenta, em sua citação, uma crítica àqueles que

defendem que os programas da indústria cultural devem buscar a simplificação com a finalidade de alcançar o maior número de pessoas, ou seja, defensores de que a televisão deve oferecer uma programação simplificada para atingir todos os públicos – o que não é o caso da crítica promovida por Bradbury.

O objetivo de Bradbury não está em defender a simplificação dos conteúdos formativos, sua intenção é exatamente o oposto, no entanto ele equivoca-se em determinar as verdadeiras causas do problema. Os motivos não estão relacionados ao desenvolvimento da tecnologia, na verdade, são muito mais amplos do que a explicação apresentada pelo capitão Beatty. Para Adorno (2002, p. 6):

Na realidade, é por causa desse círculo de manipulações e necessidades derivadas que a unidade do sistema torna-se cada vez mais impermeável. O que não se diz é que o ambiente em que a técnica adquire tanto poder sobre a sociedade encarna o próprio poder dos economicamente mais fortes sobre a mesma sociedade.

Adorno relata, no ensaio Teoria de Semiformação, que, durante as revoltas burguesas do século XVII e XVIII, a formação cultural desempenhou um importante papel para a conquista do poder por parte da burguesia. A formação cultural foi um importante fator, para a emancipação do burguês e, conseqüentemente, a sua conquista política. Adorno declara que dificilmente a burguesia alcançaria e se desenvolveria em empresários, gerentes ou comerciantes sem uma formação cultural. Percebendo tal situação, as teorias socialistas buscaram desenvolver, na recém-surgida classe proletária, a “consciência de si mesmos” e a importância de uma formação cultural, para que o proletário conseguisse alcançar e se desenvolver tanto econômica como politicamente<sup>34</sup>. Porém, segundo Adorno (apud PUCCI; ZUIN; LASTÓRIA, 2010, p. 14):

Os dominantes monopolizaram a formação cultural numa sociedade formalmente vazia. A desumanização implantada pelo processo capitalista de produção negou aos trabalhadores todos os pressupostos para a formação e, acima de tudo, o ócio. As tentativas pedagógicas de remediar a situação transformaram-se em caricaturas. Toda a chamada educação popular – a escolha dessa expressão demandou muito cuidado – nutriu-se da ilusão de que a formação, por si mesma e isolada, poderia revogar a exclusão do proletariado, que sabemos ser uma realidade socialmente constituída.

Logo, podemos perceber que existem motivos muito maiores, para a deturpação cultural, que a simplificação apresentada na obra de Bradbury pelo capitão Beatty – de que a

---

<sup>34</sup>(Adorno apud PUCCI; ZUIN; LASTÓRIA, 2010, p. 14).

ampliação da tecnologia necessitou da simplificação dos conteúdos para alcançar o maior número de pessoas. Os sintomas percebidos, por Bradbury, entretanto são os mesmos denunciados em Adorno. A simplificação dos conteúdos, de fato, ocorre ainda em nossos dias, porém os motivos não estão intrinsecamente ligados a uma necessidade de alcançar um grande público; no olhar de Adorno, são antes intencionais para impedir um desenvolvimento cultural do proletariado. Assim, temos que considerar que os apontamentos de Brandbury não estão corretos em relação à causa real do esfacelamento cultural, todavia detectam com qualidade os sintomas e os sinais das mídias que surgiam com extrema força em sua sociedade e, hoje em dia, dominam completamente o dia a dia das pessoas.

A onipresença das televisões recebe um cuidado especial de Bradbury – temos que ter em mente que a primeira transmissão em cores só seria realizada um ano depois da publicação da obra<sup>35</sup>. Porém Bradbury já vislumbra as imagens coloridas se tornando o centro de todas as atenções em uma residência, telas em profusão e já previa que as famílias teriam o aparelho como o centro de suas casas<sup>36</sup>.

- Tirar tudo dos teatros, exceto os palhaços, e instalar nas salas paredes de vidro e nelas fazer passar muitas cores alegres, como confetes, sangue, vinho tinto ou branco. Você gosta de beisebol, não gosta, Montag? (BRADBURY, 2016, p. 58).

A constatação percebida na citação demonstra novamente estarmos lidando com uma obra bastante atual e precursora de diversas constatações que ocorrem nos dias atuais. A percepção de que os televisores se tornariam, talvez, um dos mais importantes aparelhos de uma residência só perde, para o que ocorre atualmente, com a invenção dos computadores e, principalmente, com os moderníssimos smartphones. Se até pouco tempo atrás, os aparelhos de televisão detinham toda a atenção das pessoas, atualmente disputam com aparelhos extremamente pequenos e poderosos em tecnologia – os smartphones. A onipresença destes pequenos dispositivos pode ser notada, em todos os lugares, desde escolas, faculdades, mesas de bar, na cozinha de nossas casas, nas rodas de conversas ou mesmo na cama dos casais; simplesmente as pessoas não conseguem tirar os olhos destes mecanismos tecnológicos; mesmo assistindo à televisão, a nova juventude não se desliga do que ocorre no ciberespaço.

---

<sup>35</sup> A primeira transmissão colorida foi realizada pela rede de televisão norte-americana NBC em 1954 (PINTO, 2017).

<sup>36</sup> Uma cena que descreve a importância da televisão na vida das pessoas pode ser encontrada em cada abertura dos Simpsons. A série animada já possui 28 temporadas e em cada uma das suas aberturas - que sempre sofre pequenas alterações - a televisão sempre foi o ponto central da família - a única alteração foi a apresentação do aparelho em si que deixou de ser a TV de tubo para se tornar o quadro de parede, ou seja, as TVs de tela plana modernas. Nas 28 temporadas, o objeto sempre foi o ponto de encontro final da abertura, demonstrando a importância do aparelho na família americana.

Nem mesmo Bradbury conseguiu intuir o tamanho da onipresença das telas em nossa vida – o autor aproximou-se muito ao imaginar o radioconcha, porém não tão próximo como constamos atualmente.

Ao nosso olhar, o que ocorre, na nossa atualidade, pode ser considerado ainda mais cartunesco - ou como poderia classificar Adorno, mais caricatural - do que o futuro descrito por Bradbury. Contudo, se as previsões sobre a onipresença da tecnologia distanciam-se da realidade por falta de exageros do autor, não podemos dizer o mesmo sobre os conteúdos descritos na obra *Fahrenheit*. O capitão Beatty constata algo que será observado em Adorno e que parece ser um fragmento do que observamos em nossa sociedade:

- Mais esportes para todos, espírito de grupo, diversão, e não se tem de pensar, não é? Organizar, tornar a organizar e super organizar super super esportes. Mais ilustrações nos livros. Mais figuras. A mente bebe cada vez menos (BRADBURY, 2016, p. 58).

Para compararmos temos no texto de Adorno (apud PUCCI; ZUIN; LASTÓRIA, 2010, p. 15. grifo nosso):

O mundo pré-burguês de ideias, essencialmente vinculado à religião tradicional, rompeu-se ali subitamente, **o que muito se deve aos meios de comunicação de massa, em especial o rádio e a televisão.** O campo foi conquistado espiritualmente pela indústria cultural. No entanto, *o a priori* do conceito de formação propriamente burguês, a autonomia, não teve tempo nenhum de se constituir, e a consciência passou diretamente de uma heteronomia a outra. No lugar da autoridade da Bíblia, instaura-se a do **domínio dos esportes, da televisão e das “histórias reais”, que se apoiam na pretensão de literalidade e de facticidade aquém da imaginação produtiva.**

Podemos perceber que os meios de comunicação em massa operam as mesmas situações descritas tanto em Adorno como em Bradbury. O enorme conteúdo transmitido por esses meios não se traduz em qualidade cultural. Existe uma intencionalidade do sistema em produzir conteúdos em demasia, porém de péssima qualidade. Muito dessa intencionalidade mencionada, anteriormente, pode ser atribuída à própria mecânica capitalista por trás dos veículos de notícias.

Christoph Türcke (2010) faz uma análise extremamente relevante para a questão. No seu livro *Sociedade Excitada: Filosofia da Sensação* ele apresenta o desenvolvimento da imprensa desde os primórdios até os dias atuais. Em suas considerações, podemos perceber que existiu uma mudança significativa no que era “importante” e que merecia ser divulgado para toda a população pelos jornais e o que virou “importante” na atualidade. Türcke

demonstra que existe uma inversão nos pressupostos da notícia, e essa mudança, logicamente, altera a nossa percepção, induzindo cada vez mais pessoas a assimilar conteúdos descartáveis<sup>37</sup>. Essa lógica da produção indiscriminada de enorme conteúdo descartável pode ser atribuída a uma lógica do sistema. A lógica a que estamos no referindo é que como os jornais passaram a ser diários – hoje são até por minutos, se consideramos os sites de conteúdo de notícias – necessitam de uma enorme quantidade de *news*<sup>38</sup> para atraírem compradores. A necessidade de vender jornais criou uma demanda por notícias inúteis. Podemos perceber nesta citação:

Mas desde o século XVII, quando os panfletos esporádicos foram gradualmente se tornando jornais com tiragem regular, ou seja, quando se tornaram empresas que iriam à falência se o material noticiável se exaurisse, iniciou-se uma reviravolta significativa. O meio precisa semanalmente, depois diariamente, alimentado com matérias dignas de serem noticiadas, para que ele possa continuar a existir e, quando se torna questionável se os eventos correntes dizem respeito a todos, é necessário que se *faça* que digam. Assim, a confecção de notícias recebe uma nova ênfase. Não mais representa apenas a ornamentação de acontecimentos explosivos, mas também o fazer explosivo dos acontecimentos. A lei de base da lógica da notícia conduz à sua própria inversão: “A ser comunicado, porque importante” superpõe-se a “Importante, porque comunicado”. Essa superposição é o tributo sistêmico que o estabelecimento de empresas de notícias e seu gradual crescimento em uma rede de informação abrangente custou. Pode-se chamá-la de perversão da lógica de notícia. Porém não se pode esquecer que nenhum sistema de notícias moderno continuaria a existir sem ela (TURCKE, 2010, p. 17-18).

A lógica iniciada nos meios impressos é exacerbada nas mídias visuais, ou seja, o indivíduo é bombardeado por informações inúteis para a sua formação. Nos conteúdos audiovisuais, a intensificação dos elementos sensoriais realiza, de maneira muito mais efetiva, o processo iniciado nos jornais. E o telespectador – ou leitor assíduo de revistas e jornais – busca sempre se manter “atualizado”, vivendo em uma constante busca por informações para se sentir parte do mundo – ou um “tradutor e conhecedor do mundo”, porém com pouca efetividade no que concerne a aspectos culturais autênticos. O sistema induz a uma pseudonecessidade de que o indivíduo deve sempre estar em constante contato com as notícias para que ele possa ser considerado um indivíduo “culto”.

---

<sup>37</sup> (TURCKE, 2010, p. 15-17).

<sup>38</sup> Türcke atribui a ideia de *news* à etimologia da palavra em inglês, ou seja, o novo, a nova notícia que deve ser noticiada. Na verdade, esse conceito será a banalização da notícia. Notícia que antes teria uma finalidade ligada à *res publica* – ou seja, àquilo que deveria ser noticiado, era importante para a vida das pessoas, passa a ser apenas *News*, é importante, pois é noticiada.

Hoje em dia, todos que queiram permanecer atualizados precisam, por sua vez, selecionar rapidamente o material relevante a partir de uma superabundância de notícias, precisam permanecer constantemente atentos para que sua escolha esteja no nível da concorrência, e expor-se, para esse fim, a um tiroteio midiático (TÜRCKE, 2010, p. 19).

Em Brandbury, a péssima qualidade dos conteúdos origina um indivíduo que busca incessantemente “notícias” desnecessárias. Podemos perceber o nascimento de um novo tipo de “intelectual”: o intelectual do Guinness Book<sup>39</sup>. Na obra, a intencionalidade do sistema, também, fica evidenciada, ao expor a enorme inutilidade dos conhecimentos que são transmitidos ao cidadão.

Promova concursos em que vençam as pessoas que se lembrarem da letra das canções mais populares ou dos nossos nomes de capitais dos estados ou de quanto foi a safra de milho do ano anterior. Encha as pessoas com dados incombustíveis, entupa-as tanto com “fatos” que elas se sintam empanzinadas, mas absolutamente “brilhantes” quanto a informações. Assim, elas imaginarão que estão pensando, terão uma sensação de movimento sem sair do lugar. E ficarão felizes, porque fatos dessa ordem não mudam. Não as coloque em terreno movediço, com filosofia ou sociologia, com que comparar suas experiências. Aí reside a melancolia (BRADBURY, 2016, p. 62).

A passagem acima apresenta inúmeras características apresentadas na obra de Türccke e na de Adorno, principalmente, no que tange à descrição de um indivíduo semiformado. O semiculto será “capaz” de oferecer opiniões em todo e qualquer assunto, com um pretenso ar de autoridade. Porém suas intervenções falharão pela superficialidade e ausência de rigor metodológico. O semiformado apresentará de maneira intransigente os seus argumentos, emoldurados por um postulado de “verdade intocável” e absolutamente “inquestionável” – debatendo e, inclusive, publicando nas páginas da internet as suas “infalíveis opiniões”. No entanto:

(...) como a semiformação cultural se liga, apesar de tudo, a categorias tradicionais, a que ela já não satisfaz, a nova figura da consciência sabe inconscientemente de sua própria deformação. Isso irrita e encoleriza a semicultura – *quem sabe do que se trata quer sempre em tudo ser um sabichão*. Um slogan semiculto que viu melhores tempos é do ressentimento, pois a própria semicultura é a esfera do ressentimento puro, mas dele acusa o

---

<sup>39</sup> O *Guinness Book of Records* atualmente chamado de *Guinness World Records* foi criado em 27 de agosto de 1955 e o principal objetivo era fornecer informações sobre recordes. O idealizador do livro foi Sir Hugh Beaver, um executivo da cervejaria Guinness que, após uma discussão sobre qual seria a ave mais rápida – a tarambola ou a tetraz- imaginou que as pessoas poderiam se interessar por um livro de “grandes proezas”. O livro idealizado buscava oferecer assuntos “importantes” para o bar. Para citarmos alguns dos assuntos temos: quantas pessoas cabem em uma touca de natação, qual foi o máximo de canudos que um homem conseguiu colocar na boca, ou a pessoa que possui o maior número de patinhos de borracha, esses são os tipos de conteúdos conhecidos pelo Guinness Book (BOL LISTAS, 2015).

que quer que ouse conservar a função de autoconhecimento. Sob a superfície do conformismo vigente, é inconfundível o potencial destrutivo da semiformação. Ao mesmo tempo em que se apossa fetichisticamente dos bens culturais, está sempre na iminência de destruí-los (PUCCI; ZUIN; LASTÓRIA, 2010, p. 34).

O conceito de semiformação desenvolvido em Adorno complementa as intencionalidades questionadas na obra de Bradbury, um dos nossos objetos de pesquisa. As descrições realizadas até o momento demonstram claramente que nossa sociedade está se tornando – ou já se tornou – a sociedade da semiformação. E o que nos preocupa profundamente é que esse processo possui um prolongamento no ambiente escolar. Com o intuito de incluir, definitivamente, nossas questões à escola, devemos lembrar que as crianças, em Fahrenheit 451, são criadas na frente dos aparelhos televisivos: “Meus filhos ficam na escola nove dias seguidos e depois eles têm um dia de folga. Eu os aguento em casa três dias por mês; (...) A gente põe as crianças no ‘salão’ e liga o interruptor” (BRADBURY, 2016, p. 93). Ora, se as crianças são submetidas à programação já amplamente debatida, que carece de qualidade nos seus conteúdos, logicamente, serão frutos desse processo “antiesclarecimento”. O recurso de “esquecer-se das crianças”, na frente da televisão, trata-se de algo amplamente utilizado em nossa sociedade.

Função parecida – ao deixar as crianças serem condicionadas pela televisão - pode ser identificada na obra Admirável Mundo Novo, no que se refere ao uso da hipnopedia, ou seja, o princípio do ensino durante o sono. Apesar de se tratar de uma tecnologia diferente à da televisão, não podemos distanciar quanto aos efeitos práticos das duas tecnologias, no que tange à manipulação.

A hipnopedia consistia em inúmeras sentenças que eram administradas, durante o sono, por meio de um aparato sonoro introduzido nas camas das crianças. O método apresentava uma falha: o indivíduo não era preparado por este método a inferir sobre questões.

Existe uma passagem no livro que demonstra essa falha no método de ensino. No relato, a mensagem emitida pelo autofalante dizia: “O Nilo é o mais extenso dos rios da África e o segundo em comprimento de todos os rios do globo” (HUXLEY, 2016, p. 37). Mas, quando uma criança era questionada sobre qual era o rio mais extenso da África, ela não sabia responder. Na passagem, o interlocutor perguntava se elas se lembravam de uma coisa que começava assim: “O Nilo é o mais extenso (...)” e a continuidade da sentença era automática, porém, quando questionadas novamente sobre qual seria o rio mais extenso da África, não conseguiam responder novamente.

O método narrado pode significar uma crítica ao modelo de educação, baseado na popularmente conhecida “decoreba”, ou seja, a repetição constante de algo com a finalidade de gravar na mente. O processo funciona, mas apresenta falhas, trata-se de uma forma de aprendizagem que não proporciona o questionamento e, conseqüentemente, a aprendizagem de maneira duradora.

Se o modelo não proporcionava grande desenvolvimento intelectual aos educandos, para questões morais, tornava-se indispensável. Para os administradores, o ato moral não deveria ser revestido de racionalidade. Assim sendo, repetições eram lançadas às crianças com a finalidade de moldar a sua personalidade. Como exemplo das repetições realizadas, temos:

As crianças Alfas vestem roupas cinzentas. Elas trabalham muito mais do que nós porque são formidavelmente inteligentes. Francamente, estou contentíssimo de ser um Beta, porque não trabalho tanto. E, além disso, somos muito superiores aos Gamas e aos Deltas. Os Gamas são estúpidos. Eles se vestem de verde e as crianças Deltas se vestem de Cáqui. Oh, não, não quero brincar com crianças Deltas. E os Ípsilons são ainda piores. São demasiado estúpidos para saberem... (HUXLEY, 2016, p. 39).

O processo era inúmeras vezes repetido, durante o sono das crianças, para se ter uma ideia da quantidade de repetições realizadas: “Eles ouvirão isso repetido mais quarenta ou cinquenta vezes antes de acordarem”. A continuidade do processo era garantida “cento e vinte vezes, três vezes por semana durante trinta meses” (HUXLEY, 2016, p. 39). Existiam outros modelos de repetições realizados durante o sono e que são enumerados durante a obra: “Cada um pertence a todos” (HUXLEY, 2016, p. 56), “Mais vale dar fim que consertar” (HUXLEY, 2016, p. 58), civilização é esterilização (HUXLEY, 2016, p. 113), entre outras.

Na prática, podemos perceber que muitas sentenças morais eram de fato para manter a estabilidade do sistema à indução do consumo, à liberalidade sexual, em preconceitos que originavam segregação entre as castas e, principalmente, para criar uma censura psicológica nas crianças. As sentenças hipnopédicas não se distanciam dos atuais ditados populares, que, muitas vezes, apresentam modelos morais questionáveis e são reprodutores de preconceitos, tais como: “Ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão”, “Lugar de mulher é na cozinha”, entre outros.

Podemos estabelecer com esses ditados populares aproximações com o modelo da hipnopédia. O objetivo do ensino, durante o sono, era exatamente fixar conceitos e preconceitos, no inconsciente da população, com a finalidade de que elas realizassem a vontade do Estado, conforme podemos observar:

Até que, finalmente, o espírito da criança *seja* essas coisas sugeridas, e que a soma dessas sugestões *seja* o espírito da criança. E não somente o espírito da criança. Mas também o adulto, para toda a vida. O espírito que julga, e deseja, e decide, constituído por essas coisas sugeridas. Mas todas essas coisas sugeridas são aquelas que nós sugerimos, *nós!* – O Diretor quase gritou, em seu triunfo – Que o Estado sugere (...) (HUXLEY, 2016, p. 40).

Acreditamos que essa citação sintetiza alguns dos principais desejos políticos, no processo educacional da obra Admirável Mundo Novo.

Nas duas obras analisadas, a importância das mídias televisivas – ou no caso da obra, Admirável Mundo Novo, uma mídia condicionadora - surge de maneira onipresente. Não podemos deixar de analisar os questionamentos contidos na obra, Educação e Emancipação, na qual, Adorno provoca inquietações aos objetivos pedagógicos dos meios televisivos. Para tanto, distingue entre dois aspectos:

Por um lado é possível referir-se à televisão enquanto ela se coloca diretamente a serviço da formação cultural, ou seja, enquanto por seu intermédio se objetivam fins pedagógicos: na televisão educativa, nas escolas de formação televisiva e em atividades formativas semelhantes. Por outro lado, porém, existe uma espécie de função formativa ou deformativa operada pela televisão com tal em relação à consciência das pessoas, conforme somos levados a supor a partir da enorme quantidade de espectadores e da enorme quantidade de tempo gasto vendo e ouvindo televisão (ADORNO, 2000, p. 33).

Adorno não pode ser qualificado como um opositor radical à tecnologia televisiva<sup>40</sup>, porém trata-se de um autor crítico quanto à utilização equivocada do recurso tecnológico.

Entretanto, suspeito muito do uso que se faz em grande escala da televisão, na medida em que creio que em grande parte das formas em que se apresenta, ela seguramente contribui para divulgar ideologias e dirigir de maneira equivocada a consciência dos espectadores (ADORNO, 2000, p. 34).

O autor percebe o grande poder de manipulação que os meios televisivos – e por que não estender a todas às *mass media* – exercem, principalmente, a serviço do sistema econômico. Os principais questionamentos são direcionados à qualidade da programação oferecida pelos meios de comunicação de massa. No entanto, Adorno está longe de um radicalismo intransigente ao meio televisivo – talvez, no que se refira à qualidade dos

---

<sup>40</sup> “Além disto, gostaria de acrescentar que não sou contra a televisão em si, tal como repetidamente querem fazer crer. Caso contrário, certamente eu próprio não teria participado de programas televisivos (ADORNO, 2000, p. 34).

conteúdos produzidos na televisão brasileira, consideramos que o autor seria um severo opositor<sup>41</sup> -, porém, também, distancia-se de um entusiasmo cego.

Em um modelo ideal de televisão – algo muito distante da nossa realidade-, a televisão poderia oferecer um conteúdo com intuito de “desenvolver aptidões críticas; ela deveria conduzir as pessoas, por exemplo, à capacidade de desmascarar ideologias; deveria protegê-las ante identificações falsas e problemáticas” (ADORNO, 2000, p. 35). Infelizmente essa visão está muito distante da nossa realidade.

No que tange aos aspectos manipulativos – e nesse ponto podemos estabelecer um paralelo tanto com nossa realidade como com as obras objetos do nosso estudo –está principalmente em seu caráter fantasmagórico. O conceito pode ser compreendido no texto *Estética e Anestésica: uma reconsideração de A obra de arte de Walter Benjamin*, de Susan Buck-Morss. A autora retomará o conceito que se faz muito presente na obra de Benjamin. O conceito de fantasmagoria, que surge na Inglaterra, em 1802, pela ilusão de ótica que é ocasionada na utilização de lanternas mágicas com o objetivo de enganar os sentidos, na tentativa de se passar pela realidade (BUCK-MORSS, 2012), pode muito bem ser utilizado na análise televisiva do Brasil. Ainda, em relação à fantasmagoria, a autora irá dizer:

Fantasmagorias são tecnoestéticas. As percepções que oferecem são ‘reais’ o quanto baste – o seu impacto sobre os sentidos e os nervos é ainda ‘natural’ de um ponto de vista neurofísico. Mas a sua função social é em cada caso compensatória. O objetivo é a manipulação do sistema sinestésico através do controle dos estímulos ambientais (BUCK-MORSS, 2012, p. 155-204).

A televisão possui esse caráter fantasmagórico, principalmente, nossas novelas que buscam induzir uma ilusão de que retratam a realidade, quando, na verdade, oferecem apenas ilusões. As situações apresentadas, em muitos folhetins, oferecem uma realidade que não condiz com a vida das pessoas.

Nas novelas, viver em favela é algo de fantástico! As pessoas são sempre sorridentes, os pobres são retratados como pessoas extremamente felizes que vivem em uma “comunidade”. O rico sovina e triste sempre é confrontado pela “beleza” da vida do favelado. O rico não consegue compreender como alguém que tem tão pouco pode ser extremamente

---

<sup>41</sup>Imagine Adorno assistindo a um programa como o de Luciana Gimenez, do Ratinho, do Luciano Huck, Faustão, a banheira do Gugu, os programas de celebridades, novelas, Rodrigo Faro; imagine ele assistindo aos programas de variedades nacionais com seus closes ginecológicos, as entrevistas com famosos como Geisy Arruda e os reality shows. É difícil acreditar no potencial educativo da televisão feita no Brasil. Para as pessoas que se interessam sobre o tema da qualidade dos conteúdos da tv brasileira, indicamos o documentário da BBC, Os maiores shows da Terra – tradução nossa. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=A-fAcJMT3Iw>>.

feliz. A ideologia presente é que a felicidade não se compra e que é melhor se contentar em ser pobre e “feliz” pelo resto da sua vida que ser rico e triste. A fantasmagoria, neste aspecto, faz-se presente de maneira explícita. Não é legal ser pobre! E a vida de pobreza não é, de maneira alguma, invejável. A pobreza não pode se constituir em um ideal a ser alcançado para a verdadeira felicidade. Viver em um ambiente insalubre; sem acesso aos meios de transporte; sem acesso à saúde; educação; moradia com as condições mínimas de ser habitada; ausência de emprego; tendo que se submeter ao poderio das armas do tráfico - ou dos milicianos; e, principalmente, necessitando trabalhar desesperadamente com a finalidade apenas de sobreviver, não se traduz em inveja para ninguém.

A esse modelo ideológico-televisivo que Adorno é radicalmente contra:

-Em primeiro lugar, compreendo “televisão como ideologia” simplesmente como o que pode ser verificado, sobretudo nas representações televisivas norte-americanas, cuja influência entre nós é grande, ou seja, a tentativa de inculcar nas pessoas uma falsa consciência e um ocultamento da realidade, além de, como se costuma dizer tão bem, procurar-se impor às pessoas um conjunto de valores como se fossem dogmaticamente positivos, enquanto a formação a que nos referimos consistiria justamente em pensar problematicamente conceitos como estes que são assumidos meramente em sua positividade, possibilitando adquirir um juízo independente e autônomo a seu respeito. Além disto, contudo, existe ainda um caráter ideológico-formal da televisão, ou seja, desenvolve-se uma espécie de vício televisivo (...) (ADORNO, 2000, p. 36).

Esse ocultamento denunciado por Adorno se faz presente, como demonstramos, em toda a programação televisiva e, principalmente, nas propagandas. Adorno adverte de maneira incisiva os conteúdos da publicidade. Na percepção do autor, as propagandas apresentam características extremamente perigosas e que deveriam ser desmascaradas<sup>42</sup>. Imaginamos a importância de desmascarar a publicidade amplamente difundida pelos meios televisivos sobre o “novo ensino médio”. Na propaganda em questão, o governo apresenta o seu índice de aprovação da proposta: 72% dos brasileiros aprovam, segundo o Ibope, a nova proposta de ensino<sup>43</sup>. O governo realiza aqui a fantasmagoria de que, se 72% da população aprovam a proposta, ela deve ser excelente<sup>44</sup>. A medida provisória que se tornou lei não pode ser quantificada em números, deve antes ser avaliada qualitativamente. E esse índice qualitativo deve estar intrinsecamente atrelado a uma educação emancipatória e esclarecedora, que abordaremos no último capítulo do nosso trabalho.

<sup>42</sup> (ADORNO, 2000, p. 35).

<sup>43</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4pb1nasqUtQ>>. Acesso em: 26 ago. 2017.

<sup>44</sup> Seguindo esse raciocínio, o governo deveria entender que se 95% da população consideram o seu governo ruim, significa que ele deveria renunciar.

Se não pairam dúvidas sobre o poder alienante dos meios de comunicação, a sua utilização, em mecanismos educacionais, como os vistos nas obras de Bradbury e Huxley, deve ser vista com temeridade e, principalmente, com severas ressalvas. Qualquer ampla utilização dos veículos de comunicação, no processo formativo, merece a atenção e o cuidado propostos por Adorno.

Para além das questões propostas sobre semiformação, consideramos relevante apontarmos outro fato explícito nas duas obras: a censura. O instrumento de controle é apresentado de diferentes formas nas duas obras. Se a obra de Huxley apresenta uma censura velada, não podemos inferir que o mesmo acontece com a obra de Bradbury.

Em Admirável Mundo Novo, temos alguns pontos em que presenciamos a interferência estatal no controle de ideias. O primeiro ponto, que já mencionamos longamente, está intimamente atrelado às hipnopédias. As sentenças exaustivamente emitidas e que transferem conteúdos às mentes dos “civilizados” constituem-se em uma das primeiras formas de controle repressivo. Porém, também, já observamos, em nosso texto, o que ocorre na sala de Condicionamento Neopavloviano – apesar de já mencionado consideramos importante retomar esse importante trecho – no qual o sistema estatal busca controlar e, principalmente, reprimir todo contato com a leitura.

No episódio - já narrado e que buscamos retomar -, temos um grupo de bebês que são apresentados aos livros e às flores. Os bebês induzidos pelo seu espírito de curiosidade, após perceberem as cores dos livros e das flores, logicamente são atraídos. Após os bebês brincarem com os objetos oferecidos, existia um comando dos diretores e uma ligeira descarga elétrica era liberada sobre as crianças que já estavam assustadas com os alarmes e sirenes que haviam sido disparados anteriormente.

- E agora – gritou o D.I.C. (pois o barulho era ensurdecedor) -, agora vamos gravar mais profundamente a lição por meio de um ligeiro choque elétrico. Agitou de novo a mão, e a Enfermeira-Chefe baixou uma segunda alavanca. Os gritos das crianças mudaram subitamente de tom. Havia algo de desesperado, de quase demente, nos urros agudos e espasmódicos que elas então soltaram. Seus pequenos corpos contraíam-se e retesavam-se; seus membros agitavam-se em movimentos convulsivos, como se puxados por fios invisíveis (HUXLEY, 2016, p. 33).

O condicionamento era repetido centenas de vezes. O medo implantado no contato com os livros era considerado pelos psicólogos da sociedade huxleyriana indissociável e, assim, tínhamos uma sociedade em que as pessoas teriam aversão total aos livros. O medo estatal, que originava dessa medida de condicionamento, estava intimamente relacionado à

possibilidade de os livros retirarem condicionamentos impostos pelos mecanismos educacionais do sistema. O modelo adotado de censura – e violência – tinha como objetivo preservar os interesses do sistema econômico e, principalmente, impedir a circulação de ideias. Existem diversas formas de impedir o acesso a novas ideias. No processo descrito em *Admirável Mundo Novo*, temos um condicionamento bastante científico e muito eficaz para o efetivo exercício da censura. Uma vez associada a ideia de que os livros eram terríveis, dificilmente um adulto se aproximaria novamente deles. A impressão que temos, ao observar o método, deve ser muito equivalente à sensação marcada em nossa memória do primeiro choque elétrico que sofremos. A nossa sensação é tão forte que tomamos todos os cuidados para não ter contato novamente com a experiência traumática.

Podemos inferir que o método aplicado pelo sistema estatal de *Admirável Mundo Novo* é bastante eficiente para a finalidade de evitar o acesso aos livros. Imaginamos que tal recurso seria o sonho de consumo de diversos Estados totalitários e a sua ampla difusão evitaria a existência e a necessidade da criação: do *Index*<sup>45</sup> por parte da igreja Católica, a inquisição e as suas mortes nas fogueiras, as “incríveis” cerimônias de queima aos livros de Hilter, ou mesmo os porões da ditadura no Brasil. Bastaria um simples condicionamento neopavloviano, e todas as medidas repressivas já adotadas no mundo seriam desnecessárias. Porém, ainda não existindo esse violento recurso de controle, os modelos totalitários de controle de ideias necessitam utilizar formas – diríamos - mais convencionais de violência.

Em *Fahrenheit 451*, o método da queima dos livros é sistematicamente utilizado, porém a obra faz uma grande ressalva que teremos que apresentar. Apesar de o espetáculo realizado pelos bombeiros com a queima dos livros, o autor propõe a ideia de que os livros fossem, antes mesmo de serem proibidos pelo Estado, abandonados pela população. Esse posicionamento pode ser percebido, em dois momentos da obra, como observamos nos diálogos entre Montag e Faber: “(...) Lembre-se, os bombeiros raramente são necessários. O próprio público deixou de ler por decisão própria” (BRADBURY, 2016, p. 84); outro momento foi entre o embate de Montag e o capitão Beatty:

(...) Mas o público, sabendo o que queria, com a cabeça no ar, deixou que as histórias em quadrinhos sobrevivessem. E as revistas de sexo em 3-D, é claro. Aí está, Montag. A coisa não veio do governo. Não houve nenhuma declaração, nenhuma censura como ponto de partida. Não! A tecnologia, a exploração das massas e a pressão das minorias realizaram a façanha, graças

---

<sup>45</sup>O *Index* foi criado, em 1559, pelo Papa Paulo 4º com o objetivo de proibir e resguardar a Igreja de obras consideradas subversivas. Só foi extinto no ano de 1966 por Paulo 6º. Atualmente a Igreja ainda adverte sobre a leitura de alguns livros – Harry Potter e *O Código da Vinci* são exemplos de livros não recomendados pela Igreja.

a Deus. Hoje, graças a elas, você pode ficar o tempo todo feliz, você pode ler os quadrinhos, as boas e velhas confissões ou os periódicos profissionais (BRADBURY, 2016, p. 59).

Talvez aqui esteja um resultado prático da enorme onipresença da indústria cultural e um método muito efetivo e vitorioso no combate às ideias. Se no passado a repressão e agressão aos livros eram necessárias, para impedir a circulação de ideias subversivas, atualmente, basta que a pessoa se entregue aos prazeres do entretenimento oferecido pelas mais diversas formas que se apresentam pela indústria cultural. A enorme quantidade de conteúdos inúteis e semiformativos presta um enorme favor à manutenção da ignorância no mundo atual. Podemos perceber que, atualmente, sintomas desse movimento podem ser amplamente observáveis, as pessoas estão deixando, gradativamente, de ter contato com a leitura, dedicando-se quase que exclusivamente ao entretenimento apresentado pela indústria.

A observação constatada por Bradbury de que a leitura seria substituída por um amplo acesso às imagens televisivas não retira pontos que são obscuros em sua teoria. Para que não parem dúvidas, Bradbury apresenta que o movimento parte das pessoas, que, por uma opção própria, deixam de ler para evitar aborrecimentos e apenas buscam o entretenimento que as encha de prazer. Como vimos em Adorno, não podemos aceitar tal proposição. Na verdade, o sistema instalado oferece uma enorme quantidade de informações inúteis e, por fim, de maneira consciente, oferece apenas conteúdos de pouca ou nenhuma utilidade formativa.

Outro ponto nebuloso na teoria está no fato de Brandbury apresentar e afirmar que as minorias seriam responsáveis por uma espécie de censura. Na visão de Brandbury, o que hoje chamamos de politicamente correto estaria influenciando e prejudicando a arte. Para exemplificarmos a situação:

- Agora tomemos as minorias de nossa civilização, certo? Quanto maior a população, mais minorias. Não pise no pé dos amigos dos cães, dos amigos dos gatos, dos médicos, advogados, comerciantes, patrões, mórmons, batistas, unitaristas, chineses de segunda geração, suecos, italianos, alemães, texanos, gente do Brooklyn, irlandeses, imigrantes do Oregon ou do México. Os personagens desse livro, dessa peça, desse seriado de tevê não pretendem representar pintores, cartógrafos, engenheiros reais. Lembre-se, Montag, quanto maior seu mercado, menos você controla a controvérsia! Todas as menores das menores minorias querem ver seus próprios umbigos, bem limpos. Autores cheios de maus pensamentos, tranquem suas máquinas de escrever! Eles o *fizeram*. As revistas se tornaram uma mistura insossa. Os livros, assim diziam os malditos críticos esnobes, eram água de louça suja. Não *admira* que parassem de ser vendidos, disseram os críticos (BRADBURY, 2016, p. 58-59).

A tese apresentada de que as minorias seriam responsáveis pela censura tem origem em um momento da vida de Bradbury em que editoras, leitores e até mesmo universidades solicitavam mudanças em alguns textos do autor. Os motivos variavam entre adequar a linguagem, para que fossem recebidas pelo grande público e até mesmo em algumas caracterizações de personagens realizadas pelo autor<sup>46</sup>.

As mudanças realizadas pelas editoras na reedição de algumas obras de Bradbury podem ser, de fato, consideradas censura pelo poder econômico, porém questionamentos de leitores, em relação ao posicionamento do autor sobre algumas questões, não podem de maneira alguma obter tal título. O posicionamento crítico de leitores é algo importante - apesar de o autor não gostar dele. Existe uma diferença entre impedir algo de ser publicado e criticar algo que foi publicado. As críticas, que Adorno aponta, em todo o seu escrito: *Aldous Huxley e a utopia* não podem ser vistas como um instrumento de censura a Huxley. Trata-se, antes de tudo, de um grande diálogo estabelecido com a obra de Huxley. O fato de Adorno apontar falhas, nos argumentos de Huxley, deve ser observado como parte de um processo formativo e de esclarecimento, nunca de censura. As críticas quanto à caracterização de personagens - principalmente dos negros - nas obras de Bradbury, devem ser vistas como parte de movimentos afirmativos destas minorias. Portanto existe uma espécie de confusão conceitual por parte de Bradbury, que imputa às críticas as suas obras valor de censura.

A censura quer impedir a manifestação das ideias, já as críticas dialogam com ideias apresentadas pelo autor. O nosso posicionamento pessoal é de ser radicalmente contra a censura que impediria a publicação de livros, porém somos extremamente favoráveis à crítica quanto ao conteúdo de uma obra. Mesmo que as críticas provoquem no autor uma reflexão, em relação ao que deve ser publicado, acreditamos existir aqui, um movimento de conflito de ideias e extremamente importante para o desenvolvimento da sociedade. Neste ponto, portanto não podemos concordar com as argumentações propostas pelo autor.

Responsabilizar a pobreza de conteúdos dos livros às minorias é, na verdade, na não percepção do autor, para os motivos que, de fato, são os verdadeiros responsáveis pelo empobrecimento cultural, a saber: a busca da burguesia em impedir o desenvolvimento cultural do proletariado, conforme vimos em Adorno. Porém, apesar da nossa discordância com Bradbury, não podemos deixar de creditar ao autor seus acertos, no que tange, principalmente, aos aspectos deformativos criticados nas simplificações grosseiras das obras literárias e, conseqüentemente, no abandono gradativo da população quanto aos textos.

---

<sup>46</sup> (BRADBURY, 2016, p. 161-164).

Outro grande acerto pode ser apontado, quando o Chefe Beatty apresenta os motivos para o início da repressão dos órgãos de censura do Estado. Na explicação apresentada, existe um oportunismo estatal, ao proibir a leitura de maneira sistêmica, pois a leitura oferecia um grande “perigo” para a sociedade pela apresentação de ideias que poderiam criticar o poder do Estado. O controle e destruição de todo e qualquer livro torna-se uma vantagem para a manutenção do sistema. O intelectual é um crítico do sistema, não sendo facilmente controlado e sempre buscará emitir sua opinião sobre fatos que ele considera equivocados. A eliminação dos intelectuais pode ser vista com bons olhos em um sistema repressivo. Em toda ditadura, presenciamos a perseguição aos críticos e, na obra, esse fato torna-se regra.

(...) Com a escola formando mais corredores, saltadores, fundistas, remadores, agarradores, detetives, aviadores e nadadores em lugar de examinadores críticos, conhecedores e criadores imaginativos, a palavra “intelectual”, é claro, tornou-se o palavrão que merecia ser. Sempre se teme o que não é familiar. Por certo você se lembra do menino de sua sala na escola que era excepcionalmente “brilhante”, era quem sempre recitava e dava as respostas enquanto os outros ficavam sentados com cara de cretinos, odiando-o. (...) Um livro é uma arma carregada na casa vizinha. Queime-o. Descarregue a arma. (...) já não havia mais necessidade de bombeiros para os velhos fins. Eles receberam uma nova missão, a guarda de nossa paz de espírito, a eliminação do nosso compreensível e legítimo sentimento de inferioridade: censores, juízes e carrascos oficiais. Eis o nosso papel, Montag, o seu e o meu (BRADBURY, 2016, p. 59).

“Guardar a paz de espírito”, um dos motivos apresentados por Bradbury, como gatilho para a imposição da censura no mundo futurista distópico. Esse guardar a paz de espírito de Brandbury pode estar sendo utilizado, na atualidade, em algumas propostas de renovação escolar como a que queremos problematizar de maneira sucinta<sup>47</sup>: o projeto de lei Escola sem Partido.

O projeto de lei, popularmente chamando de “Escola sem Partido”, foi apresentado no Senado Federal, no dia 3 de maio de 2016, às 18h e 30min. Dispõe, em seu cabeçalho, a introdução: “Inclui entre as diretrizes e bases da educação nacional, de que trata a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, o “Programa Escola sem Partido” (BRASIL, 1996). O projeto não pode ser considerado um pioneiro do gênero. Já existiam outras propostas – inclusive, leis em vigor - com a mesma finalidade em outras casas legislativas do país e até mesmo na Câmara dos Deputados, mas, por se tratar de uma instância legislativa de grande

---

<sup>47</sup> Não temos, em nosso texto, qualquer intenção de desferir um poderoso ataque ao Projeto de Lei proposto em nossa casa legislativa, porém apresentaremos algumas inquietações que sugestionam práticas parecidas com as adotadas em estados de exceção e que podem ser institucionalizadas no ambiente escolar com a aprovação da proposta.

visibilidade, o projeto passou a ser considerado uma referência no que tange às intencionalidades do “Programa Escola sem Partido”.

Um dos motivos que culminaram em nossa escolha, para a análise desse projeto, em detrimento dos outros, foi o fato de ter sido um dos últimos projetos elaborados e, portanto, acreditamos que já se fizeram constar alterações necessárias, após os debates ocorridos na sociedade, na apresentação dos anteriores.

Acreditamos, assim, estar analisando um projeto com uma redação mais aprimorada, o que poderia se consolidar em um texto mais próximo do que poderia vir a ser uma eventual lei, se aprovada<sup>48</sup>.

Em seu artigo 5º que dispõe sobre a prática dos professores, temos a situação:

Art. 5º. No exercício de suas funções, o professor: I - não se aproveitará da audiência cativa dos alunos, para promover os seus próprios interesses, opiniões, concepções ou preferências ideológicas, religiosas, morais, políticas e partidárias; II - não favorecerá nem prejudicará ou constrangerá os alunos em razão de suas convicções políticas, ideológicas, morais ou religiosas, ou da falta delas; III - não fará propaganda político-partidária em sala de aula nem incitará seus alunos a participar de manifestações, atos públicos e passeatas; IV - ao tratar de questões políticas, socioculturais e econômicas, apresentará aos alunos, de forma justa, as principais versões, teorias, opiniões e perspectivas concorrentes a respeito; V - respeitará o direito dos pais dos alunos a que seus filhos recebam a educação religiosa e moral que esteja de acordo com as suas próprias convicções; VI - não permitirá que os direitos assegurados nos itens anteriores sejam violados pela ação de estudantes ou terceiros, dentro da sala de aula (MALTA, 2016).

Em uma análise sucinta, temos no primeiro parágrafo um impedimento ao professor de promover os seus próprios interesses, opiniões, concepções ou preferências ideológicas, religiosas, morais, políticas e partidárias. A pergunta que faremos é sobre em qual arcabouço teórico os autores se basearam para definir o que é ciência isenta? Como os legisladores entendem o que é ciência? Pode existir uma ciência isenta, sem opiniões? A proposta parece ser uma ode à censura na tentativa de impedir opiniões dos professores em sala de aula. Como um professor poderá ensinar sem emitir suas opiniões?

O projeto também dispõe que: “Não favorecerá nem prejudicará ou constrangerá os alunos em razão de suas convicções políticas, ideológicas, morais ou religiosas, ou da falta delas” (MALTA, 2016). Essa ideia é bastante subjetiva e poderá ser objeto de inúmeras ações,

---

<sup>48</sup> Fazemos uma ressalva, neste caso, pois o projeto pode passar por mudanças de redação, durante a sua tramitação, inclusive, recebendo alterações no texto, sendo sugeridas por outros parlamentares. Mas, como não podemos prever qual seria a redação final, e existindo a necessidade de já realizar um artigo acadêmico utilizando o tema, faremos a utilização do texto que foi proposto ao Senado.

pois o projeto não deixa claro o que é esse constrangimento. Se o professor demonstrar a inconsistência a um determinado argumento do aluno, poderá ser considerado um constrangimento?

O quarto parágrafo apresenta: “ao tratar de questões políticas, socioculturais e econômicas, apresentará aos alunos, de forma justa, as principais versões, teorias, opiniões e perspectivas concorrentes a respeito”. A pluralidade de ideias e opiniões parece ser incentivada em um paradoxo ao primeiro parágrafo do artigo. O conhecimento deve ser estritamente racional e isento de opiniões – como se isso fosse humanamente possível, porém, sendo possível – esse tipo de conhecimento poderá ser apresentado em sala de aula. Temos que perceber que o parágrafo não apresenta a mesma possibilidade no campo da moral. Os questionamentos morais estarão limitados às preferências da família, como podemos constatar no parágrafo V: “respeitará o direito dos pais dos alunos a que seus filhos recebam a educação religiosa e moral que esteja de acordo com as suas próprias convicções”. Uma família cristã contará com a moralidade cristã, uma família machista poderá ter uma moral machista na escola, uma família nazista poderá contar com a moralidade nazista e assim por diante.

O professor não poderá apresentar os diversos modelos morais investigados pelos filósofos, sofre o risco de colocar em enfrentamento a moral das famílias dos educandos. Ou seja, o professor não poderá, em hipótese alguma, emitir questionamentos morais em sala de aula. Podemos perceber, de maneira bastante simplificada, é que o projeto apresenta uma versão muito diferente da apontada em Brandbury – que as minorias estabelecem censura – o projeto parece proteger a moralidade hegemônica – diga-se de passagem, a moralidade cristã –por meio da censura estatal. Os discursos das minorias deverão ser suprimidos de todo o ambiente escolar, um ato que pode ser considerado abusivo, mas digno de aplausos por grande parte dos líderes despóticos.

Para finalizar algumas das nossas inquietações, o projeto de lei acaba por instituir os “bombeiros” da obra de Bradbury no ambiente escolar. O descumprimento da censura deverá ser punido, e o artigo 8º apresenta as instâncias investigativas caso ocorra o descumprimento da lei. No caso, o Ministério da Educação e as Secretarias de Estado de Educação deverão criar órgãos investigativos, que, após verificarem as denúncias, deverão encaminhar ao Ministério Público para as devidas providências. Ou seja, o Ministério Público, o Ministério da Educação e as Secretarias de Estado de Educação serão as responsáveis em colocar “fogo nos livros” do ambiente escolar.

Qualquer proposta que busque limitar, impedir o diálogo e a circulação de ideias no ambiente escolar deve ser vista de maneira negativa. A violência apresentada neste projeto de

lei pode ser considerada tão radical quanto a violência dos incêndios da sociedade de Fahrenheit 451. O resultado de um modelo educacional que limita os conteúdos e impede certos tipos de questionamentos pode ser classificado, irremediavelmente, como um projeto de semiformação. Na prática, temos uma lei de ensino que potencializa a semiformação, impedindo a circulação de ideias no ambiente escolar.

Continuando com nossas inquietações sobre o momento que, atualmente, enfrentamos, não poderíamos deixar de comentar os movimentos pró-censura que percebemos em nossa sociedade. Para tanto, gostaríamos de conceituar o que consideramos censura.

Censura é todo e qualquer instrumento que busque limitar, impedir, cercear, proibir, boicotar alguma ideia na sociedade. Logicamente, a censura pode ser manifestada de diversas formas, entre as quais podemos citar o simples não querer escutar, ou deixar que alguém manifeste uma ideia – como em um grupo de amigos, apesar de ser um fato corriqueiro, pode ser considerada um tipo de instrumentalização da censura -; a imposição de uma lei que limite posicionamentos críticos de um professor – como o caso da proposta que analisamos acima –; a imposição de um Ato Institucional que imponha um órgão censor estatal – como o ocorrido durante a ditadura militar no Brasil e que perseguiu e torturou intelectuais.

Continuando podemos citar ainda: a criação de uma lista de livros proibidos – como o que ocorreu na instituição do Index pela Igreja Católica –; a queima de livros – realizada pelo nazismo –; a prisão de intelectuais – que ocorreu em diversas ditaduras –; a decretação da morte de pensadores – como a que ocorreu durante a inquisição cristã ou em regimes totalitários como o nazismo ou comunismo, em diversas partes do mundo -; a obtenção de uma liminar que proíba a exibição de uma peça teatral – sobre esse ponto, temos recentemente algumas limitações concedidas pela justiça em relação à peça: “O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu”<sup>49</sup> – e, por fim, o boicote - como o realizado por um “movimento ultraconservador”<sup>50</sup> para com a exposição “Queermuseu cartografias da diferença na arte brasileira”<sup>51</sup>.

---

<sup>49</sup> A peça teatral atualmente foi impedida de ser exibida, no Sesc Jundiaí, com a justificativa de que ela ofenderia a religião cristã pelo fato de Jesus ser interpretado por uma artista trans – a atriz Renata Carvalho (ROSSI, 2017). Para contrastar a questão da censura imputada pela 1ª Vara Cível de Jundiaí, temos a belíssima sentença que impediu a censura, na cidade de Porto Alegre pelo Juiz de Direito José Antônio Coitinho, que faremos questão de constar, na íntegra, em nosso anexo. Disponível em: <<http://s.conjur.com.br/dl/decisao-peca-porto-alegre-evangelho.pdf>>.

<sup>50</sup> Por nossa opção, não identificaremos o movimento. Nossa decisão de não identificar será puramente para não dar crédito ao dito “movimento”.

<sup>51</sup> O boicote - incitado pelo movimento ultraconservador – solicitava que as pessoas não deveriam ir à exposição e iniciou um movimento para que correntistas do banco abandonassem suas contas. O poder do capitalismo se fez mais forte, e a exposição foi fechada um mês antes do previsto (GOBBI, 2017).

A tentativa do “movimento ultraconservador” de qualificar a sua incitação como um boicote, na busca por desqualificar uma possível censura, na verdade, apenas atesta que ocorreu de fato, um movimento de censura. O boicote trata-se de uma forma de instrumentalização da censura. A censura não pode ser efetivada sem uma forma de instrumentalização e, como mostramos, pode ocorrer de diversas maneiras. A não aceitação de ideias divergentes só pode ser concretizada e materializada se for instrumentalizada de alguma forma. Portanto, a tentativa do movimento de desqualificar o seu ato como uma forma de censura, torna-se risível do ponto de vista conceitual e uma verdadeira afronta aos princípios da liberdade intelectual. Não nos assusta que o “tal” movimento seja um dos maiores defensores do projeto “Escola Sem Partido”. Podemos inferir que a censura faz parte da essência deste movimento. Realmente, as sociedades distópicas não estão tão distantes da nossa realidade. Os bombeiros de Brandbury teriam inveja da efetividade como nossos contemporâneos censuram as ideias.

Se os livros em Brandbury são alegorias sobre as ideias, o fogo não deixa de ser uma alegoria sobre como censurar ideias. O fogo, na obra Fahrenheit 451, sintetiza toda e qualquer forma de censura. Não precisamos queimar algo para possibilitar a sua destruição, basta uma liminar ou mesmo, um boicote. Não precisamos de um órgão censor como os bombeiros de Brandbury, basta que movimentos reacionários realizem uma campanha na internet. Realmente, atualmente, vivemos em um admirável mundo novo!

### **3.3 Admirável nova barbárie?**

Como pressuposto inicial para nossas inquietações, necessitamos esclarecer o conceito de barbárie. Para tanto, apropriaremos do conceito da forma com Adorno o reconhece, ou seja, apesar de todo o desenvolvimento tecnológico existente no mundo, persiste em nossa sociedade “uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda esta civilização venha explodir, aliás uma tendência imanente que a caracteriza” (ADORNO, 2000, p. 70).

Como é difícil imaginar que, transcorridos mais de setenta e sete anos do final da segunda guerra, ainda tenhamos que advertir sobre a questão da barbárie. Imaginar que o mundo ainda não aprendeu com os erros do seu maior equívoco pode ser algo frustrante. Atualmente, o que percebemos é que a barbárie não foi eliminada da sociedade, muito pelo contrário, estamos atualmente presenciando um retorno de alguns pressupostos que possibilitaram a barbárie na sua forma mais temível – como a observada no segundo conflito mundial.

Assistir aos atuais canais de televisão é perceber que, no mundo atual, a barbárie tornou-se show para as massas. Quanto mais hediondo for um crime mais ele será explorado midiaticamente. A banalização da violência da atualidade tornou-se divertimento para o proletariado e ocupa grande parte de toda a programação televisiva<sup>52</sup>. Em Admirável Mundo Novo, podemos perceber elementos embrionários da espetacularização da morte. No episódio final do livro, temos o suicídio do Selvagem sobre o olhar atento da imprensa em seus helicópteros, em uma demonstração muito próxima do que ocorre na atualidade. Em muitos programas que fazem a utilização do *live death* é extremamente comum sentenças como: “Bandido bom é bandido morto”, “Direitos humanos, apenas para humanos”, “O Brasil precisa da pena de morte” e “Esse bandido merece apanhar”, ocuparem o nosso dia a dia. Diante de tal quadro, em que a barbárie se tornou “vitrine para a propaganda televisiva”, acreditamos na importância urgente do resgate e implantação da máxima proposta por Adorno: “A exigência que Auchwitz não se repita é a primeira de todas para a educação. De tal modo ela precede quaisquer outras que creio não ser possível nem necessário justificá-la” (ADORNO, 2000, p. 53). Podemos acreditar em que todas essas situações corriqueiras, citadas anteriormente, apenas demonstram a falha, em nosso processo educativo, no que tange à exortação de Adorno.

A barbárie pode ser considerada um dos grandes questionamentos presentes na obra de Brandbury. O livro que já inicia com a descrição da queima de livros termina com a explosão de um artefato explosivo similar ao nuclear<sup>53</sup>. Talvez já seja uma previsão determinista do autor o fato de identificar que, em uma sociedade cujas ideias são queimadas, posteriormente, pessoas são queimadas – ou pulverizadas - pelo artefato mais devastador já criado pela razão humana – lembrando: fogo e livros, livros e fogo. Porém, esses são aspectos evidentes em toda a obra. Buscaremos, portanto, estabelecer alguns pontos que podem estar mais

---

<sup>52</sup> A identificação deste problema pode ainda ser observada na obra de Christoph Türcke, conforme observamos: “‘O BILD FOI O PRIMEIRO A FALAR COM O CADÁVER’: esta era a brincadeira que se fazia nos anos 1970, a respeito de um jornal popular alemão, cujos repórteres, já à época, eram bem eficientes para estar na hora em todos acidentes, crimes, escândalos e catástrofes naturais, sendo mestres do excesso. A piada daqueles tempos já há muito não existe – não é nem mesmo mais um exagero digno de menção. Desde o momento em que reféns são entrevistados ao vivo, enquanto seus sequestradores apontam um revólver para a sua cabeça, ou desde quando as lágrimas, os gritos e balbucios de feridos de morte ou em estado de choque começaram a penetrar *live* as salas de estar, não se entrevistam, é verdade, cadáveres, mas, sim, pessoas fadadas a morrer e à beira da morte. Apresentar a morte para um público curioso, mostrando as faces nas quais ela se reflete e fazendo audíveis as vozes que diante dela tremem, representa um dos excessos mais repugnantes da reportagem moderna” (TÜRCKE, 2010, p. 13).

<sup>53</sup> Sobre o artifício da utilização da bomba atômica, Adorno equipara a sua utilização ao genocídio: “Além disso não podemos evitar ponderações no sentido de que a invenção da bomba atômica, capaz de matar centenas de milhares literalmente de um só golpe, insere-se no mesmo nexo histórico que o genocídio” (ADORNO, 2000, p. 54).

obscurecidos, em uma narrativa e, na verdade, quer denunciar de maneira explícita uma sociedade em que a violência tornou-se banal. E com base nesses pontos, buscaremos demonstrar que a obra oferece um grande potencial para se questionar a importância de nos apropriarmos das exortações adornianas no que conferem à obrigatoriedade do ensino em buscar desbarbarizar o ser humano.

O primeiro aspecto que gostaríamos de destacar na obra trata-se de banalização da violência. A violência, de alguma forma, encontra-se introjetada em uma sociedade em que a guerra é eminente. A frieza e apatia com que a guerra é tratada pode ser percebida neste diálogo:

- Quando vocês acham que a guerra irá começar? – disse ele. – Notei que seus maridos não estão aqui hoje.
- Ah, eles vão e voltam, vão e voltam – disse a sra. Phelps – Finnegan vive indo e voltando. O Exército chamou Pete ontem. Ele estará de volta na semana que vem. Assim disse o Exército. Uma guerra rápida. Quarenta e oito horas, segundo disseram, e todos estarão em de volta para casa. Foi o que o Exército disse. Uma guerra rápida. Pete foi chamado ontem e disseram que ele estaria de volta na semana que vem. Bem rápido...
- (...) – Eu não estou preocupada – disse a sra. Phelps. – Pete que fique com toda a preocupação. – Deu um risinho afetado. – O velho Pete que fique com toda a preocupação. Não eu. Eu não estou preocupada. (...)
- É sempre o marido de outra que morre, como se diz.
- Também foi o que eu ouvi. Nunca ouvi falar de homem nenhum que tenha morrido na guerra. Pulado de prédio, sim, como o marido de Glória na semana passada. Mas em guerras? Nunca.
- Em guerras, nunca – disse a sra. Phelps. – Aliás, Pete e eu sempre dissemos: nada de choro, nada disso. Já é o terceiro casamento para nós dois e somos independentes. O negócio é ser independente, sempre dissemos isso. Ele já disse: se eu for morto, siga em frente e não chore. Case-se novamente e não pense mais em mim (BRADBURY, 2016, p. 91).

Não somente a frieza e a apatia são percebidas no diálogo, como também uma banalização da violência que ocorre durante a guerra. A senhora Phelps age como se a possibilidade da morte de seu marido não fosse importante, fosse algo banal, substituível. O comentário sobre o suicídio passa como algo absolutamente normal, sem despertar qualquer reação por parte das participantes do diálogo.

Apesar de termos alguns pontos que transparecem a indiferença diante da morte e da guerra, em outros trechos da obra, podemos perceber de maneira ainda mais explícita essa indiferença em relação à vida humana. No momento em que Montag empreende a sua fuga, ocorre um dos momentos mais importantes e significativos quanto ao objetivo que queremos demonstrar. Montag, busca fugir da polícia que realiza uma grande busca pela cidade, existe um momento em que o protagonista acredita ter sido encontrado por um veículo policial.

Porém tratava-se de uma “brincadeira” juvenil, a “brincadeira” consistia em atropelar pessoas na rua, conforme podemos observar no relato da obra:

Não era a polícia, pensou.

Olhou para a avenida. Estava vazia agora. Um carro cheio de crianças, de várias idades. Crianças, entre os doze e os dezesseis anos, talvez, assobiando, gritando, aplaudindo, haviam avistado um homem, uma visão extraordinária, um homem passeando, uma raridade, e disseram: “Vamos pegá-lo”. Sem saber que ele era o fugitivo sr. Montag. Apenas um punhado de crianças saindo para uma longa noite de oitocentos ou mil quilômetros de algazarra em algumas poucas horas enluaradas, a face gelada com o vento e voltando ou não para casa na alvorada, vivas ou não, nisso estava a aventura.

Elas teriam me matado, pensou Montag, titubeando no ar ainda convulsionado que o envolvia em poeira, roçando-lhe o rosto esfolado. Em motivo algum, elas teriam me matado. (...)

O que o salvara fora a queda. O motorista daquele carro, ao ver Montag, caído, instintivamente considera a probabilidade de que passar sobre o corpo a tamanha velocidade poderia fazer o carro capotar e jogá-los para fora. Se ele tivesse continuado como um alvo vertical?... (BRADBURY, 2016, p. 120-121).

O trecho apresenta uma descrição estupefacente sobre a violência da sociedade imaginada por Bradbury, porém não tão distante do que presenciamos nos nossos dias. Imaginar que crianças estariam utilizando o atropelamento, como uma grande diversão, pode parecer muito distante da nossa realidade, mas, em uma análise mais pormenorizada, podemos perceber que existem elementos, em nossa sociedade, parecidas com a “diversão” descrita em Bradbury. Para exemplificar, podemos nos lembrar de uma situação muito parecida ocorrida em Brasília, quando o índio pataxó, Galdino Jesus dos Santos, foi morto por cinco jovens de classe média que atearam fogo enquanto ele dormia. No episódio em questão, os jovens alegaram que estavam “brincando” com o índio e que o objetivo da “brincadeira” consistia em colocar fogo no “mendigo” para que ele corresse atrás dos “meninos”.

O triste episódio ocorreu no dia 20 de abril de 1997<sup>54</sup>. O fato narrado possui inúmeras similaridades com a obra fictícia de Bradbury; nos dois casos tratava-se de uma “diversão” que possuía um desfecho bárbaro: a morte. O caso citado não pode ser considerado uma exceção, pois constatamos que, em diversas oportunidades, existem trotes universitários cuja diversão está em realizar a violência física<sup>55</sup>.

<sup>54</sup> (FOLHA ONLINE, 2001).

<sup>55</sup> Em uma pesquisa rápida no Google, constatamos alguns casos que podem ser observados nos endereços eletrônicos descritos: Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/reitoria-da-puc-rio-decide-suspender-trotes-apos-morte-de-calouro.ghtml>>, <<http://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2015/02/jovem-morre-e-tres-sao-internados-por-coma-alcoolico-apos-festa.html>>, <<https://educacao.uol.com.br/noticias/2015/03/10/jovem-e-encontrado-morto-apos-participar-de-festa-universitaria-na-ufv.htm>>, <<http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,relembre-casos-de-estudantes-mortos-e-feridos-durante-trotes-e-festas-em-universidades,1642222>>.

Adorno (2000, p. 58) já demonstrava uma enorme preocupação com os trotes universitários, conforme observamos:

É preciso se opor àquele tipo de *folkways*, hábitos populares, ritos de iniciação de qualquer espécie, que infligem dor física – muitas vezes insuportável – a uma pessoa como preço do direito de ela se sentir um filiado, um membro do coletivo. A brutalidade de hábitos tais como os trotes de qualquer ordem, ou quaisquer outros costumes arraigados desse tipo, é precursora imediata da violência nazista.

Apesar de já existir um movimento, em nossa sociedade, para a eliminação dos trotes estudantis, ele ainda caminha lentamente. Basta caminhar pela cidade de Lavras para perceber que os trotes ainda possuem força em nossa sociedade. Praticamente, em qualquer rua da cidade, encontramos estudantes com cortes de cabelo – realizados com a finalidade de ridicularizar os estudantes - impostos por seus companheiros de república e, ainda, podemos observar estudantes carregando placas com apelidos pejorativos aos estudantes que devem permanecer com eles durante um longo período. As práticas anunciadas aqui são as mesmas que Adorno compara com as existentes no nazismo. A continuidade deste modelo de “ritual de iniciação”, principalmente nos ambientes acadêmicos, deveria ser repudiada, mas, em nossa sociedade, observamos que a barbárie é classificada como uma “brincadeira”, trata-se de um procedimento “natural”.

Adorno identifica nesses ritos a questão da severidade. No olhar do filósofo, a severidade seria uma pretensa atitude elogiosa “à educação baseada na força e voltada à disciplina” (ADORNO, 2000, p. 59). Esse modelo educacional seria voltado à construção de um homem “viril” extremamente adequado ao sistema<sup>56</sup>. Nas palavras de Adorno (2000, p. 58):

Essa ideia educacional da severidade, em que irrefletidamente muitos podem até acreditar, é totalmente equivocada. A ideia de que a virilidade consiste num grau máximo da capacidade de suportar dor de há muito se converteu em fachada de um masoquismo que – como mostrou a psicologia – se identifica com muita facilidade ao sadismo. O elogiado objetivo de “ser duro” de uma tal educação significa indiferença contra a dor em geral.

Essa indiferença apresentada em Adorno pode ser percebida tanto na nossa sociedade como no mundo idealizado em Bradbury. Na obra podemos perceber que existe uma enorme indiferença, em relação às mortes na guerra e, principalmente, no ato que apresenta a tentativa de atropelamento de Montag. Os risos das crianças, ao tentar atropelar, demonstram uma banalidade com a pessoa humana, que Adorno apresenta como sendo um resultante do

---

<sup>56</sup> (ADORNO, 2000, p. 59).

processo de embrutecimento do homem em um modelo educacional para a severidade. Para nos aprofundarmos um pouco mais nesse assunto – da severidade no processo educacional – acreditamos ser importante destacar um momento muito raro na obra de Bradbury, em que ocorre uma pequena demonstração do processo educacional na sociedade e Fahrenheit 451.

Na descrição do processo educacional – que ocorre no diálogo de Clarisse e Montag – podemos perceber que se trata exatamente do processo de educação que Adorno quer criticar – uma educação para a severidade e embrutecimento do ser humano. Montag irá questionar sobre quais seriam os motivos para que Clarisse não estivesse na escola. A resposta de Clarisse pode oferecer alguns pontos que convergem para as críticas desenvolvidas por Adorno:

- Ah, eles não sentem a minha falta – disse ela. – Dizem que sou antissocial. Não me misturo. É tão estranho. Na verdade, eu sou muito social. Tudo depende do que você entende por social, não é? Social para mim significa conversar com você sobre coisas como esta – Ela chocalhou algumas castanhas que haviam caído da árvore do jardim da frente. – Ou falar sobre quanto o mundo é estranho. É agradável estar com as pessoas. Mas não vejo o que há de social em juntar um grupo de pessoas e depois não deixá-las falar, você não acha? Uma hora de aula pela tevê, uma hora jogando basquete ou beisebol ou correndo, outra hora transcrevendo história ou pintando quadros e mais esportes, mas, sabe, nunca fazemos perguntas; pelo menos a maioria não faz; eles apenas passam as respostas para você, pim, pim, pim, e nós, sentados ali, assistindo a mais quatro horas de filmes educativos. Isso para mim não é nada social. Parece um monte de funis e muita água jorrando da torneira, entrando por um lado e saindo pelo outro, e depois ele vêm nos dizer que é vinho, quando não é. Deixam a gente tão atormentada ao final do dia que não podemos fazer nada além de ir para a cama ou a um parque de diversões para importunar os outros, quebrar vidros no estande do Quebra-vidraças ou destruir carros com a grande bola de aço no estande do Demolidor. Ou então sair de carro e apostar corrida, (...) Você já notou como as pessoas se machucam entre si hoje em dia? (BRADBURY, 2016, p. 52).

A citação apresenta inúmeros elementos que devem ser analisados de maneira pormenorizada. O primeiro ponto pode ser percebido no que tange à ideia de coletividade. Clarisse aponta para um conceito de coletivização ao demonstrar que ela não se mistura. Podemos inferir que existe aqui tanto o afastamento da menina, em relação aos colegas de turma que possuem um comportamento diferente, como também um princípio de exclusão por parte do grupo. A ideia de coletivização, também, recebe atenção de Adorno: “Pessoas que se enquadram cegamente em coletivos convertem a si próprias em algo como um material, dissolvendo-se como seres autodeterminados” (ADORNO, 2000, p. 58). Esse processo de coletivização – objetificação do sujeito - pode ser considerado resultante do processo educacional voltado à severidade.

A onipresença das telas pode ser percebida novamente no processo educacional. As crianças eram obrigadas a receber suas orientações educacionais dos aparelhos televisivos. O modelo de exposição ao material didático fílmico não possibilitava questionamentos, os educandos recebiam algo muito parecido com o modelo de educação apresentado e criticado em Paulo Freire: a educação bancária. No modelo de educação bancária, Paulo Freire apresenta algo muito parecido com o modelo citado por Clarisse na educação em Fahrenheit 451. O modelo bancário pode ser entendido como um modelo educacional opressivo, que considera os educandos meros depósitos de conhecimento. Os educandos não são estimulados ao desenvolvimento de ideias, muito pelo contrário, são incitados apenas a assimilar conhecimentos cristalizados<sup>57</sup>.

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los (FREIRE, 1987, p. 33).

Esse modelo educacional possui em Paulo Freire objetivos extremante claros, no que se referem ao não desenvolvimento de todas as capacidades cognitivas dos sujeitos educandos. Esse não desenvolvimento pode ser entendido como uma realização dos desejos ocultos dos opressores no processo educativo.

Na medida em que esta visão “bancária” anula o poder criador dos educandos ou o minimiza, estimulando sua ingenuidade e não criticidade, satisfaz aos interesses dos opressores: para estes, o fundamental não é o desnudamento do mundo, a sua transformação. O seu “humanitarismo”, e não humanismo, está em preservar a situação de que são beneficiários e que lhes possibilita a manutenção de sua falsa generosidade (...) Por isto mesmo é que reagem, até instintivamente, contra qualquer tentativa de uma educação estimulante do pensar autêntico (...) (FREIRE, 1987, p. 34).

Retornando ao conteúdo da obra Fahrenheit 451, podemos perceber que a explicação de Paulo Freire poderia de fato ser considerada correta, visto que ao sistema não interessaria qualquer tipo de educação emancipatória dos educandos. A continuidade do sistema opressor, vista na obra, depende de uma postura de subserviência e, para tanto, o modelo de educação bancária enquadra-se com perfeição à medida em que não estimula a criticidade do educando.

---

<sup>57</sup> Como podemos perceber na crítica de Clarisse: “nunca fazemos perguntas; pelo menos a maioria não faz; eles apenas passam as respostas para você, pim, pim, pim, e nós, sentados ali, assistindo a mais quatro horas de filmes educativos”.

Podemos nos perguntar se os interesses dos opressores não estariam manifestados no projeto “Escola sem partido” que justamente busca reintroduzir o processo de educação acrítica, ou até mesmo na reforma do ensino médio que buscava a retirada de conteúdos como Filosofia, Sociologia, História e Geografia. Quem são os interessados na manutenção de modelo educacional opressor? Devemos nos perguntar seriamente sobre essas questões.

Continuando na descrição educacional de Bradbury, podemos nos questionar se a implantação dos esportes, nesse modelo, também, não convergiriam para as inquietações de Adorno. O filósofo apresenta o caráter ambíguo das atividades esportivas que podem ser utilizadas com um importante fator para impedir a barbárie – por meio do “fair-play, do cavalheirismo e do respeito pelo mais fraco” (ADORNO, 2000, p. 57) - como também pode incitar e favorecer aspectos da barbárie, como o caso de “algumas modalidades e procedimentos” que podem “promover a agressão, a brutalidade e o sadismo” (ADORNO, 2000, p. 57). Observando o relato de Clarisse, podemos intuir que, na sociedade de Fahrenheit, o esporte estaria muito mais voltado ao desenvolvimento da segunda opção, principalmente, por perceber que, após as aulas, as crianças sentiam a necessidade de praticar atos de violência<sup>58</sup>.

A violência como fruto do processo educacional voltado à severidade resulta em indivíduos reificados que não possuem a capacidade de reconhecer a sua própria dor e muito menos a do próximo<sup>59</sup>. Produz indivíduos, inclusive, conforme observamos: “Quem é severo consigo mesmo adquire o direito de ser severo também com os outros, vingando-se da dor cujas manifestações precisou ocultar e reprimir” (ADORNO, 2000, p. 58). Diante de tantos malefícios – presentes nos modelos educacionais voltados à severidade – perguntamo-nos como atualmente esses modelos são apontados por muitos pais como um modelo ideal para os seus filhos. Colégios que adotam a disciplina militar estão em amplo crescimento no país. Na reportagem do jornal O Tempo, constata-se que Minas Gerais já possui mais de vinte mil alunos distribuídos em 24 colégios militares<sup>60</sup>. Ainda, segundo a reportagem, existem regras rígidas que variam entre impedir brincos, cabelos soltos, piercings ou tatuagens. Os estudantes são estimulados a sempre andar em fila e prestar continência. O fato de uma criança apresentar um uniforme amassado é passível de advertência<sup>61</sup>.

---

<sup>58</sup> Deixam a gente tão atormentada, ao final do dia, que não podemos fazer nada além de ir para a cama ou a um parque de diversões para importunar os outros, quebrar vidros no estande do Quebra-vidraças ou destruir carros com a grande bola de aço no estande do Demolidor. Ou então sair de carro e apostar corrida, (...) Você já notou como as pessoas se machucam entre si hoje em dia?

<sup>59</sup> (ADORNO, 2000, p. 58).

<sup>60</sup> A reportagem demonstra que a demanda é muito maior, porém as entidades não conseguem atender ao número de interessados.

<sup>61</sup> (MUZZI, 2015).

Neste modelo educacional, podemos constatar que o espírito de coletividade torna-se o epicentro. A individualidade é substituída pela mesma ideologia que estava presente nas cerimônias nazistas como constata Suzan Buck-Morrss. A autora irá discorrer sobre a temática, na análise da obra, *Triunfo da Vontade* de Leni Riefenstahl na qual Leni Riefenstahl busca representar a força da Alemanha nazista e anuncia, em sua fantasmagoria, que a Alemanha deve ser uma só, unida e forte. As imagens exploradas buscam sempre demonstrar a unidade, a força e disciplina. As sequências normalmente são realizadas de maneira épica, dando grande ênfase ao aspecto estético envolvido na padronização, por exemplo, como a marcha dos soldados.

O gênio da propaganda fascista era o de oferecer às massas um papel duplo, o de ser observador bem como a massa inerte a ser formada e moldada. E ainda, devido a um deslocamento do lugar da dor, devido ao des(re)conhecimento, a massa-como-audiência permanece de alguma forma imperturbável diante do espetáculo da sua própria manipulação (BUCK-MORSS, 2012, p. 155-204).

Os atuais e prestigiados colégios militares seguem uma metodologia muito parecida ao desenvolver grandes esforços na harmonização estética de seus estudantes. Quando nos referimos ao termo harmonização estética, estamos, na verdade, referindo-nos às proibições impostas pelas instituições ao corte de cabelo de seus educandos, à restrição ao uso de adereços decorativos, ao rigor do uso do uniforme<sup>62</sup> – que, por si só, já demonstra claramente o intuito de padronização/uniformização e coletivização-, ao incentivo da locomoção em fila, entre outros aspectos. A grande procura por essas instituições de ensino demonstram que os pais preferem seus filhos padronizados, coletivizados, massificados, controlados e disciplinados a terem seus filhos autônomos e esclarecidos.

As benesses provenientes de um projeto de massificação, para alguns pais, são extremamente tentadoras, assim como o foram para a população da Alemanha na época do nazismo. O rigor presente na estética da disciplina e da severidade seduz mais que liberdade. Afinal de contas, um filho livre e esclarecido será dono da sua própria vida, reduzindo drasticamente a influência do ambiente patriarcal familiar. Ter um filho questionador pode ser visto como um grande problema, pois pode desestabilizar toda uma estrutura de controle e

---

<sup>62</sup>Quanto à questão dos uniformes, devemos realizar uma ressalva. Nosso objetivo não está em condenar o uso do uniforme no ambiente escolar, pois, inclusive, entendemos que não usar o uniforme institucional não livra os estudantes de adotarem o uniforme definido pela indústria da moda e do entretenimento com objetos e padrões comerciais. Porém gostaríamos de alertar que a padronização exigida pelos colégios militares – na imposição da padronização dos cortes de cabelos, na proibição de tatuagens, piercing's, cabelos soltos e brincos – trata-se de um exagero no objetivo de uma padronização estética de seus alunos. Queremos, assim, é alertar e problematizar os perigos dessa padronização estética inspirada em princípios estabelecidos no nazismo.

opressão<sup>63</sup> que surge no exercício do patriarcado familiar. Pensamento semelhante pode ser observado no ambiente político das duas obras de análise desta dissertação. Em ambos os livros, encontramos sempre advertências aos que não se enquadram nas exigências do sistema. Tais pessoas sempre são vistas como um perigo ao sistema que busca sintetizar e controlar os indivíduos, reduzindo-os a meros elos de uma corrente coletiva. Na obra de Brandbury, podemos constatar a necessidade de controlar indivíduos considerados subversivos:

(...) A garota? Era uma bomba-relógio. A família vinha alimentando seu subconsciente. Estou certo disso, a partir do que vi de seu histórico escolar. Ela não queria saber *como* uma coisa era feita, mas *por quê*. Isso pode ser embaraçoso. Você pergunta o porquê de muitas coisas e, se insistir, acaba se tornando realmente muito infeliz. A coitada da garota está morta, e foi melhor para ela.

- Sim, morta.

Por sorte, esquisitos como ela são raros. Sabemos como podar a maioria deles quando ainda são brotos, no começo. (...) Se não quiser um homem politicamente infeliz, não lhe dê os dois lados de uma questão para resolver; dê-lhe apenas um. Melhor ainda, não lhe dê nenhum (...) (BRADBURY, 2016, p. 61-62).

O sistema, conforme Beatty apresenta, possui formas eficientes para “podar os brotos, no começo”, a educação oferecida pelo Estado pode ser considerada uma importante ferramenta na consolidação da repressão aos seres considerados “bomba-relógio”. O interessante, nesse trecho, é a contradição com os nossos dias, se o Estado buscava constantemente realizar o controle e homogeneização social, a família, por sua vez, buscava desempenhar – no caso da família de Clarisse que, obviamente, pode ser considerada um modelo estranho ao sistema – o oposto, ou seja, desfazia a programação estatal. A contradição que citamos pode ser observada, em nossos dias, no incentivo familiar a um modelo educacional controlador e de severidade. Pais que anseiam o controle e a disciplina, na verdade, deveriam oferecer aos seus filhos liberdade e autonomia.

Em Admirável Mundo Novo, também, podemos observar a perseguição aos que questionam:

- Minhas senhoras e meus senhores – repetiu mais uma vez o Diretor -, desculpem-me interromper os seu trabalhos. Um dever penoso a isso me obriga. A segurança e a estabilidade da Sociedade estão em perigo. Sim, minhas senhoras e meus senhores, em perigo. Este homem – e apontou para Bernard, com seu dedo acusador -, este homem que aqui está diante de todos, esse Alfa-Mais a quem tantas coisas foram dadas, e de quem, portanto, muito se deveria esperar, este colega dos senhores (ou devo antecipar e dizer ex-colega?) traiu grosseiramente a confiança de que era depositário. Por suas

---

<sup>63</sup>Não podemos nos esquecer de que Freud considera as regras familiares uma importante fonte para o sofrimento humano na obra: O mal-estar da civilização.

ideias heréticas sobre o esporte e o soma, pela escandalosa irregularidade de sua vida sexual, pela sua recusa em obedecer aos ensinamentos de Nosso Ford e em comportar-se fora das horas de trabalho “como um bebê no bocal” – neste ponto do seu discurso o Diretor fez o sinal do T – ele se revelou um inimigo da Sociedade, um subversor, minhas senhoras e meus senhores, de toda Ordem, de toda Estabilidade, um conspirador contra a própria Civilização. Por esse motivo, eu me proponho a exonerá-lo, exonerá-lo ignominiosamente do posto que ocupava neste Centro; proponho-me a pedir imediatamente sua transferência para um Subcentro da mais baixa categoria, e, a fim de que seu castigo possa servir aos melhores interesses da Sociedade, o mais afastado possível de todo Centro populacional importante. Na Islândia ele terá muito poucas oportunidades de desencaminhar os outros com seu exemplo antifordiano (HUXLEY, 2016, p. 139-150).

Esse discurso de manter a Estabilidade e Ordem, com algumas variações e com alguma imaginação da nossa parte, pode ter sido amplamente utilizado em diversas ocasiões históricas: pode ter sido realizado por inquisidores ao condenar à fogueira intelectuais; agentes do DOPS podem ter feito a mesma utilização ao prender e torturar subversivos; chefes nazistas ao decidirem confinar judeus em campos de concentração; e poderá ser utilizado ao decidir punir professores que não se enquadrarem na legislação da pretensa lei da “Escola sem Partido”.

Ao sistema dominante não interessa alguém que não siga os “princípios” de Estabilidade e Ordem. A Estabilidade e Ordem – quase que poderíamos substituir pelo lema positivista da nossa bandeira – só pode ser alcançado com um rebanho de ovelhas, submisso, disciplinado, obedientes, pacífico e que sabe marchar em linha reta – com ironia afirmamos: trata-se de uma grande habilidade para o desenvolvimento humano e acreditamos que a prática de tal atividade deve requerer enorme tempo nas escolas militares. Somente ovelhas – não inconveniente que algumas religiões cristãs utilizam a designação rebanho para seus fiéis - submissos, disciplinados, obedientes, pacíficos e que sabem marchar em linha reta, poderiam cumprir a ordem de ligar a câmara de gás em um campo de concentração.

Atualmente podemos perceber que existe uma inversão de valores, a educação deveria impedir que indivíduos aceitassem cegamente ordens como: para exterminar seres humanos, mas alterou seus objetivos, para meras características capitalistas-pragmáticas do “encontrar emprego” ou adentrar no ambiente universitário. Mais uma vez, estamos vivendo em um admirável mundo novo!

## 4 EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO - UMA UTOPIA A SER BUSCADA

Após nossa análise das questões que incomodaram tanto Brandbury como Huxley, no que tange a aspectos educacionais, percebemos que os princípios que norteiam a educação nas obras são, de alguma maneira, muito parecidos com os atuais. Em nosso entendimento, os modelos educacionais direcionam suas forças para objetivos muito distintos dos que deveriam ser de fato observados. E, portanto necessitamos analisar quais seriam as soluções para as inquietações levantadas até o momento. A primeira pergunta, que devemos tentar responder, é: “Educação para quê?”

### 4.1 Admirável objetivo educacional

A pergunta anterior foi tema de debate entre Adorno e Becker, na Rádio de Hessen e foi transmitida, em 26 de setembro de 1966. Esse debate se faz presente na obra: Educação e Emancipação e pode ser entendido como o principal ponto de partida para qualquer reforma educacional. A resposta à questão, conforme orienta Adorno, deve ser feita de tal maneira que possamos compreender “para onde a educação deve conduzir” (ADORNO, 2000. p. 63).

Quando apresentamos a questão, somos imediatamente induzidos a pensar que estamos tentando discutir qual seria o “modelo educacional ideal”. Porém Adorno irá se apresentar como um grande crítico deste posicionamento. A propagação de um dito “modelo educacional ideal” deve ser observada de maneira crítica, pois já apresenta uma característica impositiva no processo educacional. De certa maneira, ao acreditar no conceito de ideal, existe um posicionamento exterior que se impõe ao educando. Estamos lidando com um autoritarismo que busca impor para outrem o que foi definido por um grupo como sendo o ideal, conforme observamos:

Adorno – É bastante conhecida a minha concordância com a crítica ao conceito de modelo ideal (Leibilä). Esta expressão se encaixa com bastante precisão na esfera do jargão da autenticidade (Jargon der Eigentlichkeit) que procurei atacar em seus fundamentos. Em relação a esta questão, gostaria apenas de atentar a um momento específico no conceito de modelo ideal, o da heteronomia, o momento autoritário, o que é imposto a partir do exterior. Nele existe algo de usurpatório. É de se perguntar de onde alguém se considera no direito de decidir a respeito da orientação dos outros. As condições – provenientes do mesmo plano de linguagem e de pensamento ou de não-pensamento – em geral também correspondem a este modo de pensar. Encontram-se em contradição com a ideia de um homem autônomo, emancipado, conforme a formulação definitiva de Kant na exigência de que os homens tenham que se libertar de sua autoinculpável menoridade (ADORNO, 2000, p. 63-64).

Conforme observamos, em Adorno reside a concepção do termo “ideal”, princípio extremamente prejudicial ao desenvolvimento humano. Por esta conceituação observamos a heteronomia dos sujeitos. O processo de heteronomia foi observado nas obras Admirável Mundo Novo – pela imposição do modelo educacional do Estado Mundial - e Fahrenheit 451 – na própria proibição da leitura por parte do Estado. Na verdade, o conceito de heteronomia ocupa a centralidade das duas obras. A identificação dos traços de sujeição dos sujeitos não são exclusividades das obras distópicas, como observamos nas recentes tentativas de censura em nossa sociedade. Sempre temos um grupo buscando impor o que acredita em ser o certo para uma parte da população.

Os movimentos que buscam controlar o que deve ser visto, estudado, escutado e a enorme quantidade de partidários destes conceitos demonstram, possivelmente, uma falha em nosso modelo educacional que não valoriza a autonomia. A sujeição sendo amplamente aceita e, principalmente, obtendo defensores passionais pode ser considerada sintomática de um processo educacional heteronômico. Esse sintoma educacional, também, pode ser observado nas duas obras analisadas. Em Fahrenheit, a consequência direta da heteronomia educacional direciona a sociedade para a barbárie máxima, a utilização das armas de destruição em massa.

Em Admirável Mundo Novo, todo o processo educacional busca uma única finalidade: “(...) é o segredo da felicidade e da virtude: amarmos o que somos obrigados a fazer” (HUXLEY, 2016, p. 29). Existe uma imposição externa ao indivíduo que busca ditar o que deve ser feito ou não pelo cidadão – processo semelhante ao analisarmos as pressões dos movimentos ultraconservadores atuais. O processo educacional – no caso da obra intimamente relacionada ao condicionamento – buscava “fazer as pessoas amarem o seu destino social de que não podem escapar” (HUXLEY, 2016, p. 29). Trata-se do Estado impondo o que deve ser o melhor modelo a ser seguido.

Em Fahrenheit 451, novamente, a heteronomia é apresentada pela imposição da censura. Como na obra de Huxley, novamente é o governo que controla a informação, desde o controle desempenhado pelos meios de comunicação como dos instrumentos censores do Estado. A figura dos bombeiros sintetiza a função do censor estatal que impede e determina o que deve ser lido e estudado, conforme observamos na citação, na qual Beatty explica os motivos que levaram a mudança de função dos bombeiros: “Eles receberam uma nova missão, a guarda de nossa paz de espírito, a eliminação do nosso compreensível e legítimo sentimento de inferioridade: censores, juízes e carrascos oficiais” (BRADBURY, 2016, p. 60).

O censo-comum educacional flerta constantemente com a possibilidade de modelar pessoas pela educação, porém nada seria mais contrário à educação que ideia de moldar alguém. A educação deveria ser um processo de emancipação política do ser humano, conforme observamos:

A seguir, e assumindo o risco, gostaria de apresentar a minha concepção inicial de educação. Evidentemente não a assim chamada modelagem de pessoas, porque não temos o direito de modelar pessoas a partir de seu exterior; mas também não a mera transmissão de conhecimentos, cuja característica de coisa morta já foi mais do que destacada, mas a produção de uma consciência verdadeira. Isto seria inclusive da maior importância política; sua ideia, se é permitido dizer assim, é uma exigência política. Isto é: uma democracia com o dever de não apenas funcionar, mas operar conforme seu conceito, demanda pessoas emancipadas. Uma democracia efetiva só pode ser imaginada enquanto uma sociedade de que é emancipado (ADORNO, 2000, p. 64).

A educação, conforme observamos em Adorno, deveria oferecer condições de desenvolver uma consciência verdadeira no indivíduo, para que ele conseguisse efetivamente participar do processo democrático. A educação heteronômica impede o indivíduo de manifestar sua liberdade. Na verdade, o controle acaba por produzir<sup>64</sup> indivíduos que não são capazes de se autoguiarem, ou seja, são praticamente autômatos que atuam para o desenvolvimento do sistema econômico e não capazes de criticar e participar politicamente.

A importância de um modelo educacional que proporcionasse o desenvolvimento político do educando, principalmente, para a sua participação efetiva na democracia, foi anteriormente mencionada em Rousseau. Na obra *Do Contrato Social*, Rousseau, também, já demonstrava que a educação deveria ser o principal instrumento para uma participação efetiva na democracia. Só teríamos uma democracia à medida em que os homens fossem educados para a sua efetiva participação.

Uma educação para a democracia, que belo conceito, porém tão distante dos caminhos que atualmente estão sendo propostos nos modelos educacionais. Podemos atualmente perceber, no ambiente escolar, o controle de ideias, a censura, a manipulação, a doutrinação religiosa e pragmatismo-capitalista; conceitos distantes e contraditórios à proposta de Adorno (2000, p. 64):

Numa democracia, quem defende ideais contrários à emancipação, e, portanto, contrários à decisão consciente independente de cada pessoa em particular, é um antidemocrata, até mesmo se as ideias que correspondem a seus desígnios são difundidas no plano formal da democracia. As tendências de apresentação de ideias exteriores que não se originam a partir da própria consciência emancipada, ou melhor, que se legitimam frente a essa consciência, permanecem sendo coletivistas-reacionárias. Elas apontam para uma esfera a que deveríamos nos opor não só exteriormente pela política, mas também em outros planos muito profundos.

---

<sup>64</sup>E, neste ponto, acreditamos que se trata literalmente do conceito produção, algo como o que observamos na sociedade huxleyriana em que indivíduos são produzidos para a manutenção de um sistema totalitário e mercadológico.

A citação possui um enorme poder crítico nos dias atuais, principalmente, quando percebemos os movimentos crescentes que buscam incitar comportamentos coletivos<sup>65</sup>. Pessoas atualmente são predispostas a tomarem partido de situações que nunca viram, leram ou conhecem. A tentativa de proibir a exposição de teorias marxistas nas escolas – ou mesmo de revoltar a população contra uma peça de teatro a que não assistiram ou contra uma exposição que não visitaram - demonstram que as elites dominantes querem ditar diretrizes comportamentais para toda a sociedade. A sujeição de grande parte da população, para os “ensinamentos” externos, apenas confirmam que nosso processo educacional não compartilha dos preceitos estabelecidos em Adorno. Pelo contrário, caminhamos para a reificação induzida por pseudointelectuais semiformados que buscam conquistar um enorme contingente de ovelhas dóceis, servis e obedientes para seus ideais totalitários que podem resultar no obscurantismo que, inevitavelmente, aproximar-nos-á novamente da barbárie<sup>66</sup>. “Em nome da cultura, a civilização caminha para a barbárie” (ADORNO, 1998, p. 111).

A ironia, neste processo, pode ser percebida na questão: para evitar a barbárie, a experiência possui um papel fundamental. O instrumento apresentado por Adorno, para incentivar a emancipação, atualmente, é rechaçado pela sociedade, ou seja, a experiência que deveria ser incentivada atualmente é perseguida. O contato com obras possui um potencial libertador, porém o que Adorno observa – e atualmente está sendo apenas intensificado – é que existe uma grande resistência da sociedade pela experimentação, conforme observamos:

Os chamados fenômenos da alienação baseiam-se na estrutura social. O defeito mais grave com que nos defrontamos atualmente consiste em que os homens não são mais aptos à experiência, mas interpõem entre si mesmos e aquilo a ser experimentado pela camada estereotipada a que é preciso se opor. Penso aqui sobretudo também no papel desempenhado na consciência e no inconsciente pela técnica, possivelmente muito além de sua função real. Uma educação efetivamente procedente em direção à emancipação frente a esses fenômenos não poderia ser separada dos questionamentos da psicologia profunda (ADORNO, 2000, p. 67).

A resistência ao novo, constatada na sociedade por Adorno e, contemporaneamente, exacerbada, pode ser entendida como o fenômeno do ressentimento apresentado em Nietzsche. Em Nietzsche, temos a ideia da moral do ressentido que rejeita tudo o que é proveniente da moral do senhor. O ressentido, por não ter a capacidade de ser senhor, rejeita, menospreza e até mesmo busca proibir tudo aquilo que ele não entende, ou mesmo, não quer entender.

---

<sup>65</sup>Como o já citado, movimento ultraconservador que incitou por meio de uma mídia democrática – o facebook – a censura para obras de arte.

<sup>66</sup>Como a que observamos em Fahrenheit 451 e Admirável Mundo Novo.

“A época da música séria já passou; a música de nosso tempo é o jazz ou o beat”. Isto não é uma experiência primária, mas sim, se posso usar a expressão nietzschiana, um fenômeno do ressentimento. Essas pessoas odeiam o que é diferenciado, o que não é moldado, porque são excluídos do mesmo e porque, se o aceitassem, isto dificultaria sua “orientação existencial”, como diria Karl Jaspers. Por isto, rangendo dentes elas como que escolhem contra si mesmas aquilo que não é propriamente sua vontade (ADORNO, 2000, p. 68).

Para facilitar o entendimento do conceito nietzschiano, o autor utiliza uma metáfora bastante significativa. Na obra: *Genealogia da moral*, Nietzsche destaca a figura da ave de rapina e da ovelha. A ave de rapina representa o indivíduo virtuoso e de moral senhorial, por sua vez, a ovelha representa o indivíduo ressentido que não consegue ser senhor. A ave de rapina não odeia a ovelha, muito pelo contrário, ama o indefeso animal, pois se trata da sua maior refeição: “nós nada temos contra essas boas ovelhas, pelo contrário, nós as amamos: nada mais delicioso do que uma tenra ovelhinha” (NIETZSCHE, 2008, p. 36). Por sua vez, a ovelha detesta tudo o que é proveniente da ave de rapina.

O simples fato de ser uma ave de rapina já deixa toda e qualquer ovelha perdida, o comportamento da ave de rapina deve ser abominando da sociedade, principalmente, pelo fato de que nenhuma ovelha chegará a ser o belo predador. Neste ponto, temos a origem, a moral do ressentimento. O ressentido deverá se opor a todo o comportamento do seu predador, o fato de a ave ter a capacidade de voar será visto pela ovelha como um vício, uma deturpação da natureza, em suma, uma afronta à incapacidade de voo da ovelha. A ave não possui qualquer motivo para odiar a ovelha, já a presa possui todos os motivos para odiar o belo predador<sup>67</sup>.

Nietzsche irá apresentar a figura do sacerdote como um difusor das ideias do ressentimento. O autor considerará o sacerdote um ser doente que mantém a doença em seu rebanho. A função apresentada pelos sacerdotes é transformar pessoas sãs em doentes. Somente um doente aceitaria ser conduzido por outro doente e, para preservar a insanidade em seu rebanho, existe um ataque a tudo o que é saudável.

Ele tem que defendê-lo, ao seu rebanho – contra quem? Contra os sãos, não há dúvida, e também contra a inveja que têm dos sãos; ele tem que ser o opositor e desprezador natural de toda saúde e toda potência tempestuosa, dura, desenfreada, violenta e rapace” (NIETZSCHE, 2008, p. 115).

Temos, assim, uma explicação nietzschiana para a instauração da censura. A censura é a instrumentalização da moral do ressentimento. Pessoas doentes e incapazes de serem

---

<sup>67</sup> (NIETZSCHE, 2008, p. 35-37).

senhoras de si mesmas consideram imoral, inapropriada e vergonhosa toda e qualquer manifestação de poder por parte dos seres superiores. A tentativa de instaurar a censura no ambiente escolar – por meio do projeto Escola sem Partido, ou mesmo a tentativa de retirar a Filosofia, na recente reforma do ensino médio – na verdade, não passam de tentativas de impor o condicionamento de ovelha para nossos estudantes. Toda e qualquer prática de censura, no fundo – ou nem tão profundamente assim – busca impor uma moral de subserviência e de controle, trata-se de tentativa de limitar e conduzir o comportamento humano para a semiformação.

A possibilidade e o incentivo à experimentação podem ser entendidos como movimentos para a formação humana e deveriam ser incentivados, não reprimidos como observamos atualmente.

A constituição da aptidão à experiência consistiria essencialmente na conscientização e, desta forma, na dissolução desses mecanismos de repressão e dessas formações reativas que deformam nas próprias pessoas sua aptidão à experiência. Não se trata, portanto, apenas da ausência de formação, mas da hostilidade frente à mesma, do rancor frente àquilo de que são privadas (ADORNO, 2000, p. 68).

Somente pela experiência – a mesma que atualmente está sendo perseguida e censurada – ocorre o aumento do nível reflexão na sociedade. E privar a sociedade da reflexão torna-se o primeiro passo para a instauração de um modelo estatal equivalente aos modelos criticados em Admirável Mundo Novo e Fahrenheit 451. “- Livraram-se deles. Sim, é bem o modo de os senhores procederem. Livrar-se de tudo o que é desagradável, em vez de aprender a suportá-lo” (HUXLEY, 2016, p. 234), ou ainda em *Brandbury* (2016, p. 63):

(...) O importante é que você se lembre, Montag, que nós somos os Garotos da Felicidade, a Dupla da Alegria, você e eu e os outros. Nós resistimos à pequena maré daqueles que querem deixar todo mundo infeliz com teorias e pensamentos contraditórios. Estamos com os dedos no dique. Segure firme. Não deixe a torrente de filosofia melancólica e desanimadora engolfar nosso mundo. Dependemos de você. Acho que você percebe a importância que *você* tem, que *nós* temos, para que o nosso mundo continue feliz com ele é hoje.

Pensar é fazer experiências. E o objetivo da educação deveria ser o incentivo ao pensar. Nesta perspectiva temos que entender que Adorno considera que um importante objetivo da educação seria incentivar a racionalidade ou a consciência. Quando o autor aborda a racionalidade ou consciência, está, de fato, considerando a capacidade do indivíduo em pensar a sua realidade. Somente um modelo educacional voltado à experiência poderia fornecer os pressupostos para o desenvolvimento da racionalidade ou consciência. Como

afirma Adorno: “Eu diria que pensar é o mesmo que fazer experiências intelectuais” (ADORNO, 2000, p. 69).

Um projeto educacional voltado à racionalidade ou consciência incentivaria a imaginação dos educandos. Adorno se mostrará contrário a qualquer modelo educacional que busque ser hostil à imaginação. O ambiente escolar deveria ser um local para o desenvolvimento da imaginação - com a devida ressalva de que não pode existir a venda de ilusões. “Elas conduzem a uma aridez e até a um emburrecimento a que precisamos nos opor sem que, por outro lado – tudo é complicado – caíamos nas mentirosas ficções de uma tia dos contos da carochinha” (ADORNO, 2000, p. 69). A educação para experiência, na ótica de Adorno, “é idêntica à educação para a emancipação” (ADORNO, 2000, p. 69). Se inicialmente nos questionamos para onde a educação deveria conduzir? a emancipação humana se apresenta como resposta.

## **4.2 Admirável emancipação humana**

Para lidarmos com a questão da emancipação, necessariamente, teremos que nos apropriar dos conceitos kantianos desenvolvidos no pequeno ensaio: Resposta à pergunta: O que é Esclarecimento, que data de 5 de dezembro de 1783. Para Kant (2017, p. 1):

Esclarecimento (Aufklärung) significa a saída do homem de sua minoridade, pela qual ele próprio é responsável. A minoridade é a incapacidade de se servir de seu próprio entendimento sem a tutela de um outro. É a si próprio que se deve atribuir essa minoridade, uma vez que ela não resulta da falta de entendimento, mas da falta de resolução e de coragem necessárias para utilizar seu entendimento sem a tutela de outro.

O conceito de esclarecimento – ou emancipação ou ainda de autonomia – foi muito bem definido por Kant - Adorno, na obra: Educação e Emancipação, chega a afirmar que “Este programa de Kant, mesmo com a maior má vontade, não pode ser acusado de falta de clareza, parece-me ainda hoje extraordinariamente atual” (ADORNO, 2000, p. 77). E, de fato, deveria ser extraordinariamente atual a busca por uma educação emancipatória do indivíduo, mas, como percebemos até o momento, na verdade, atualmente necessitamos de um resgate do conceito kantiano.

O esclarecimento apresentado em Kant implica um sujeito que será capaz de definir por ele mesmo, além das interferências externas – de religiões, preconceitos, ideologias, e imposições morais – o que considera válido para a sua vida. Estamos, de alguma forma,

apresentando um sujeito que deverá tomar as “rédeas” da sua própria vida. Atrelar os aspectos educacionais ao conceito de emancipação implica tornar o sujeito cognoscente soberano sobre a sua própria vida. Uma educação inspirada, nesta concepção, visaria à autonomia do indivíduo e, principalmente, a um sujeito que não se sujeitará a imposições advindas dos outros.

A formação educacional – que passa necessariamente pela formação cultural, como já observamos – deveria ser o ideal a ser buscado, porém os modelos educacionais atuais flertam muito mais com os conceitos que são criticados nas obras: Admirável Mundo Novo e Fahrenheit 451, como demonstraremos.

Sem dúvida, as maiores contribuições críticas, nas duas obras analisadas, estão justamente no fato de que os modelos político-educacionais são simulacros de projetos emancipatórios. Em Admirável Mundo Novo, podemos perceber que o modelo educacional busca o controle total dos educandos pelas etapas de condicionamento. Todo o processo de condicionamento – ou modelo educacional da obra - existe para o controle e estabilidade social. Os juízos emitidos pela hipnopedia são assumidos pelos adultos do Admirável Mundo Novo como sendo seus próprios pensamentos<sup>68</sup>. O poder das repetições – das sentenças durante o sono - constantes a que as crianças são submetidas, acaba por impedir o livre pensar e aqui reside o interesse do Estado totalitário da obra huxleyriana: o controle e a imposição no pensar de todos os indivíduos.

O modelo apresentado em Admirável Mundo Novo pode ser considerado a proposta mais distante do verdadeiro objetivo educacional descrita em Adorno, ou seja, a emancipação. Adorno, também, observará que o modelo educacional criticado em Huxley trata-se de um projeto contrário ao ideal emancipatório.

Mesmo a consciência daqueles que fazem questão de salvaguardar sua individualidade permanece dentro das normas de standardização, em virtude de sua própria identificação com o “in-group”. Eles não param de emitir, automaticamente, juízos aos quais foram condicionados, que mesma forma como um rico burguês de hoje alardeia, sem envergonhar-se, que o importante não são as relações materiais, e sim uma regeneração religiosa, ou que ele não entende a arte moderna. O “não entender” transforma-se em virtude (ADORNO, 1998, p. 96).

---

<sup>68</sup>Na obra percebemos claramente o interesse estatal em controlar as ideias: “Até que, finalmente, o espírito da criança seja essas coisas sugeridas, e que a soma dessas sugestões seja o espírito da criança. E não somente o espírito da criança. Mas também o adulto, para toda a vida. O espírito que julga, e deseja, e decide, constituído por essas coisas sugeridas. Mas todas essas coisas sugeridas são aquelas que nós sugerimos, nós! O Diretor quase gritou, em seu triunfo – Que o Estado sugere. – Bateu com a mão na mesa mais próxima. – Daí segue-se que...” (HUXLEY, 2016, p. 40).

O Estado huxleyriano controla todo o conhecimento, a censura estatal garante quais devem ser os conhecimentos que serão absorvidos por cada casta e, principalmente, garante que o pensar estará limitado ao que o Estado deseja que o indivíduo pense. Estamos lidando claramente com um processo de controle e censura, que impede a experiência humana e, conseqüentemente, o pensar autônomo dos indivíduos. Mais do que apenas controlar – como se o controle fosse algo pequeno – o modelo educacional criticado em Huxley apresenta uma tendência em criar barreiras ao novo, ao desconhecido e ao não entendível. Existe uma espécie de “virtuorização”<sup>69</sup> da ignorância” – conforme Adorno (1998, p. 96) observou:

Um casal de namorados pertencente à casta superior sobrevoa o canal da Mancha em um dia de tempestada, e o homem deseja retardar o voo, para escapar da multidão e ficar sozinho com sua namorada, mais perto dela e de si mesmo. Pergunta então se ela entende suas intenções. *“I don’t understand anything, she said with decision, determined to preserve her incomprehension intact”*<sup>70</sup>. A observação de Huxley não aponta apenas para o rancor que enunciação da mais simples verdade provoca naqueles que não se permitem qualquer contato com a verdade, para não colocar em risco o próprio equilíbrio, mas apresenta também o diagnóstico de um novo e poderoso tabu.

O tabu, conforme já demonstramos<sup>71</sup>, está em evitar a experiência e detestar algo que pode ser apresentado como “o desconhecido”. A máxima amplamente difundida nos dias atuais e devemos repudiar - uma exposição artística, uma peça de teatro ou uma teoria filosófica – algo que nem mesmo chegamos a conhecer, trata-se exatamente do fenômeno observado e criticado em Adorno. A percepção de Huxley sobre sua sociedade, ainda, vigora nos dias atuais.

Não somente em Huxley observamos estas constatações, também, na obra de Bradbury, encontramos as mesmas similaridades. No trecho do livro em que Montag irá revelar que possuía livros em casa, para sua esposa Mildred, o comportamento observado em sua esposa possui a mesma intensidade que repudiar o novo, observada em Admirável Mundo Novo:

- Eu sinto muito – disse ele. – Foi realmente sem pensar. Mas agora é como se estivéssemos os dois metidos nisso.

Mildred recuou como se de repente estivesse diante de um bando de ratos que tivessem saído do assoalho. Montag ouviu-lhe a respiração apressada; o rosto dela empalideceu e seus olhos arregalaram-se, imóveis. Ela disse o nome dele uma, duas, três vezes. Então, gemendo, avançou para a frente, apanhou um livro e correu para o incinerador da cozinha (BRADBURY, 2016, p. 66).

<sup>69</sup> Podemos entender, na nossa tentativa de formar um neologismo, como um processo pode tornar virtuosa a ignorância.

<sup>70</sup> Tradução na obra: “Não, eu não compreendo nada – respondeu ela com decisão, disposta a conservar sua incompreensão intacta” (HUXLEY, 2016, p. 97).

<sup>71</sup> Ao fazer a utilização de Nietzsche e a sua moral do senhor e do escravo.

O instinto de destruição à experiência que estava representada nos livros, na obra, assemelha-se ao tabu moderno apresentado em Adorno. Existe uma resistência ao que não conhecemos ainda. Normalmente as pessoas buscam refúgio no conhecido, a ideia de que já conhecemos algo oferece certa segurança e tranquilidade, a apresentação de algo novo retira essa estabilidade, oferecendo caminhos aparentemente movediços e o medo ao novo que surge. Uma reação ao desconhecido pode ser observada na censura, que busca oferecer segurança e tranquilidade à pessoa que desconhece algo. O fato de ser proibido fornece um alento a quem não gostaria de ter um contato com algum conteúdo que perturbasse a sua alma. Essa nossa constatação pode ser observada no trecho em que Montag realiza a leitura de uma obra em sua casa para as visitas:

A sra. Phelps estava chorando.

As outras no meio do deserto observavam o choro da primeira tornar-se muito alto à medida que seu rosto se contorcia e deformava. Ficaram sentadas, sem tocá-la, confusas diante de sua manifestação. Ela chorava de modo incontrolável. O próprio Montag estava atônito e abalado.

- Ora, ora – disse Mildred – Já passou, Clara. Ora, vamos, Clara, recomponha-se! Clara, o que há de errado?

- Eu... eu – soluçou a sra. Phelps – não sei, não sei, eu só... não sei, ai, ah...

A sra. Bowles se levantou e olhou duro para Montag.

- Está vendo? Eu sabia, era isso que eu queria provar! Eu sabia que aconteceria! Eu sempre disse: poesia e lágrimas, poesia e suicídio e choro e sensações ruins, poesia e doença; é tudo uma besteira sentimental! Agora estou convencida. O senhor é nojento, senhor Montag, o senhor é nojento! (BRADBURY, 2016, p. 97).

As medidas que buscam censurar hipertrofiaram o tabu do “não entender” que “transforma-se em virtude.” O não entender não pode ser entendido com virtude<sup>72</sup>! Não existe qualquer virtude na falha formativa do indivíduo, a percepção que o sujeito não é capaz de compreender é um sintoma do fracasso formativo daquele indivíduo. Após o acesso à informação, o sujeito esclarecido pode inferir sobre a qualidade do material, porém não pode impedir o acesso de outras pessoas ao conteúdo. A imposição de uma restrição pode ser entendida como um processo de manutenção da tutela ao outro, como observamos em Kant, ou seja, de impor a menoridade ao

---

<sup>72</sup> Para exemplificarmos ainda mais a questão, nesta semana, um Deputado Federal enviou um projeto de lei que visa impedir qualquer evento cultural de “profanar” símbolos religiosos. O intuito logicamente está em impedir exposições como a “Queermuseu”. O fato mais cômico da entrevista, que foi concedida ao Uol, está na frase do Deputado se vangloriando de não entender a Arte Moderna: “Não consigo entender essa arte moderna. Com todo respeito, é lixo. Tem que encher os olhos e o coração, isso é arte. Que arte é essa em que [Jackson] Pollock vomita numa tela?” (DIAS, 2017). A demonstração apresentada só confirma a tendência observada em Adorno de pessoas que não entendem, ou não possuem conhecimentos para entender uma obra, vangloriarem-se de tal ato e tratarem a sua falta de conhecimento como uma virtude.

outro. Nada poderia ser mais contrário ao princípio de uma educação emancipatória que impor restrições ao pensamento de certos autores, diretores e artistas.

A sensação de ataraxia criada pela censura possui duas finalidades observáveis na obra *Fahrenheit 451*. A primeira pode ser entendida como uma proteção às ideias divergentes e que poderiam desestabilizar o indivíduo, ou melhor, retirar o sujeito do sua zona de conforto intelectual; o segundo pode ser entendido como uma manutenção do estado de menoridade imposto ao indivíduo por medidas estatais ou capitalistas-pragmáticas, conforme observamos:

Você precisa entender que nossa civilização é tão vasta que não podemos permitir que nossas minorias sejam transtornadas e agitadas. Pergunte a si mesmo: O que queremos neste país, acima de tudo? As pessoas querem ser felizes, não é certo? Não foi o que você ouviu durante toda a vida? Eu quero ser feliz, é o que diz todo mundo. Bem, elas não são? Não cuidamos para que sempre estejam em movimento, sempre se divertindo? É para isso que vivemos, não acha? Para o prazer, a excitação? E você tem de admitir que nossa cultura fornece as duas coisas em profusão.

(...)

- Os negros não gostam de Little Black Sambo. Queime-o Os brancos não se sentem bem em relação à Cabana do pai Tomás. Queime-o (BRADBURY, 2016, p. 60).

O controle de ideias tornou-se, na sociedade de *Fahrenheit* – ou ainda em *Admirável Mundo Novo* -, em uma forma de dominação social por parte do Estado. A manutenção da felicidade – nas duas obras – passa a ser a desculpa para a proibição da leitura, ou melhor, da institucionalização da semiformação. A imposição estatal de regras regulatórias sobre o que deve ser ensinado ou não pode ser entendido como a imposição de menoridade e, conseqüentemente da semiformação como regra. Os mecanismos de controle estatais esterilizam a produção de conhecimento.

Não pode surgir formação cultural em um ambiente cujos conceitos são negligenciados e renegados. A advertência sobre a castração de conteúdos não escapa ao olhar de Adorno, nem mesmo ao ambiente acadêmico, no qual, para o autor, pode ocorrer um “mecanismo de controle poderosíssimo” (ADORNO, 2000, p. 78). Para Adorno, existe em pressuposto para a existência da emancipação: uma sociedade livre. Porém esse pressuposto já encontra dificuldade pelo fato de que não vivemos em uma sociedade livre<sup>73</sup>.

Quando Adorno apresentava a ausência de liberdade na sociedade, estava apresentando uma crítica a uma sociedade que aparentava e divulgava a liberdade como seu principal pressuposto. Adorno conseguia perceber que, mesmo em uma sociedade que se

---

<sup>73</sup> (ADORNO, 2000, p. 78).

apresentava como livre, existiam amarras que impossibilitavam a realização de uma verdadeira liberdade, a sociedade que estava sendo analisada era a alemã ocidental, após a Segunda Guerra, ou seja, estava sobre o julgo da influência e controle capitalista imposto pelos E.U.A. A ideologia que buscava ser “vendida” ao mundo era da democracia e liberdade, mas o filósofo percebe que de fato não é isso o que ocorre:

Mas, no lugar de emancipação, encontramos um conceito guarnecido nos termos de uma ontologia existencial de autoridade, de compromisso, ou outras abominações que sabotam o conceito de emancipação atuando assim não só de modo implícito, mas explicitamente contra os pressupostos de uma democracia. Em minha opinião essas coisas deveriam ser expostas e apresentadas de modo mais acessível, tal é o mofo que continua envolvendo na Alemanha até mesmo uma questão aparentemente tão pertinente ao plano do espírito como a emancipação (ADORNO, 2000, p. 78-79).

O interessante está no fato de que Adorno percebe os fatores que parecem estar velados no processo educacional da Alemanha. Grande parte da propaganda dos ideais capitalistas ocidentais estava sendo utilizada na Alemanha com a finalidade de propagar as benesses provenientes do modelo da democracia capitalista – em uma forma de confrontar o modelo adotado sobre o controle soviético – porém o filósofo consegue perceber que o mofo do autoritarismo, da autoridade e do controle seriam elementos que impediriam o desenvolvimento de um ideal educacional voltado à emancipação.

Que pensaria o autor, ao analisar a realidade atual do Brasil, com as inúmeras questões que apontamos em direção a um modelo educacional que busca privilegiar os princípios mercadológicos? Ou, ainda, na análise das recentes tentativas de censurar tanto o ambiente escolar como os movimentos artísticos? Ora, se o autor aponta que o pressuposto essencial, para a instituição de um modelo pedagógico, voltado para a emancipação reside na liberdade, não tardaria em avaliar que o caminho, atualmente trilhado em nosso país, pode ser considerado errôneo e, possivelmente, desastroso para a formação humana – uma vez que não podemos dizer o mesmo para as religiões que tentam minorizar nossa população e para as indústrias que necessitam de mão de obra barata.

Os modelos atualmente aplicados nas escolas de metodologia militar – e que hoje são amplamente requisitados – que buscam converter as crianças em verdadeiros soldados adaptados ao mundo, no mínimo, deveriam ser vistos com certa temeridade. Em um momento da obra *Educação e Emancipação*, Adorno demonstra profunda preocupação com um modelo educacional voltado à adaptação. A crítica será, principalmente, desenvolvida ao contemplar o entusiasmo da sociedade com o “êxito” da formação de Caroline Kennedy, noticiado e

elogiado pela imprensa norte-americana. Para Adorno, “O simples fato de a adaptação ser o êxito principal da educação infantil já deveria ser motivo de reflexão, pois este tipo de pedagogia desenvolveu-se num mundo completamente desvinculado dos efeitos do idealismo alemão” (ADORNO, 2000, p. 79).

Não pode, porém ser somente criticado o fato de um modelo educacional estar voltado para a adaptação, aspecto ainda mais preocupante pode ser observado em um modelo educacional autoritário. O autoritarismo no ambiente escolar foi observado por Becker, na matriz implantada na União Soviética e foi considerado pelo estudioso como um modelo não emancipatório<sup>74</sup>, recebendo por parte de Adorno a sua concordância.

A emancipação deve ser o objeto a ser buscado na educação. Se por diversos motivos esse ideal é subvertido, o pressuposto mais importante se perde e, conseqüentemente, o que resta é apenas o efeito placebo. Talvez a definição de um modelo educacional placebo pode de fato ser aplicado à nossa realidade, ao constatar que as preocupações educacionais da atualidade são apenas superficiais e não alcançam a inteireza do ser humano.

O modelo educacional placebo pode ser entendido à medida em que o objetivo de emancipar é corrompido para interesses mercadológicos, financeiros, autoritários e controladores. Um modelo que foque nos interesses do mercado de trabalho, como no caso da recente reforma do ensino médio, tende a ser definido como um modelo placebo, ou seja, parece ser um modelo educacional, porém não passa de uma forma de instrumentalizar o educando para as necessidades da indústria nacional. Trocamos a emancipação pelo emprego e, conseqüentemente, a autonomia subverte-se em subserviência servil.

Pensar na questão: se estaríamos vivendo no esclarecimento, na atualidade, parece ser até cômica diante de todas as evidências, mas a questão: se ainda estaríamos vivendo em uma época de esclarecimento deve ser analisada por uma perspectiva adorniana. O filósofo afirma que, na atualidade, existem grandes dificuldades para a concretização da emancipação humana.

O motivo evidentemente é a contradição social; é que a organização social em que vivemos continua sendo heterônoma, isto é, nenhuma pessoa pode existir na sociedade atual realmente conforme suas próprias determinações; enquanto isso ocorre, a sociedade forma as pessoas mediante inúmeros canais e instâncias mediadoras, de um modo tal que tudo absorvem e aceitam nos termos desta configuração heterônoma que se desviou de si mesma em sua consciência. É claro que isto chega até às instituições, até à discussão acerca da educação política e outras questões semelhantes (ADORNO, 2000, p. 83).

---

<sup>74</sup> (ADORNO, 2000, p. 80).

Podemos observar que, mais uma vez, no pensamento de Adorno, a heteronomia surge, principalmente, como fator de limitação ao esclarecimento. A sujeição consciente ou inconsciente da população às ideias e normas impostas demonstra claramente a fragilidade em nosso processo educacional que não capacitou ou realizou uma formação cultural consciente à nossa população. A situação se agrava ao analisarmos a tendência atualmente existente às teorias “salvíficas” de intervenção militar.

Nada seria mais contraditório e mais distópico que o clamor popular pela ditadura como uma solução aos problemas atuais. O pior cenário possível para uma implantação devastadora da heteronomia ocorre em situações de totalitarismo. Definitivamente, observando todas as questões presentes nas obras de Admirável Mundo Novo e Fahrenheit 451 e, principalmente, na análise de Adorno, existe uma insolubilidade nos conceitos autonomia e censura. Trata-se de grandezas inversamente proporcionais em que há censura e não existe autonomia, e o mesmo ocorre com seu inverso. O totalitarismo não é a solução para qualquer problema, muito pelo contrário, ele é a personificação máxima do problema.

(...) a única concretização efetiva da emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas interessadas nesta direção orientem toda a sua energia para que a educação seja uma educação para a contradição e para a resistência (ADORNO, 2000, p. 84).

O caminho para um modelo educacional emancipatório necessita da crítica e, principalmente, das experiências dos educandos. Adorno apresenta um tipo de exemplificação para sua proposta: a análise crítica dos conteúdos fornecidos pela indústria cultural. Em sua proposta, os educandos teriam **acesso** aos produtos fornecidos pela indústria cultural e, após o **contato** com eles, professores buscariam realizar reflexões e apresentariam obras artísticas que, de fato, atenderiam aos pressupostos se consideramos ser uma formação cultural. O contato e o acesso seriam instrumentos para o desenvolvimento e auxiliariam a emancipação do indivíduo, portanto, mais uma vez, a censura não encontra sua defesa.

Por fim, vale destacar que os potenciais críticos das obras, Admirável Mundo Novo e Fahrenheit 451, no que se refere a aspectos educacionais, estão em suas críticas: ao totalitarismo, ao controle de ideias e, principalmente, em relação à censura. Constatar que esses elementos que estavam identificados na sociedade à época da escrita das obras, ainda, permanecem em nossa sociedade nos entristece.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para além dos objetivos declarados em nossa dissertação<sup>75</sup>, existia o nosso interesse pessoal em demonstrar a força reflexiva presente na literatura/artes. Desde o início, acreditávamos no poder crítico das obras de arte e na sua utilização para a transformação da sociedade. E a nossa trajetória até o momento confirmou nossas intenções. Perceber que temáticas debatidas, nas décadas de 30 e 50, ainda, são atuais, por um lado demonstram a atemporalidade das obras, mas evidenciam que nossa sociedade não superou suas limitações.

Para que pudéssemos chegar até este ponto em nossa dissertação, encontramos enormes desafios, os quais gostaríamos de compartilhar, pois existem particularidades interessantes. Logo, ao iniciar nossa trajetória no mestrado, fomos apresentados ao filme de François Truffaut – Fahrenheit 451 - para ajudar na orientação de um debate no Grupo de Estudos, Cinema com Vida do Departamento de Educação. Nesta época, as inquietações foram tamanhas que, com o estímulo do nosso orientador, alteramos nosso projeto de pesquisa. Esse fato narrado ocorreu, há mais de dois anos e existe algo bonito em pensar que o conteúdo que nos foi apresentado no primeiro dia de mestrado está sendo o objeto de finalização de nossa caminhada.

As inquietações estavam intimamente condensadas, como já apresentamos em nossa introdução, na questão da censura – representada e materializada na substância do fogo na obra fílmica de Truffaut. Ao longo do nosso processo de construção e pesquisa, questões ainda surgiram, como o debate iniciado no Senado Federal sobre o projeto “Escola sem Partido” e, posteriormente, a redação da medida provisória e agora, Lei do Novo Ensino Médio. Ao estudar as obras distópicas – Admirável Mundo Novo e Fahrenheit 451 – conseguíamos perceber que muitas críticas apresentadas serviriam para debater alguns pontos nebulosos das propostas. Quase há um ano, nosso olhar foi direcionado a identificar, nas referidas obras, conceitos críticos para os modelos político-educacionais hegemônicos em nosso país.

Para nosso espanto e tristeza, nossa sociedade exacerbou o debate em torno da censura, e os recentes acontecimentos, envolvendo a censura nas artes, aconteceram antes da finalização da nossa dissertação. Perceber que o discurso hegemônico em favor da censura é dominante, em

---

<sup>75</sup> Recordando nossos objetivos: analisar os modelos político-educacionais apresentados nas obras distópicas, estabelecendo possíveis paralelos com os modelos vigentes. Nossos objetivos específicos são: 1) Caracterizar os modelos sociais e educacionais nas obras ficcionais e os arcabouços teóricos que inspiram tais modelos. 2) Comparar os aspectos político-pedagógicos das obras com o projeto educativo hegemônico de nossa sociedade; 3) Estabelecer à luz do pensamento teórico-crítico as contradições, tanto nos modelos ficcionais como nos modelos educacionais propostos à educação brasileira.

nosso país, gerou profunda tristeza em nosso ser. Semeou em nosso coração o desejo de abandonar totalmente o objeto da nossa dissertação. Nosso medo estava em oferecer um material acadêmico, para fundamentar e embasar o discurso da argumentação incompetente, ou seja, uma argumentação que pudesse oferecer sustentação ainda maior para o discurso da censura – inclusive, fomos alertados durante nossa qualificação sobre essa questão.

Como poderíamos alterar toda nossa pesquisa? O desejo de desistir foi enorme, ao constatar que nossas inquietações, na verdade, são rechaçadas pela maioria da sociedade que apoiada na “ideologia da moral e dos bons costumes<sup>76</sup>” atualmente prega e difunde o ódio por meio censura. Porém nossa necessidade de “gritar pra todo mundo ouvir” foi maior que nossos medos. Essa pesquisa pode ser considerada fruto da teimosia do nosso ser. Portanto não se trata de uma tentativa de produzir uma dissertação vazia com a finalidade apenas de aproveitar as questões que estão em evidência na sociedade, mas, na verdade, são manifestações do nosso espírito que afloraram ao ler as duas obras distópicas. Desistir do nosso tema seria renunciar às constatações já identificadas e a todo o nosso esforço na pesquisa desenvolvida durante um ano.

Feita essa partilha sobre a construção da pesquisa, nossa pretensão, neste instante de reflexão, não deve se apoiar no esgotamento das temáticas até o momento debatidas, nem tampouco determinar verdades absolutas sobre questões apresentadas. Ao desenvolver esses temas, acreditamos na necessidade de pesquisas ainda mais aprofundadas, principalmente, por percebermos a enorme quantidade de pessoas que atualmente advogam pela causa da censura. Acreditamos ser importante retomar algumas provocações com a finalidade de evidenciar algumas contribuições observadas durante a nossa pesquisa e, principalmente, para demonstrar que as duas obras – Admirável Mundo Novo e Fahrenheit 451 - de fato, oferecem grande potencial para a crítica da nossa sociedade, bem como ao modelo educacional hegemônico.

- **O problema de uma educação pragmática-capitalista**

Em Admirável Mundo Novo, acompanhamos diversos momentos em que obra apresenta um aspecto pragmático para o desenvolvimento do regime econômico. Existe um modelo de condicionamento que busca sempre focar no consumismo e na continuidade do

---

<sup>76</sup> Estamos quase certos de que se trata de uma ideologia da moral e dos bons costumes, apesar de não entendermos completamente o que seria essa moral e esses bons costumes, uma vez que podemos perceber que sobre essa ideologia residem princípios: machistas, racistas, homofóbicos, misóginos, xenofóbicos e de profunda intolerância religiosa.

sistema econômico. O modelo educacional apresentado na sociedade distópica, serve a duas premissas: o fornecimento de mão de obra para as fábricas e consumidores vorazes para as indústrias que necessitam produzir. Para recapitularmos temos:

As flores do campo e as paisagens, advertiu, têm um grave defeito: são gratuitas. O amor à natureza não estimula a atividade de nenhuma fábrica. Decidiu-se que era preciso aboli-lo, pelo menos nas classes baixas; abolir o amor à natureza, mas não tendência de consumir transporte (HUXLEY, 2016, p. 34).

A citação – que já tinha sido utilizada em nossa dissertação - exemplifica um modelo educacional formatado para atender as necessidades do sistema econômico. Na passagem exemplificada, o D.I.C<sup>77</sup> explica, para diversas crianças Alfas, que o processo de condicionamento educacional das crianças de Admirável Mundo Novo buscava eliminar os divertimentos que não favoreciam o consumo<sup>78</sup> e, principalmente, introduzir aspectos de consumo nas classes menos favorecidas.

A apresentação de questões, como as exemplificadas anteriormente<sup>79</sup>, demonstram que a manutenção do sistema econômico ocupa lugar privilegiado nos princípios educacionais de sociedade huxleyriana. O modelo pedagógico está a serviço do modelo econômico<sup>80</sup>. O problema, apresentado em Huxley, está em um modelo educacional que baseie toda a sua estrutura no desenvolvimento de mão de obra para as indústrias e consumidores compulsivos. Uma educação que privilegie apenas aspectos pragmático-educacionais será serva do sistema econômico e se distancia dos reais motivos que deveriam ser os motivadores de um processo educacional autêntico. Paulo Freire apresenta a seguinte questão sobre os modelos educacionais pautados em valores da ideologia de mercado:

O discurso da globalização que fala da ética esconde, porém, que a sua é a ética do mercado e não a ética universal do ser humano, pela qual devemos

---

<sup>77</sup> Diretor de Incubação e Condicionamento.

<sup>78</sup> O método, já narrado, buscava por meio de choques e sons ensurdecedores, provocar aversão nas crianças ao contato com as flores e, conseqüentemente, à natureza.

<sup>79</sup> Outro exemplo da educação que apenas foca na manutenção do sistema econômico pode ser observado: “‘Mas as roupas velhas são horríveis’, continuava o murmúrio infatigável. ‘Nós sempre jogamos fora as roupas velhas. Mais vale dar fim que conservar, mais vale dar fim...’” (HUXLEY, 2016, p. 58). As sentenças eram diversas vezes emitidas, durante o sono das crianças, em um modelo educacional que poderia muito se aproximar do modelo de educação bancária, de Paulo Freire, como já demonstramos. As sentenças induzidas por meio do sono buscavam instigar o consumismo das crianças e futuros adultos consumidores.

<sup>80</sup> Recordamos a seguinte constatação de Adorno: “As damas do *Brave New World* – e nesse caso não foi preciso nenhuma extrapolação – conversam apenas como consumidoras. Por princípio, a conversa trata apenas do que consta no catálogo da indústria onipresente, informações sobre o que está sendo oferecido”.

lutar bravamente se optamos, na verdade, por um mundo de gente. (...) O discurso ideológico da globalização procura disfarçar que ela vem robustecendo a riqueza de uns poucos e verticalizando a pobreza e a miséria de milhões. O sistema capitalista alcança no neoliberalismo globalizante o máximo de eficácia de sua malvadez intrínseca (FREIRE, 2000, p. 144).

A ideologia de mercado deve ser um aspecto importante a ser observado nos sistemas educacionais atuais, principalmente, quando constatamos que a recente Reforma do Ensino Médio utilizou preceitos capitalistas. A formação humana, no documento do MEC, como observamos, foi reduzida à “preparação geral para o trabalho” e “formação profissional”. Nos princípios norteadores da reforma, em diversos trechos, fica explícita a necessidade de formatar o cliente – educando – às necessidades das indústrias. Nesta questão, as críticas de Huxley são válidas para repensar nossas prioridades educacionais.

- **O problema da indústria cultural – instrumento de semiformação humana**

Diferentemente da questão pragmático-capitalista, em momento algum, na obra de Brandbury, conseguimos perceber o estabelecimento de um debate. A onipresença da indústria cultural e a sua problemática se fazem presentes tanto em *Fahrenheit* como em *Admirável Mundo Novo* – com maior ênfase na primeira obra citada.

Na sociedade dependente das sensações<sup>81</sup> de *Admirável Mundo Novo*, o cinema sensível<sup>82</sup> ocupa grande destaque na vida dos habitantes. Podemos observar, quando John, o selvagem, questiona um Chanceler, se existia incentivo para leitura de obras como Shakespeare: “(...) Se os nossos jovens precisarem de distrações poderão encontrá-las no

---

<sup>81</sup> Na obra de Türcke, temos uma conceituação moderna sobre a evolução histórica da palavra sensação. No que tange aos seus estudos temos: “Que a partir de 1780 a palavra ‘sensação’ tenha, para além das fronteiras das línguas nacionais, passado por uma escalada semântica na linguagem corrente centro-europeia e assumido as conotações de assombro, excitação, efervescência, inquietação, e por fim, daquilo mesmo que excita e assombra, é expressão de uma escalada social muito mais abrangente: da passagem da sociedade moderna para uma feira que dura o ano inteiro, onde a propaganda barulhenta e o caráter sensacional foram familiarizados como condição de percepção e de vida. Mas essa passagem, um vigoroso movimento para frente da sociedade burguesa, se revela, porém, ao mesmo tempo como um passo para trás da história mundial” (TÜRCKE, 2010, p. 171).

<sup>82</sup> O papel de destaque do cinema sensível será observado na crítica de Adorno: “Um dia ficará suficientemente claro que os homens não precisam do lixo fornecido pela indústria cultural, nem dos produtos de primeira classe oferecidos por indústrias mais sólidas. A ideia, por exemplo, de que o cinema seja necessário, ao lado da habitação e da alimentação, para a reprodução da força de trabalho é ‘verdadeira’ apenas em um mundo que prepara os homens para a reprodução da força de trabalho, constringindo as necessidades humanas de acordo com o interesse da oferta e do controle social” (ADORNO, 1998, p. 106).

cinema sensível. Nós não os estimulamos a procurar qualquer tipo de diversão solitária” (HUXLEY, 2016, p. 162).

O cinema ocupa um papel fundamental para o divertimento da população de Admirável Mundo Novo. No que tange à sua qualidade, no entanto temos a seguinte percepção de Jonh, o selvagem: “- Como esse filme horrível” (HUXLEY, 2016, p. 168).

O cinema sensível buscava estimular os sentidos – sons, aromas, estímulos táteis – exacerbados durante toda a exibição. Podemos concluir que eram filmes com enredos extremamente banais, porém envolvidos em grande pirotecnia sensorial - algo não muito diferente da sensação provocada nos atuais cinemas 3D.

Apesar de termos constatado a presença da indústria cultural, em Admirável Mundo Novo, nada pode ser comparado com a onipresença ocupada na obra de Brandbury. Em Fahrenheit 451, as telas ocupam papel central, “são a família”. Os artefatos ocupam as paredes de todas as casas e, no ambiente escolar, desempenham importante papel educador. As crianças são submetidas a horas diante do aparelho, que como já foi explicitado, anteriormente, os televisores são os professores do futuro. Os conteúdos são simplificados e pouco contribuem para a formação dos indivíduos. Em um esforço de atualizar a crítica, devemos observar a onipresença dos celulares nos ambientes escolares e nas nossas vidas como um todo, além de atribuímos uma importância enorme aos meios de comunicação, no que tange a aspectos, formativos, ou melhor, semiformativos.

A enorme quantidade de conteúdos disponíveis não se consolida em conhecimento e formação cultural. Em sua maioria, temos apenas informações desnecessárias e de cunho claro de entretenimento. A baixa qualidade dos conteúdos só consolida e amplia a semiformação na sociedade, tanto de Brandbury como na atual. Constatamos que a simplificação dos conteúdos ocorre, ainda, nos nossos dias, porém os motivos não estão intrinsecamente ligados a uma necessidade de alcançar um grande público; no olhar de Adorno, são antes intencionais, para impedir um desenvolvimento cultural do proletariado.

- **O problema da censura no ambiente escolar e, conseqüentemente, na sociedade**

O tema da censura, de alguma maneira, dialoga com a importância da indústria cultural – principalmente em Fahrenheit 451. A proibição da leitura e o estímulo por produtos da indústria de entretenimento possuem a função de impedir posicionamentos críticos na sociedade. Em uma sociedade culturalmente esfacelada, a censura governamental apenas consolida sua posição de controle.

A censura às ideias não chega a ser um fenômeno novo na sociedade, muito pelo contrário, sempre existiu, porém, em sociedades distópicas, contam com o apoio da tecnologia para a sua consolidação. Em *Admirável Mundo Novo*, a censura atua principalmente utilizando categorias psicológicas behavioristas, já em *Fahrenheit*, temos uma censura aberta e declarada, com instrumentos de coerção estatais extremamente eficientes.

Brandbury busca sempre demonstrar a imbecilidade e a violência que se fazem presentes em processos de controle de ideias. A sociedade que destrói ideias fatalmente não fadará em destruir humanos. Se existe um pressuposto que pode ser considerado indissociável de um modelo educacional com vista à formação cultural é exatamente a liberdade de pensamento. Não podemos ter um modelo educacional eficiente, se a censura for onipresente. Educação e censura são conceitos que não dialogam entre si. Se ainda temos dúvidas de qual é a forma mais eficiente para educar, não temos qualquer dúvida que um modelo educacional não pode conter em seus pressupostos a censura. Pensar que projetos de leis podem censurar o trabalho de professores pode ser visto como a implantação da sociedade distópica nos dias atuais.

- **O problema da banalização da violência e o fracasso em conceber um processo educacional contra a barbárie**

O último ponto que destacamos está na sociedade que estimula a barbárie em vez de impedi-la. Se a grande preocupação de Adorno estava em priorizar uma educação que evitasse a barbárie, nas obras, a barbárie ocupa papel central. A violência nos dois livros é televisionada – em *Admirável Mundo Novo*, temos a morte do selvagem sobre os holofotes das câmeras, já em *Fahrenheit*, um indivíduo foi morto em cadeia nacional com sendo Montag.

A educação em *Fahrenheit* possui um propósito bastante distinto de Adorno, busca severizar o ser humano. Uma educação com o intuito de aflorar os instintos de destruição do ser humano não poderia ser mais preocupante. Porém, como já observamos, existe, em nossa sociedade, uma valorização por modelos de educação que buscam a severidade. Modelos que buscam doutrinar, domesticar, disciplinar e restringir a liberdade humana; caminham em uma extremidade oposta à proposta de formação humana de Adorno.

- **Educação e Emancipação**

A educação, conforme constatamos em Adorno, deveria oferecer condições de autonomia verdadeira ao indivíduo, para que efetivamente ele conseguisse participar do

processo democrático. Atualmente constatamos que os modelos se apresentam muito mais próximos do que consideramos um modelo educacional heteronômico. O resultado prático deste modelo pode ser observado no controle, que acaba por produzir indivíduos que não são capazes de se autoguiarem, que atuam para o desenvolvimento do sistema econômico e incapazes de criticar e participar politicamente.

A heteronomia busca predispor pessoas a tomarem partido de situações que nunca viram, leram ou conhecem. A heteronomia produz reificação e visa conquistar um enorme contingente de ovelhas dóceis, servis e obedientes a ideais totalitários que podem ser traduzidos em barbárie.

O instrumento identificado por Adorno para evitar a barbárie seria a experiência, hoje, o instrumento rechaçado pela sociedade. O contato com obras possui um potencial libertador, porém percebemos uma grande resistência da sociedade à experimentação.

A resistência ao novo, constatada na sociedade por Adorno, pode ser entendida como o fenômeno do ressentimento apresentado em Nietzsche. Conforme observamos, a moral do ressentido rejeita tudo o que é proveniente da moral do senhor. O ressentido, por não ter a capacidade de ser senhor, rejeita, menospreza e até mesmo busca proibir tudo aquilo que ele não entende, produzindo então a censura. Pessoas doentes e incapazes de serem senhores de si mesmas consideram imoral, inapropriada e vergonhosa toda e qualquer manifestação de poder por parte dos seres superiores. A tentativa de instaurar a censura no ambiente escolar – por meio do projeto Escola sem Partido, ou mesmo a tentativa de retirar a Filosofia, na recente reforma do ensino médio – na verdade, não passam de tentativas de impor reificação aos estudantes. A censura busca oferecer segurança e tranquilidade à pessoa que desconhece algo, o fato de um conteúdo ser proibido fornece um alento a quem não gostaria de ter um contato com algo diferente.

Pensar é fazer experiências. E o que observamos atualmente é o menosprezo a este princípio. A máxima amplamente difundida, nos dias atuais, de que devemos repudiar uma exposição artística, uma peça de teatro ou uma teoria filosófica, trata-se exatamente do fenômeno oposto.

O esclarecimento apresentado em Kant/Adorno implica um sujeito que será capaz de definir por ele mesmo o que considera válido para a sua vida. Atrelar os aspectos educacionais ao conceito de emancipação implica tornar o sujeito soberano sobre a sua própria vida. Uma educação inspirada nesta concepção visaria ao fim da heteronomia que indignifica o ser humano.

Existe uma resistência ao que não conhecemos ainda. Normalmente as pessoas buscam refúgio no conhecido, a ideia de que já conhecemos algo oferece certa segurança e tranquilidade, a apresentação de algo novo retira essa estabilidade, oferecendo caminhos aparentemente movediços, e o medo ao novo surge. Uma reação ao desconhecido pode ser observada na censura. Perceber que o elemento que deveria ser rechaçado, a censura, atualmente é apresentado como uma solução para a deficiência educacional não poderia ser mais contraditório. O fogo da censura deve ser apagado, para que possamos, enfim, desenvolver um projeto educacional emancipatório. E para aqueles que se apresentam como a voz da censura, que fique a máxima retirada da obra de Bradbury: “Os que não constroem precisam queimar” (BRADBURY, 2016, p. 86). Prometeu<sup>83</sup> deve estar com vergonha da utilização que o homem faz da nobre tecnologia.

---

<sup>83</sup>No mito grego, Prometeu, um titã, foi o responsável por entregar o fogo aos homens. Esse dom, proveniente dos deuses, possibilitava a supremacia absoluta do homem na Terra, significava a primeira tecnologia.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: M. Fontes, 2007.
- ADORNO, T. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- ADORNO, T. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- ADORNO, T. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- ADORNO, T. **Minimamoralia**: reflexões a partir da vida lesada. Rio de Janeiro: Azougue, 2008.
- ADORNO, T. **Prismas**: crítica cultural e sociedade. São Paulo: Ática, 1998.
- ADORNO, T. Teoria da semiformação. In: PUCCI, B. ZUIM, A. Á. S., LASTÓRIA, L. A. C. N. (Org.). **Teoria crítica e inconformismo**. Campinas: Autores Associados, 2010.
- ALVES, R. Filosofia da ciência: introdução ao jogo e as suas regras. São Paulo: Loyola, 2004.
- ARAGAKI, B. **Educação Uol**. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/noticias/2017/09/12/trabalhador-com-nivel-superior-ganha-140-a-mais-mostra-estudo.htm>>. Acesso em: 29 set. 2017.
- ARDUINI, J. **Antropologia ousar para reinventar a humanidade**. São Paulo: Paulus, 2002.
- ARENDT, H. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. Fundamentos da investigação qualitativa em educação: uma introdução. In: \_\_\_\_\_. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e os métodos. Porto: Porto Editora, 1994. p. 15-80.
- BOL LISTAS. **60 recordes bizarros para comemorar os 60 anos do Guinness Book**. 2015. Disponível em: <<https://noticias.bol.uol.com.br/fotos/bol-listas/2015/09/01/60-recordes-bizarros-para-comemorar-os-60-anos-do-guinness-book.htm#fotoNav=1>>. Acesso em: 26 ago. 2017.
- BRADBURY, R. **Fahrenheit 451**. São Paulo: MEDIAfashion, 2016.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Encarte**: as novas diretrizes curriculares que mudam o ensino médio brasileiro. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/encarte.pdf>>. Acesso em: 9 set. 2017.
- BUCK-MORSS, S. Estética e anestésica: uma reconsideração de a obra de arte de Walter Benjamin. In: BENJAMIN, W. **Benjamin e a obra de arte**: técnica, imagem, percepção. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012. p. 155-204.
- CLÉMENT, C. **A viagem de Théo**. São Paulo: Companhia de bolso, 1997.

COSTA, B. C. Indústria cultural: análise crítica e suas possibilidades de revelar ou ocultar a realidade. In: PUCCI, B. **Teoria crítica e educação**. São Carlos: UFSCar, 1994. p. 177-197.

DIAS, T. **Uol entretenimento**. Disponível em UOL: <<https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2017/10/05/projeto-pode-proibir-vinda-de-bandas-ao-brasil-o-buraco-e-mais-embaixo.htm>>. Acesso em: 7 out. 2017.

ENDERLE, C. **Psicologia do desenvolvimento o processo evolutivo da criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FOLHA ONLINE. **Cotidiano**. 6 de novembro de 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u40033.shtml>>. Acesso em: 2 set. 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREUD, S. **Mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1974 . p. 42-94. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológica Completas de Sigmund Freud, 21).

GOBBI, N. **Em nota a clientes, Santander explica encerramento de mostra LGBT em Porto Alegre**. 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/artes-visuais/em-nota-clientes-santander-explica-encerramento-de-mostra-lgbt-em-porto-alegre-21807901>>. Acesso em: 23 set. 2017.

HUXLEY, A. **Admirável mundo novo**. São Paulo: Mediafashion, 2016.

KANT, I. **Cátedra UNESCO -UNB**. 2017. Disponível em: <<https://bioetica.catedraunesco.unb.br/wp-content/uploads/2016/04/Immanuel-Kant.-O-que-%C3%A9-esclarecimento.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2017.

KÖCHE, J. C. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 2011.

LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F.; TOSCHI, M. S. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. São Paulo: Cortez, 2012.

MALTA, M. **Projeto de lei do Senado**. Disponível em: <<file:///C:/Users/Nilber/Downloads/sf-sistema-sedo12-id-documento-composto-53013.pdf>>. Acesso em: 6 ago. 2016.

MEU BLOG ACADÊMICO. Disponível em: <<http://meublogacademico.blogspot.com.br/2011/08/01.html>>. Acesso em: 23 ago. 2017.

MUZZI, L. **Colégios militares crescem em meio a polêmica sobre ensino**. Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/cidades/col%C3%A9gios-militares-crescem-em-meio-a-pol%C3%AAmica-sobre-ensino-1.1111508>>. Acesso em: 2 set. 2017.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral uma polêmica**. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

PEREIRA, E. C.; SOUZA, T. C. **Bioética e biodireito**: um estudo de caso de experiências médicas. 2015. Disponível em: <<http://www.unisaesiano.edu.br/simposio2015/publicado/artigo0223.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

PINTO, T. S. **"Breve história da televisão"**. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/historiag/breve-historia-televisao.htm>>. Acesso em: 22 ago. 2017.

PUCCI, B.; ZUIN, A. A.; LASTÓRIA, L. A. **Teoria crítica e inconformismo**: novas perspectivas de pesquisa. São Paulo: Autores Associados, 2010. 250 p.

REALE, G.; ANTISERI, D. **História da filosofia**. São Paulo: Paulus, 2006.

ROSSI, M. **'Jesus trans' desabafa após peça ser proibida em SP**: 'Não vamos nos calar'. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/jesus-trans-desabafa-apos-peca-ser-proibida-em-sp-nao-vamos-nos-calar.ghtml>>. Acesso em: 23 set. 2017.

SANTOS, B. D. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2008.

STÖRIG, H. J. **História Geral da Filosofia**. Petrópolis: Vozes, 2008.

TÜRCKE, C. **A sociedade excitada**: filosofia da sensação. Campinas: Unicamp, 2010.

## ANEXOS



PODER JUDICIÁRIO  
**TRIBUNAL DE JUSTIÇA**  
DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

**Consulta de 1º Grau****Número do Processo (CNJ):**

9038978-35.2017.8.21.0001

**Comarca:**

Porto Alegre

**Órgão Julgador:**2ª Vara da Fazenda Pública/ Juizado 2  
(Foro Central)**Julgador:**

Juiz José Antônio Coitinho

**DESPACHO:**

9038978-35.2017.8.21.0001(CNJ) - Pedro Geraldo Cancian Lagomarcino Gomes (Pedro Geraldo Cancian Lagomarcino Gomes 63784/RS).

Decisões:

Vistos.

PEDRO GERALDO CANCIAN LAGOMARCINO GOMES, devidamente qualificado nos autos, ajuizou ação contra o MUNICÍPIO DE PORTO ALEGRE e PINACOTECA RUBEM BERTA. Disse que a Prefeitura Municipal de Porto Alegre está promovendo o Festival Porto Alegre em Cena,

contendo a peça O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu, prevista para ser realizada na Pinacoteca Rubem Berta, em 21 e 22/09/2017, às 22h. Afirmou que a peça é financiada com recursos públicos, advindos do Pró-Cultura RS, Prefeitura de Porto Alegre e Ministério da Cultura. Relatou que a peça traz a figura de Jesus Cristo representada por um travesti, propondo seu retorno na condição de transexual. Sustentou que a peça proposta é uma afronta aos costumes religiosos. Requereu, liminarmente, seja suspensa a exibição da peça teatral O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu, marcada para ser realizada dias 21 e 22 de setembro, às 22h, na Pinacoteca Rubem Berta. No mérito, pediu a procedência da ação, tornando definitiva a tutela de urgência, a fim de cancelar a exibição da aludida peça. Atribuiu à causa o valor de alçada. Juntou documentos.

É O RELATO.

PASSO A DECIDIR.

Há que ser indeferido o pedido liminar. Não se pode simplesmente censurar a peça O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu, sob argumento de que estamos em desacordo com seu conteúdo. A liberdade de expressão tem de ser garantida e não cerceada -- pelo Judiciário. Censurar arte é censurar pensamento e censurar pensamento é impedir desenvolvimento humano. O crime e a imoralidade que fere têm de ser oprimidos pelo julgador. A liberdade preservada. A peça, que possui texto de Jo Clifford, dramaturga transgênero escocesa, propõe -- fato notório -- uma reflexão sobre o preconceito que recai sobre orientações sexuais das pessoas. A atriz e travesti Renata Carvalho corporifica figura religiosa no tempo presente, com o que não pratica ilícito algum. Se a ideia

é de bom ou mal gosto, para mim ou para outra pessoa, pouco importa. Ao Juiz é vedado proibir que cada ser humano expresse sua fé ou a falta desta da maneira que melhor lhe aprouver. Não lhe compete essa censura. Há pouco tempo, assistimos ao assassinato de cartunistas franceses do Charlie Hebdo, que satirizaram questões religiosas. Na essência, foram censurados. Censurados por expressar sua maneira de pensar. Não, ao Juiz não compete censurar a fé ou sua ausência. A alegada questão da sexualidade de personagens, imaginada para o espetáculo, é absolutamente irrelevante. Transexual, heterossexual, homossexual, bissexual, constituem seres humanos idênticos na essência, não sendo minimamente sustentável a tese de que uma ou outra opção possa diminuir ou enobrecer quem quer que seja representado no teatro. Não se está a defender que é correta a total liberdade de escolha sexual e muito menos a condenar essa postura. Defendemos a liberdade de escolher, de toda pessoa escolher, de acordo com sua evolução, o que fazer de sua vida, em todos os aspectos, mantido o respeito pelo seu semelhante. Preciso é, de pronto, dizer que, gostemos ou não, a famigerada peça é, sim, uma obra de arte. Neste aspecto, dentro da subjetividade inerente ao tema, possível arriscar que erra o autor quando afirma isso não é arte (fl.02). Antes da estreia na Capital Gaúcha, já está aflorando paixões. Ódio, parece já ter despertado. O que melhor consistiria em arte do que a obra que toca, acaricia ou fere, os sentimentos humanos? O ajuizamento da presente demanda e as angústias que vertem da inicial são a prova contundente de que, de arte, estamos a falar. Claro que, como tal, está sujeita a toda crítica e o processo judicial a crítica duramente. Não estamos falando de encenação que será transmitida em televisão aberta. Tampouco em televisão a cabo. Nem em rádio serão ouvidas as falas dos artistas. Não vai invadir nossas casas e atormentar o imaginário de nossos

filhos ou vilipendiar a moral dos idosos. Trata-se de espetáculo funesto ou abençoado que terá lugar em ambiente fechado, cujo ingresso demandará despende dinheiro, não sendo permitida a entrada de pessoas com idade inapropriada. Na ficha técnica consta classificação: 16 anos. A nossos filhos em tenra idade não alcançará, a não ser que assim desejemos e para tanto diligenciemos. Não há falar em agressão à cultura ou à formação do caráter de quem quer que seja .No popular, diríamos, irá quem quiser ver. E, sem citar um único artigo de lei, vamos garantir a liberdade de expressão dos homens, das mulheres, da dramaturga transgênero e da travesti atriz, pelo mais simples e verdadeiro motivo: porque somos todos iguais. Je suis Charlie.

Citem-se.

Intimem-se.

Após as defesas, voltem para análise do pedido de inclusão no polo passivo de Esther Pillar Grossi.

Dil. Legais

**Data da consulta:** 19/09/2017

**Hora da consulta:** 22:17:34